

Zulmira Conceição Ferreira Pinto

A Perceção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2013

Zulmira Conceição Ferreira Pinto

A Perceção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2013

Zulmira Conceição Ferreira Pinto

A Perceção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -

Trabalho apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial, realizado sob orientação da Prof.^a Doutora Tereza Ventura.

Resumo

Uma criança sobredotada, é um ser com potencialidades “superiores”, que não estão concretizadas, mas estão ao seu alcance. Cabe-nos aos profissionais da educação, saber educá-los e encaminhá-los sempre no sentido do desenvolvimento máximo desse potencial.

Neste estudo visa-se a sensibilização dos professores para a problemática da sobredotação, contribuindo para um maior conhecimento das características e das necessidades das crianças e jovens sobredotados em idade escolar. Pretende-se também com este trabalho dar um contributo para o aumento do conhecimento sobre a temática em causa e, nomeadamente para a procura de soluções educativas mais ajustadas às características e necessidades destas crianças.

Sendo esta investigação um estudo de caso, abarca, para além da população constituída pelos docentes da ilha de S. Miguel (incluindo a professora titular de turma do aluno sobredotado), os encarregados de educação da criança em questão.

Dado que, no que respeita a esta temática, por vezes as dúvidas subsistem, procura-se dar ênfase a alguns aspetos teóricos, insistindo-se na definição de conceitos com valor operacional, suscetíveis de contribuir para a estruturação de uma intervenção educativa mais eficaz. Segue-se depois a articulação dos resultados com a literatura científica pertinente de modo a confirmar as hipóteses colocadas inicialmente e a levantar novas pistas, passíveis de serem aprofundadas futuramente, em novas investigações.

Palavras-chave: Perceção dos Professores, Formação, Criança Sobredotada, Família.

Abstract

A gifted child is a being with potential "superior", which are not implemented, but are at your fingertips. It behooves us to education professionals, learn to educate them and guide them always in the direction of maximum development of this potential.

This study aims to raise awareness of teachers to the issue of giftedness, contributing to a better understanding of the characteristics and needs of gifted children and young people of school age. It is also intended with this paper to contribute to increased

knowledge about the topic in question, and in particular for seeking educational solutions more suited to the characteristics and needs of these children.

As this research a case study, includes, in addition to the population constituted by the faculty of the island of S. Miguel (including the professor's class of gifted students), the guardians of the child in question.

Given that, with regard to this issue, sometimes the doubts persist, seek to emphasize some aspects of theoretical, insisting on the definition of concepts with operational value, likely to contribute to the development of an educational intervention more effective. Then follows the articulation of the results with the scientific literature in order to confirm the assumptions made initially and get new leads, liable to be investigated in the future.

Keywords: Perception of Teachers, Training, Child gifted, Family.

Dedicatória

A todos os que mais amo e que me amam com a mesma veemência. Pelo apoio e ensinamentos que formaram os alicerces da minha história e pela companhia, força e coragem ao longo da trajetória que me levou à concretização deste sonho.

Agradecimentos

A todos os participantes, que, direta ou indiretamente, fizeram com que esta investigação chegasse a bom porto. À Professora Doutora Tereza Ventura, pelo profissionalismo e pela sincera amizade e disponibilidade que sempre revelou para comigo.

A todos, Muito Obrigada!

Índice

Resumo	iv
Abstract.....	iv
Dedicatória.....	vi
Agradecimentos	vii
I – Conceção do Estudo	1
1 - Introdução.....	1
2 - Revisão da Literatura	7
i. Definição de Sobredotação	7
ii. A Sobredotação e o Ensino em Portugal.....	14
iii. A escola e a Criança Sobredotada	22
iv. Identificação da Criança Sobredotada.....	25
v. O Não Reconhecimento do Talento por Parte da Escola	29
vi. Respostas Educativas para Crianças Sobredotadas	32
vi.i. Programas de Aceleração	33
vi.ii. Programas de Enriquecimento	34
vi.iii. Programa de Segregação	34
vii. Interação Professor / Educador com a Criança Sobredotada versus a inadaptação do aluno à escola	37
viii. A Criança Sobredotada e sua Família	40
II. Estudo Empírico	43
1- Estudo Comparativo e Complementar.....	43
2- A Metodologia e Estrutura da Investigação	45
i. Objetivos Gerais	46
ii. Objetivos Específicos	46
iii. Abordagem Quantitativa	46
iii.i. Hipóteses Gerais	46
iii.ii. Sub-Hipóteses	47
iv. Abordagem Qualitativa	47

iv.i. Questões	47
v. Quadro de Operacionalização	50
vi. População Alvo e participantes	52
vii. Descrição dos Instrumentos	57
vii.i. Questionário (Anexo 8).....	57
vii.ii. Escala de Avaliação para Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (Anexo 9).....	58
vii.iii. Entrevista Semiestruturada à Professora Titular de Turma (Anexo 10) ..	60
vii.iv. Entrevista Semiestruturada aos Pais (Encarregados de Educação) (Anexo 11).....	60
vii.v. Blog (Anexo 12).....	61
III. Apresentação de resultados	63
1. Abordagem quantitativa: análise descritiva e teste das hipóteses	63
2. Abordagem qualitativa e resposta às questões colocadas.....	96
IV. Triangulação e Discussão dos Resultados.....	109
V. Considerações Finais, limitações e perspetivas	118
VI. Bibliografia.....	121

Índice de imagens

Figura 1- Modelo de Sobredotação dos três anéis, Pereira (2000), última versão	9
--------------------------------------------------------------------------------------	---

Índice de Quadros

Quadro 1 - Aspetos positivos e negativos da Criança Sobredotada	27
Quadro 2 - Características de aprendizagem e problemas coexistentes em crianças sobredotadas (adaptada de Falcão (1992))	38

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Tem alunos com NEE? Quantos?.....	64
Tabela 2 - Qual o nível em que se encontra informado para reconhecer uma criança sobredotada?	66
Tabela 3 - Conhecimento de crianças sobredotadas.....	67
Tabela 4 - Tipo de características que a criança sobredotada revela.....	68

Tabela 5 - A sua formação é adequada para ensinar alunos sobredotados?	70
Tabela 6 - Como considera a abordagem específica à temática "crianças sobredotadas" na formação básica dos docentes?	71
Tabela 7 - Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática "crianças sobredotadas" na formação de professores.	72
Tabela 8 - O seu currículo de formação inclui uma abordagem a esta temática?	73
Tabela 9 - Considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática "crianças sobredotadas"?	74
Tabela 10 - Qual o nível de importância que atribui à abordagem de cada uma das seguintes matérias nos currículos de formação de docentes?	75
Tabela 11 - Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais? 76	
Tabela 12 - Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?	76
Tabela 13 - Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas	77
Tabela 14 - Qual considera, das seguintes soluções, aquela que deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas?	78
Tabela 15 - Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados?	79
Tabela 16 - Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada? 80	
Tabela 17 - Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa?.....	80
Tabela 18 - No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?	82
Tabela 19 - Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?	83
Tabela 20 – Teste do Qui-quadrado - Formação vs preparação	84
Tabela 21 - Formação vs preparação	84
Tabela 22 - Teste do Qui-quadrado – Formação vs identificação	85
Tabela 23 - Formação vs identificação	85
Tabela 24 - Teste do Qui-quadrado – Conhecimento vs identificação.....	86
Tabela 25 - Conhecimento vs identificação	86

Tabela 26 - Consistência interna das dimensões da escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	88
Tabela 27 - Escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico.....	90
Tabela 28 - Estatísticas descritivas das dimensões.....	90
Tabela 29 - Significância das diferenças por género.....	91
Tabela 30 - Significância das diferenças por ano de escolaridade	92
Tabela 31 - Teste de Tukey – Conhecimento dos alunos vs percepção das suas competências sociais.....	92
Tabela 32 - Teste de Tukey - Conhecimento dos alunos vs percepção das suas competências atléticas	92
Tabela 33 - Teste de Tukey - Conhecimento dos alunos vs percepção da sua auto estima global.	93
Tabela 34 - Significância das diferenças por ano curricular em que o aluno se encontra	94
Tabela 35 - Teste de Tukey – Ano de escolaridade em que se encontra o aluno vs percepção das suas competências atléticas	94

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Género dos inquiridos por questionário e escala de avaliação.....	53
Gráfico 2 - Idade dos inquiridos por questionário e escala de avaliação	53
Gráfico 3 - Formação dos inquiridos por questionário e escala de avaliação	54
Gráfico 4 - Tempo de serviço dos inquiridos por questionário e escala de avaliação....	54
Gráfico 5 - Situação profissional dos inquiridos por questionário e escala de avaliação55	
Gráfico 6 - Na sua turma tem alunos com NEE?	64
Gráfico 7 - Se respondeu "sim" na questão 6, quantos alunos tem com NEE?.....	65
Gráfico 8 - Se respondeu "sim" na questão 6, quantos pensa que são sobredotados?....	65
Gráfico 9 – Qual o nível em que se encontra informado para reconhecer uma criança sobredotada?	66
Gráfico 10 - Conhece algum caso de criança sobredotada?	67
Gráfico 11 - Se respondeu sim, na questão anterior, nesta e nas questões 12, 13 e 14, assinale que tipo de características a criança sobredotada? Vertentes educativas e comportamentais.....	68

Gráfico 12 - Vertentes educativas e comportamentais - Níveis de motivação intrínseca	69
Gráfico 13 - Vertentes educativas e comportamentais - Expressão criativa (em qualquer domínio)	69
Gráfico 14 - Vertentes educativas e comportamentais - Interação com os pares	70
Gráfico 15 - A sua formação é adequada para ensinar alunos sobredotados?.....	71
Gráfico 16 - Como considera a abordagem específica à temática "crianças sobredotadas" na formação básica dos docentes?	72
Gráfico 17 - Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática "crianças sobredotadas" na formação de professores?	72
Gráfico 18 - O seu currículo de formação inclui uma abordagem a esta temática?	73
Gráfico 19 - Considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática "crianças sobredotadas"?.....	74
Gráfico 20 - Qual o nível de importância que atribui à abordagem de cada uma das seguintes matérias nos currículos de formação de docentes?.....	75
Gráfico 21 - Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais? 76	
Gráfico 22 - Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?	77
Gráfico 23 - Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas:	77
Gráfico 24 - Qual considera, das seguintes soluções, aquela que deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas?	78
Gráfico 25 - Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados?	79
Gráfico 26 - Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada?	81
Gráfico 27 - Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa?.....	81
Gráfico 28 - No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?	82
Gráfico 29 - Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?.....	83
Gráfico 30 - Género dos alunos considerados os melhores da turma.....	87

Gráfico 31 - Distribuição, por ano letivo, dos alunos considerados os melhores da turma	87
Gráfico 32 – Competências avaliadas pela escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	88
Gráfico 33 - Distribuição dos alunos, por género, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.....	91
Gráfico 34 - Distribuição dos alunos, por número de anos em que o professor os acompanha, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.....	93
Gráfico 35 - Distribuição dos alunos, por ano curricular em que se encontra, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.....	94
Gráfico 36 - Depoimento da professora titular.....	96
Gráfico 37 - Sobredotação no sistema educativo português. Opiniões dos professores sobre as publicações do blog	100
Gráfico 38 - Sobredotação na sociedade portuguesa - Opinião dos professores sobre as publicações do blog	101
Gráfico 39 - A criança sobredotada em contexto familiar - Depoimento dos pais	104
Gráfico 40 - Postura da família face ao papel da escola - Depoimento dos pais.....	105

Índice de Anexos

Anexo 1 - Declaração de Consentimento Informado (Professora Titular de Turma)	2
Anexo 2 - Declaração de Consentimento Informado (Encarregados de Educação).....	3
Anexo 3 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Relatório Circunstanciado)	4
Anexo 4 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Relatório Técnico-Pedagógico)	13
Anexo 5 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Projeto Educativo Individual).....	22
Anexo 6 - Relatório de Avaliação Psicológica.....	30
Anexo 7 - Registo de Avaliação final 2º ano do aluno sobredotado	44
Anexo 8 - Questionário	47
Anexo 9 - Escala para Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico	54
Anexo 10 - Entrevista Semiestruturada à Titular de Turma.....	56
Anexo 11 - Entrevista Semiestruturada aos Encarregados de Educação.....	67

Anexo 12 – Blog..... 73

I – Conceção do Estudo

1 - Introdução

Já muito se falou sobre crianças e jovens sobredotados e normalmente o que se evidencia são as suas características cognitivas e muito se fala também dos termos “génio” ou “prodígio”, na referência a um sobredotado. Mesmo na classe dos profissionais da educação tais termos e ideias ainda continuam presentes.

Bastos (2009), no seu estudo afirma que:

“As crianças sobredotadas, sendo potencialmente capazes e talentosas, podem, por vezes, revelar dificuldades escolares de adaptação, assumindo comportamentos inadequados como: indisciplina, tédio, frustração, ansiedade, desinteresse, podendo redundar, tudo isto, num fraco rendimento escolar”

Neste seguimento, cabe à escola adaptar-se a todo o tipo de necessidade de cada criança sempre com o intuito de seguir um só caminho, partir das suas dificuldades e potencialidades e levá-la a atingir o máximo sucesso. Para que estes resultados sejam atingidos na sua plenitude, as crianças devem ser incluídas em estruturas educativas da melhor forma possível. O verdadeiro desafio com estas crianças é torná-las indivíduos dotados de sucesso na sociedade que os espera do lado de fora do portão da escola que frequentam. (DEB,1998; Serra, 2005; Declaração de Salamanca, 1994)

Com esta investigação pretende-se reafirmar a premência da adaptação da escola à realidade dos alunos sobredotados e do papel dos professores no processo de ensino/aprendizagem dos mesmos. São, sem dúvida, duas traves mestras na construção profissional e individual destas crianças que apresentam características específicas que devem ser potenciadas. No que respeita ao papel do professor, Bastos (2009) menciona que “As percepções que os professores têm, sobre estes alunos e suas características específicas, poderão ser uma mais-valia ou um fator inibidor do seu desenvolvimento”. Neste seguimento, e como profissional da educação, desenvolver esta investigação é para a autora, em primeiro plano, uma busca de melhor preparação no que respeita ao reconhecimento/identificação de crianças sobredotadas, as suas características e necessidades e essencialmente, da capacidade de agir numa perspetiva o mais adequada possível e que vá de encontro ao desenvolvimento ótimo das capacidades destas crianças.

No que respeita à relevância social desta problemática e no seguimento das pesquisas feitas, conclui-se que foram realizados, nos últimos anos, alguns estudos que abordam a sobredotação. No entanto, os estudos efetuados concluem que, em Portugal, ainda se verifica a ausência de uma política de apoio à sobredotação. (Fleith, 2010; Pocinho 2009; Bastos, 2009)

Nas palavras de Manuela da Silva, presidente do Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança (CPCIL):

“Em Portugal não existe nada. Há uma legislação que aponta para o respeito pelo ritmo de aprendizagem de cada um e há legislação que aponta para igualdade de oportunidades, mas na prática não há formação de base de professores, o que os leva a fazer o que sempre fizeram: privilegiar a aprendizagem pela memorização. Na legislação vigente existem apenas pessoas medíocres, na média ou abaixo da média ou seja, não há sobredotados em Portugal. As pessoas não têm coragem de legislar novas formas de perspetivar o futuro, mas os recursos humanos são o futuro e temos de investir nessa área.”

Pode dizer-se que existe ainda um longo caminho a percorrer até que se atinja um patamar ótimo no que respeita à sobredotação no nosso país. Pretende-se com o presente estudo dar mais um passo em frente na clarificação do conceito tendo em atenção todas as suas implicações práticas.

Existe uma necessidade crescente de preparação dos profissionais da Educação, que os capacite para identificar e desenvolver estratégias adequadas que respondam às necessidades destas crianças.

É importante que os professores estejam sensibilizados e atentos a esta problemática, para que se desencadeie uma melhoria do ambiente escolar para estas crianças. Helena Serra, da direção da APCS (Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas), defende que é preciso acabar com a ideia de que o sobredotado é infalível. As crianças sobredotadas podem mesmo estar muito "aprimoradas" numas áreas, e noutras estarem num patamar comum às restantes ou terem mais lentidão na aquisição de aptidões.

Nas pesquisas efetuadas, e que se referem a estudos desenvolvidos nesta área, é de mencionar que existem já algumas investigações realizadas nos últimos anos em Portugal, o que revela uma crescente preocupação com esta problemática, como afirma Bastos (2009):

“Em Portugal, a questão da sobredotação só nos últimos anos mereceu maior atenção. Atualmente verifica-se um interesse crescente pela questão, estando a decorrer diversas iniciativas ao nível de colóquios, seminários, palestras, criação de novas associações e propostas de legislação adequada.”

Respeitante especificamente ao tema que se pretende desenvolver nesta investigação, existe um estudo terminado em 2009, por Anabela Bastos que aborda a sobredotação também na perspetiva dos professores. O referido estudo foi desenvolvido numa cidade do Norte de Portugal Continental (Paços de Ferreira).

Neste seguimento estabeleceu-se como objetivo inicial, saber até que ponto a existência de sobredotados no arquipélago dos Açores é uma realidade, reconhecida ou não. Após contacto com a Secretaria Regional de Educação, Ciência e Cultura, com a finalidade de saber da existência de alunos sobredotados nos Açores, constatou-se a necessidade de investigar a sobredotação na Região Autónoma dos Açores, mais propriamente na ilha de S. Miguel, uma vez que, nas palavras da pessoa competente consta que: “a sinalização de alunos sobredotados é um despiste que exige recursos humanos especializados e treinados pelo que esta Direção Regional não dispõe da informação solicitada.”. Este estudo tomou, a partir desta resposta, uma importância ainda maior, assumindo o compromisso de tentar saber se realmente estão sinalizadas crianças sobredotadas na ilha de S. Miguel e como são tratadas ao nível do ensino.

Tendo em conta o contexto em que foi feita a investigação de Bastos (2009), verificou-se de toda a pertinência, aplicar o mesmo tipo de estudo, tendo como alvo os professores, desta feita num contexto socioeconómico e cultural bem diferente, como o que existe na Região Autónoma dos Açores, mais em particular na ilha de S. Miguel, assumindo uma abordagem comparativa e complementar. Pretende-se neste seguimento, comparar, validar, contrapor e aumentar as diferentes dimensões e perspetivas, tendo em conta um contexto e uma realidade particulares.

Bastos (2009), concluiu no seu estudo que: “As crianças e jovens sobredotados necessitam de acompanhamento na escola, na família e na sociedade. A ausência de uma política de apoio à sobredotação impedirá uma intervenção educativa eficaz.”

No que respeita ao facto de os professores estarem preparados para identificar e trabalhar com crianças sobredotadas a mesma investigadora menciona no seu estudo

que: “(...) alguns docentes por falta de formação ou vontade, não reconhecem um aluno com características específicas, mesmo que este evidencie capacidades acima da média.”

Tendo em conta a experiência pessoal de conhecimento do crescente número de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) na Ilha de S. Miguel, considera-se interessante e premente conhecer e analisar a realidade existente no contexto escolar, mais propriamente no que respeita ao conhecimento dos professores sobre a sobredotação. Neste seguimento, estabeleceu-se como objetivo geral: contribuir para a compreensão da sobredotação em contexto escolar. Colocando-se desde logo, numa abordagem qualitativa, as seguintes hipóteses a testar:

- O conhecimento, a formação e o trabalho com crianças sobredotadas são fatores facilitadores para a identificação e atendimento à criança sobredotada e para o reconhecimento desta como uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE);
- O género, o ano curricular em que se encontram os alunos, e o tempo de conhecimento dos alunos, por parte do professor (continuidade letiva), são fatores que influenciam a percepção dos professores na identificação de características relacionadas com o autoconceito, em crianças com ótimo desempenho escolar, em diferentes domínios (Competência Escolar, Conduta/Comportamento, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física e Autoestima Global).

Foram aplicados dois instrumentos de recolha de dados: um inquérito por questionário e uma escala de avaliação para professores do 1º ciclo, instrumentos utilizados no estudo de Bastos (2009), na tentativa de dar resposta às hipóteses colocadas, no pendor quantitativo.

A existência de um pendor qualitativo verifica-se fundamental, numa investigação deste género, uma vez que se pretende conhecer opiniões de indivíduos sobre a problemática da sobredotação. Sendo a presente investigação comparativa e complementar à de Bastos (2009), verificou-se a necessidade de ir mais além, abordando a problemática numa perspetiva qualitativa. Neste seguimento optou-se pela criação de um fórum de discussão on-line, dito Blog, com publicações de comentários e vídeos sobre a

sobredotação e crianças sobredotadas, onde os participantes, incitados à participação através do inquérito por questionário, colocaram as suas opiniões.

Aquando da recolha de dados para este estudo, a investigação tomou um outro rumo – um estudo de caso. Surgiu uma criança, incluída numa das escolas do público alvo, sinalizada como sobredotado. Um menino com sete anos de idade que frequentava o segundo ano de escolaridade, numa escola do 1º Ciclo do Ensino Básico, na cidade de Ponta Delgada. Neste seguimento, no presente estudo fez-se também uma abordagem à realidade de uma criança sobredotada em contexto socioeconómico, familiar e escolar na ilha de S. Miguel. Para efetuar tal abordagem, com o intuito de aferir qual a realidade escolar e familiar de uma criança sobredotada, e fazendo parte integrante do pendor qualitativo do estudo, foram aplicadas, junto dos encarregados de educação e da professora titular de turma do menino em questão, entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e formuladas com a finalidade de dar resposta às questões de investigação colocadas. No discurso dos pais, tentou-se dar resposta às seguintes questões: i) quais os interesses manifestados pela criança sobredotada?; ii) quais as capacidades excecionais apresentadas pela criança sobredotada?; iii) qual a relação que a criança estabelece com os familiares e conhecidos?; iv) como é que a criança sobredotada seleciona as suas amizades?; v) como se apresenta a criança sobredotada, no que respeita ao comportamento/atitudes no seu dia-a-dia?; vi) como se apresenta a criança sobredotada no que respeita a aspetos relacionados com a autoestima, aparência física e competência atlética?; vii) qual a opinião dos pais, face às respostas dadas pela escola, à criança sobredotada?. Já no depoimento da professora titular de turma obtiveram-se dados para dar resposta às seguintes questões: i) a continuidade letiva favorece as relações interpessoais do aluno sobredotado?; ii) o aluno sobredotado é considerado uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE)?; iii) o comportamento do aluno sobredotado dificulta a sua identificação?; iv) a adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas facilita a aprendizagem do aluno sobredotado?; v) a falta de conhecimentos e/ou formação, na área da sobredotação, dificulta a ação do professor com o aluno sobredotado?; vi) a falta de recursos na escola dificulta a ação do professor e o desenvolvimento do aluno sobredotado? e vii) quais as capacidades excecionais do aluno sobredotado, que facilitam e/ou dificultam a sua aprendizagem? Neste seguimento, tomou-se assim como segundo objetivo desta investigação:

contribuir para a compreensão da sobredotação em contexto familiar e na relação escola/família.

Mediante o exposto, e diretamente relacionado com o aluno sobredotado acima mencionado, este estudo incidiu sobre a o tipo de atuação da professora titular de turma para com o aluno em questão, o testemunho dos pais, no que respeita à vida familiar da mesma criança e também na recolha de dados complementares e relevantes como os que constem em relatórios que atestem a sua sobredotação.

2 - Revisão da Literatura

i. Definição de Sobredotação

O conceito de sobredotação tem sofrido, ao longo do tempo, evoluções em diferentes direções, assim como o conceito de “inteligência”.

Até aos anos 60, e segundo alguns autores como Pereira (1998) e Feldhusen e Jarwan (2000), predominou uma leitura reducionista das altas habilidades, associando-se a sobredotação ao elevado QI.

A sobredotação estava associada ao elevado rendimento académico e ao QI acima dos 140, que nascia com o indivíduo e perdurava toda a vida. No entanto, a partir da década de 60 o conceito de sobredotação sofreu algumas alterações significativas, após algumas investigações mais direcionadas para a componente educativa.

Após pesquisa sobre a temática, pode afirmar-se que existem vários conceitos e modelos de sobredotação, tornando-se assim mais difícil chegar a uma teoria útil e equilibrada.

No que respeita à sobredotação, existe desde há muitos anos, uma preocupação e interesse no seu estudo, tendo como linha de fundo a definição de sobredotação. Embora não no nosso país, existem, desde há muitos anos, estudos sobre a temática.

A sobredotação é uma problemática muitíssimo complexa, não sendo possível escolher uma definição universal e consensual que defina uma criança como sobredotada. No entanto, é basilar estabelecer um conjunto de princípios que possibilitem a construção de uma definição.

Assentando nesta linha de reflexão, existe a necessidade de apresentação de um panorama bem delimitado com o intuito de facilitar não só o entendimento desta temática como também ajudar a projetar a intervenção educativa.

Neste seguimento, um programa de intervenção educativa é o mais ajustado a um dado aluno, quanto maior for a informação recolhida sobre o mesmo, respeitante a diversas áreas do desenvolvimento e do saber, como capacidades, emoções, expectativas, necessidades, contextos em que interage.

Corroborar o apresentado, Serra (2001) *cit in* Serra (2004) quando define aluno sobredotado como:

“(...) alguém que possui um conjunto de vincadas características pessoais, entre as quais se salientam: percepção e memória elevadas, raciocínio rápido, habilidade para conceptualizar e abstrair, fluência de ideias, flexibilidade de pensamento, originalidade e rapidez na resolução de problemas, superior inventividade e produtividade, elevado envolvimento na tarefa, na persistência, entusiasmo, grande concentração, fluência verbal, curiosidade, independência, rapidez na aprendizagem, capacidade de observação, sensibilidade e energia, auto direção, vulnerabilidade e motivação intrínseca”.

Ainda nas palavras da mesma autora (2004), podemos conhecer outras definições mais singulares sobre sobredotação, que levam a uma abordagem da sobredotação dando ênfase a situações mais precisas da componente humana.

Citando Serra (2004):

“ Na teoria das inteligências múltiplas, desenvolvida por Howard Gardner (1994), a mente humana é multifacetada, existindo várias capacidades distintas que podem receber a denominação de inteligência: lógico-matemática, linguística, musical, físico-cinestésica, espacial, interpessoal e intrapessoal, naturalista; Na teoria da criatividade o enfoque é colocado na atividade de criar, de produzir aquilo que é simultaneamente inusitado e útil, envolvendo a capacidade de perceber possibilidades, tolerar ambiguidades, recombinar, pensar independentemente, planejar, julgar sem preconceitos e perceber analogias.”

Não existe nenhum modo ideal de se medir a inteligência. Renzulli (1984), defende que se deve evitar a prática tradicional de acreditar que se conhecer o Q.I. de uma pessoa, também se conhece a sua inteligência.

Seguem-se algumas definições atuais:

- Segundo Silva (1992), “o sobredotado é todo o indivíduo que apresenta capacidade acima da média em áreas diversas. Que podem surgir isoladas ou em combinação.”
- Falcão (1992), afirma também que:

“Uma Criança sobredotada é aquela que possui um potencial humano de nível superior e frequência constante em qualquer uma, ou mais, das áreas operacionais das I.M (inteligências múltiplas), permitindo prognosticar, se fornecidas adequadas oportunidades de desenvolvimento, um elevado grau de competência específica, quer na solução de problemas, quer na criação de produtos.”

- Alencar (1986), menciona ainda que:

“São consideradas crianças sobredotadas e talentosas as que apresentam notável desempenho e/ou elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspetos, isolados ou combinados: a) Capacidade intelectual superior; b) Aptidão académica específica; c) pensamento criador ou produtivo; d) Capacidade de liderança; e) Talento especial para artes visuais, artes dramáticas e música; f) Capacidade psicomotora.”.

Das concepções mais atuais, destaca-se o modelo de sobredotação citado por Pereira (2000), designado de “três anéis”. Este modelo foi desenhado e proposto pelo professor norte-americano Joseph Renzulli.

Renzulli (1994), apresenta um modelo fatorial, defendendo que para haver sobredotação devem confluir três elementos interdependentes: capacidade intelectual acima da média, mas não necessariamente excepcional; criatividade elevada e persistência na tarefa. A presença solitária de qualquer um dos anéis “não faz a sobredotação”.

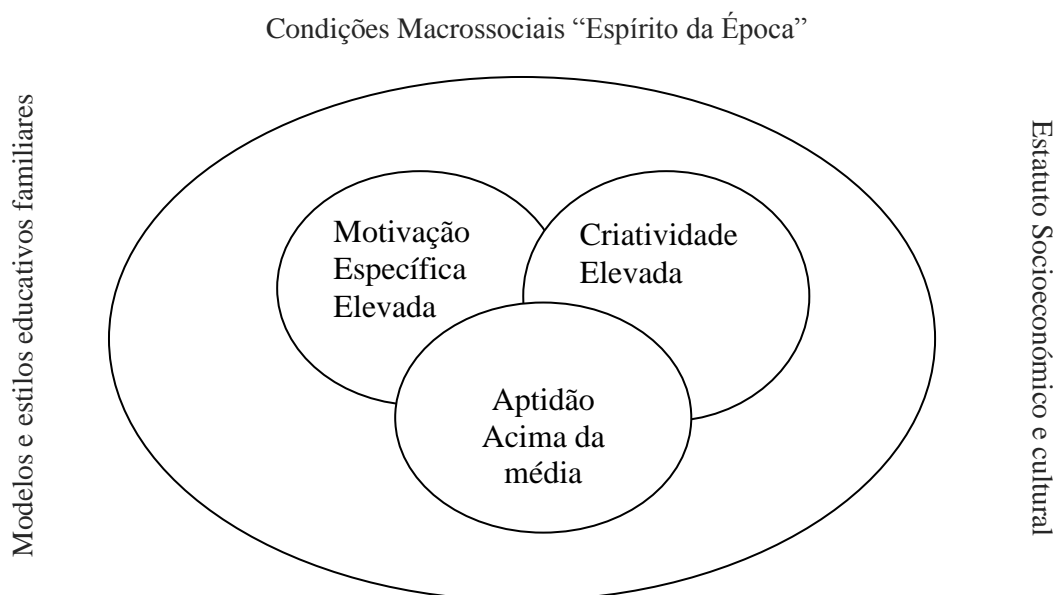


Figura 1- Modelo de Sobredotação dos três anéis, Pereira (2000), última versão

A evolução da definição de sobredotação não foi feita à custa da exclusão e/ou substituição de uns aspetos por outros, mas antes no acrescento e/ou integração de múltiplas dimensões nessa definição. Tal como referem Almeida e Oliveira (2000):

“Esta situação parece-nos particularmente presente na teoria dos “três anéis” de Renzulli onde, a par da inteligência, se acrescentam duas outras dimensões psicológicas na definição de sobredotação: a)

os altos níveis de implicação na tarefa, ou seja, níveis elevados de tempo, esforço, energia e perseverança nas tarefas; e b) os níveis de originalidade ou de criatividade nesse desempenho.”

No passado, os testes de QI eram o único indicador da existência de sobredotados. O Sobredotado seria aquele que nos testes de inteligência obtinha resultados significativamente acima da média.

Referente à relação entre elevado QI e sobredotação Pocinho (2009), valida esta ligação mencionando que tal associação foi defendida por alguns psicólogos, especificamente formados na área da psicometria, seguindo os passos de Lewis Terman (1916). Esta relação continua, em parte, atual, uma vez que sobredotação e QI elevado continuam, por parte de muitos a ser sinónimos.

Nas palavras da mesma autora podemos ler que:

“Segundo Johnsen (2004), todas as crianças sobredotadas apresentam um potencial de alta performance nas áreas incluídas na definição federal americana de aluno sobredotado ou talentoso, ou seja: “[...] ‘gifted and talented’ when used in respect to students, children, or youth means students, children, or youth who give evidence of high performance capability in areas such as intellectual, creative, artistic, or leadership capacity, or in specific academic fields, and who require services or activities not ordinarily provided by the school in order to fully develop such capabilities.”

No entanto, os testes que têm vindo a sofrer contestação, por não contemplarem áreas consideradas importantes para determinar a sobredotação como: a criatividade, a persistência e a concentração nas tarefas. São também considerados frágeis, pouco fiáveis, subjetivos e não eficazes.

Deste modo, os testes de QI para além de não disponibilizarem informação relevante para a organização e intervenção educativa também nem sempre conseguem identificar a sobredotação, uma vez que não dão conta das características do desempenho e níveis de excelência intelectual dos sujeitos, em múltiplas áreas da sua atividade não contempladas nos testes.

Hoje, procura-se definir as características de sobredotação apoiadas no desempenho manifestado nas situações de interação que estabeleçam com os outros, os objetos e

conceitos. À escola, cabe-lhe a responsabilidade de criar oportunidades e experiências de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento e expressão da sobredotação.

Neste seguimento e no que respeita à definição de sobredotação, Bastos (2009) afirma que:

“Renzulli advoga que é da interação destas três características que resultará um desempenho superior. Assim, Renzulli, Reis e Smith (1981, p.27) definem a sobredotação como: “uma interação entre os três grupos básicos de traços humanos acima referidos, e que as crianças sobredotadas e com talento são as que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e de aplicá-los a qualquer área potencialmente valiosa da realização humana”.

Na sequência dos trabalhos de Renzulli (1984), é possível estabelecer um conjunto de características comportamentais das crianças sobredotadas.

► No plano das aprendizagens:

- O vocabulário é avançado para a idade e para o nível escolar;
- Têm hábitos de leitura independente por iniciativa própria; preferências por livros que normalmente interessam crianças mais velhas;
- Revelam domínio rápido da informação e facilidade na evocação de factos;
- Têm fácil compreensão de princípios subjacentes, capacidades para generalizar conhecimentos, ideias, soluções;
- Apresentam resultados e/ou conhecimentos excecionais numa ou mais áreas de atividade ou conhecimento

► No plano motivacional:

- Têm tendência para iniciar as suas próprias atividades;
- Revelam persistência na realização e finalização de tarefas;
- Buscam a perfeição;
- Revelam aborrecimento face a tarefas de rotina.

► No plano da criatividade:

- Apresentam curiosidade perante um grande número de coisas;

- Revelam originalidade na resolução de problemas e relacionamento de ideias;
 - Têm pouco interesse pelas situações conformistas.
- ▶ No plano da liderança:
- Apresentam autoconfiança e tendência para assumir a responsabilidade das situações;
 - Revelam fácil adaptação às novas situações e às mudanças rotineiras.
- ▶ No plano social e do juízo moral:
- Revelam interesse e preocupação pelos problemas do mundo;
 - Apresentam ideias e ambições muito elevadas;
 - Fazem juízo crítico face às suas capacidades e às dos outros;
 - Revelam interesse pelo relacionamento com indivíduos mais velhos.

No estudo de Bastos (2009), quando referindo palavras de Helena Serra: “É importante desmistificar a ideia de que uma criança sobredotada é um génio diferente, desligado do mundo real”.

O conceito de sobredotação, segundo Alencar (1986), é um conceito psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa, sendo uma tarefa difícil ou mesmo impossível propor uma definição precisa e aceite universalmente a seu respeito.

Pocinho (2009), cita na sua publicação o Modelo Diferenciado de Sobredotação e Talento apresentado por Gagné (2000, 2004). Este último autor vai mais longe na sua definição de sobredotação, evidenciando a forma como os “talentos específicos podem emergir das influências e interações ambientais.” Patenteia também a necessidade de desagregar os termos sobredotação e talento.

Neste seguimento, para o mesmo autor (2000, 2004), ser sobredotado é uma questão de genética, enquanto os talentos “são o produto de uma interação de predisposições

naturais com o ambiente, ou seja, contextos físicos e sociais que envolvem o indivíduo, nomeadamente a família e a escola.”

Remetendo-se também à influência do meio, Serra (2004) afirma que:

“Cada criança traz em si uma combinação essencial e substancialmente única de traços, características e atributos, oriundos não somente da sua constituição e plano genético, como também derivados de muitos fatores de influência presentes no ambiente a que é exposta, dentro dos vários grupos a que pertence; realçando-se a importância da qualidade da interação entre estes dois conjuntos de fatores determinantes. Na família, a criança encontra modelos peculiares e maneiras próprias de interpretar o que acontece à sua volta, aprendendo a comportar-se de forma idêntica à do grupo familiar, tendo estes talentos especiais ou não.”

Em jeito de conclusão, Fleith (2007) menciona que, a sobredotação:

“ (...) devido a sua natureza multidimensional, abarca uma infinidade de variáveis e características que se manifestam simultaneamente, mediando o desenvolvimento de comportamentos superdotados. As conceções teóricas-empíricas, ao apresentarem visões diferenciadas e até mesmo conflitantes sobre a sobredotação, acentuam ainda mais a complexidade deste objeto de estudo e imprimem a necessidade de uma compreensão cada vez mais holística e distanciada da visão unidimensional associada ao conceito de QI. Essa visão limitada tem sido substituída por uma visão multidimensional que envolve sistemas biológicos, psicológicos, emocionais, sociais, históricos e culturais.”

De todas as definições de sobredotação anteriormente apresentadas, toma-se como ponto de partida para o estudo empírico a de Serra (2004), por ser a que mais se identifica com os objetivos deste estudo. A autora enfatiza a importância dos fatores ambientais e da interação do indivíduo com os mesmos realçando também a importância e o papel da família no desenvolvimento da criança sobredotada, aspetos investigados também no presente estudo. A validade da conceituação da autora mencionada, está já assumida no modelo apresentado por Pereira (2000), este por sua vez, sendo da autoria de Renzulli (1994).

ii. A Sobredotação e o Ensino em Portugal

Segundo Martins (2010), a Organização Mundial da Saúde define o aluno sobredotado como uma pessoa com um quociente intelectual igual ou superior a 130 (sendo a média de 80-120), enquanto que, o Ministério da Educação considera sobredotadas as crianças com esse mesmo quociente intelectual, mas que apresentam um nível de rendimento intelectual superior em variadas capacidades e aptidões e que, para além disso, aprendem com facilidade os conteúdos de qualquer matéria ou área. Valoriza não só as capacidades cognitivas, como as psicológicas e sociais, como o desempenho académico, a criatividade, a motivação, a personalidade, a resposta a diferentes contextos e problemas e uma excelente produtividade.

Bastos (2009), afirma na sua investigação que:

“Historicamente, as primeiras concepções de sobredotação aparecem ligadas a conceitos tradicionais de genialidade. Desde uma abordagem psicométrica, que avaliava sobretudo a sobredotação a um nível intelectual, segundo Galton, citado por Pereira (1998), passando pela investigação das diferenças individuais com o estudo das características físicas e psicológicas dos sujeitos levado a cabo por Terman (1925, *in* Pereira, 1998), com a introdução de modelos multifatoriais (modelos de Thurstone, 1938, Guilford, 1956, *in* Pereira, 1998) na qual se procurava, através de uma metodologia comparativa, a existência de uma estrutura singular, própria do sobredotado e que explique a sua atuação.”

Prosseguindo nas palavras de Bastos (2009), a mesma afirmar que:

“(…) a sobredotação deixou de ter por base de sustentação o conceito originário que a apontava como uma capacidade intelectual (inteligência), para passar a ser entendida como um apêndice do próprio indivíduo, isto é, o sobredotado será um indivíduo tal qual outro, acrescido de competências e capacidades eloquentes particularizadas, que lhe permitirão uma maior ênfase em campos tão variados como a “capacidade intelectual, aptidões artísticas, criatividade, motivação, liderança, habilidades artísticas, habilidades psicomotoras e habilidades mecânicas” (Renzulli, 1996, *in* ANEIS, 2000), e que se refletem na “capacidade verbal, variedade de interesses, curiosidade, memória a curto e a longo prazo, persistência, independência, criatividade, sensibilidade, sentido de valorização das “coisas”, pensamento abstrato, ação e sociabilidade”(Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança).”

Alicia Rodríguez Díaz-Concha, presidente da Associação Espanhola de Pessoas

Sobredotadas e com Talento, *cit. in* Martins (2010), afirma que, “o sobredotado deverá possuir três características essenciais: inteligência extraordinária, grande capacidade de trabalho e elevado grau de criatividade.”.

Nas palavras de Bastos (2009):

“Em Portugal, a questão da sobredotação só nos últimos anos mereceu maior atenção. Atualmente, verifica-se um interesse crescente pela questão, estando a decorrer diversas iniciativas ao nível de colóquios, seminários, palestras, criação de novas associações e propostas de legislação adequada.”

No nosso país, e no que toca a estudos nesta área, temos como pioneira a Universidade de Coimbra, através da sua Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Aqui foram realizados vários estudos na área da avaliação da precocidade, da entrada antecipada na escola, da progressão de alunos que foram acelerados em termos escolares e avaliação de provas cognitivas e de criatividade com objetivos claros de avaliação diferencial destes alunos.

Dois dos maiores estudos no que respeita a esta temática, efetuados em Portugal, foram os realizados por Ilídio Falcão (1988), na tese de mestrado em Educação, que em 1992 seria publicada sob o título “Crianças sobredotadas: Que sucesso escolar?”, e o primeiro doutoramento em Psicologia na área da sobredotação, realizado por Marcelino Pereira (1998), sob o título “Crianças sobredotadas, estudos de caracterização”.

Fazendo uma abordagem mais reduzida, por datas e estudos de mestrado e doutoramento, por um período compreendido entre 1998 e 2010, pode-se afirmar, segundo Miranda e Almeida (2010) que, em Portugal, entre 1998 e 2009, no que respeita a estudos de Doutoramento no tema da sobredotação, foram realizados e publicados apenas 5. No que respeita a estudos de Mestrado no tema da sobredotação, desta vez entre 2000 e 2010, verificam-se 21 estudos publicados. De mencionar que a recolha de dados feita pelos autores mencionados anteriormente, baseou-se nos estudos disponibilizados *online*, nos repositórios abertos das Universidades e Institutos Politécnicos portugueses, no repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (ACAAP) na UMIC – Agência para a sociedade do Conhecimento, no Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (GPEAR), no Depósito de Dissertações e Teses Digitais

(DiTed) e nos resultados obtidos a partir do motor de busca Google, considerando as palavras “sobredotação”, “sobredotadas”, “sobredotados” e “excelência”.

A Divulgação da problemática da sobredotação em Portugal, teve início uns anos antes e ficou a dever-se ao aparecimento e entusiasmo de algumas associações privadas.

Em 1986 nasceu em Portugal uma importante associação, a APCS (Associação Portuguesa das crianças sobredotadas).

Em agosto de 1986, realizou-se a 1ª conferência portuguesa de Crianças Sobredotadas no Porto, com especialistas estrangeiros. Tal acontecimento foi a melhor forma de introduzir o tema e a sua relevância educativa no nosso país.

Fleith et al (2010) mencionam que:

“(…) destacamos os representantes dos Estados Unidos ligados ao *World Council for Gifted and Talented Children (WCGTC)* e vários académicos do Brasil com que Portugal manteve fortes ligações a partir de então. Esta Associação promoveu, de seguida, a 2ª Conferência Nacional sobre Crianças Sobredotadas, optando pelo tema “A escolha do modelo de atendimento do sobredotado mais adequado para Portugal”. Esta reunião decorreu também na cidade do Porto, em Março de 1987, e contou com a presença do Presidente do WCGTC, Harry Passow. Várias recomendações ao governo e ao sistema educativo foram difundidas na comunicação social tomando os programas de intervenção em curso noutros países. Na sequência destas Conferências, em Novembro de 1987, realiza-se o primeiro curso sobre “Educação de Sobredotados”, orientado por Doroty Sisk e Hilda Rosselli da Universidade da Florida do Sul, promovido pela APCS e destinado a professores e outros profissionais vinculados à Associação. A par das atas e outras publicações associadas às duas conferências realizadas, a APCS edita uma brochura, em formato de livro, intitulada “Deixem-me passar: Orientações para pais e professores de crianças sobredotadas”, que teve bastante difusão na comunidade educativa.”

Em Março de 1989, foi criado o CPCIL (Centro Português para a Criatividade Inovação e Liderança). Este centro tem vindo a realizar várias ações no âmbito da sobredotação e das crianças sobredotadas. É uma instituição que atua significativamente na formação de professores, consultoria junto do Ministério da Educação e apoio às famílias e escolas.

No que respeita à intervenção, existe uma parceria entre a CPCIL e o Ministério da Educação português em que, segundo Fleith et al (2010), foram desenvolvidas algumas atividades no âmbito da sobredotação como:

“(…) a realização em Lisboa da “Conferencia sobre Sobredotação” de âmbito Europeu em 1987, a implementação do projeto de Apoio ao Desenvolvimento Precoce (PADP) em escolas básicas da Grande Lisboa entre 1996 e 1998, ações de formação para professores em todo o País, edição em 1998 de uma brochura da autoria de Jorge Senos e Teresa Diniz, com tiragem de 15.000 exemplares, intitulada “Crianças e Jovens Sobredotados: Intervenção Educativa”, difundida pelas escolas públicas do País (Miranda e Almeida, 2002).”

Em Maio de 1995, surgiu a Associação Portuguesa para o Estudo da Problemática da Inteligência, Criatividade e Talento (APEPICTa). Nas palavras de Fleith et al (2010), esta associação tem por objetivo:

“(…) desenvolver o estudo e a realização de ações de sensibilização, formação e investigação dos problemas inerentes ao estudo do trinómio inteligência, talento e criatividade. Esta Associação com ligações ao Centro “Huerta Del Rey” em Espanha, teve a seu cargo a organização do II Congresso da Federação Ibero-Americana do *World Council for Gifted and Talented Children*, na cidade da Maia em Outubro de 1996, sobre a problemática socioeducativa dos alunos sobredotados.”

Em 1998 foi fundada a ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação) que tem vindo a realizar ao longo dos últimos anos inúmeras atividades tendo em vista, sobretudo, melhorar a qualidade de vida das crianças sobredotadas.

Sobre esta associação, Fleith et al (2010) mencionam que, a mesma tem desenvolvido várias atividades no âmbito da sobredotação, tais como:

“Vários seminários e colóquios, envolvendo principalmente académicos portugueses, brasileiros e europeus, têm sido anualmente organizados com o objetivo de discutir o conceito, a avaliação e o atendimento dos alunos sobredotados ou, ainda, para sensibilizar as famílias e a formação de profissionais. Das várias iniciativas que decorreram nos anos subsequentes à criação da ANEIS destaca-se o “*First European Council for High Ability Research Seminar*” do *European Council for High Ability* em parceria com a Universidade do Minho em 2000, ou os seus congressos nacionais realizados anualmente em diferentes regiões do País. Esta associação desenvolve igualmente o Programa de Enriquecimento em Domínios da Aptidão, Interesse e Socialização (PEDAIS), que se iniciou na cidade de Braga e se estendeu a outras Delegações noutras capitais de Distrito. A ANEIS organiza um Campo de Férias “Estimulo ao Talento e à Cooperação...” (ETC...) para adolescentes talentosos de todo o País, com a duração de uma semana nas férias de verão e cuja 1ª edição teve lugar em Julho de 2000.”

Um outro acontecimento importante e recente, no que respeita à discussão da sobredotação em Portugal, tratou-se do 1º Seminário Ibérico sobre sobredotação, em abril de 2008, organizado pela Universidade Fernando Pessoa, sob a coordenação da Dr.^a Ana Costa. Este seminário realizou-se no seguimento da criação de uma unidade

curricular, no 2º ciclo de Bolonha em Portugal, denominada Psicologia da Sobredotação e do Talento. Nas palavras de Ana Costa *cit. in* Reis (2008), o referido acontecimento contribuiu uma vez mais para abordar a sobredotação tentando acabar com alguns mitos existentes, tendo como objetivo debater a problemática da identificação e acompanhamento de uma criança sobredotada: “Queremos que este tema comece a ter visibilidade, para que as crianças sobredotadas possam ser avaliadas o mais precocemente possível, ser bem acompanhadas e bem estimuladas. Isto são coisas que não acontecem atualmente.” É clara a importância que a sobredotação assume nas instituições de ensino superior em Portugal, apontando para a importância de estudar a sobredotação.

De mencionar ainda, no mapa dos acontecimentos marcantes em Portugal sobre a sobredotação, os Congressos Internacionais da ANEIS, que têm vindo ao longo dos últimos anos a debater a sobredotação, sob os mais variados temas, com a participação de especialistas e investigadores portugueses e estrangeiros, na área, dirigindo-se aos mais diversos públicos. Cita-se o Congresso Internacional de 2011 subordinado ao tema “Sobredotação e Talento: atenção da escola à diversidade” e o de 2012 com o tema “Sobredotação: práticas inclusivas promotoras de talentos”.

No que respeita à Legislação Portuguesa existente até aos dias de hoje, o decreto-lei nº3/2008 de 7 de Janeiro, que diz respeito a todas as crianças com Necessidades Educativas Especiais e que regulamenta a sua integração na escola regular, com o objetivo da construção de uma escola inclusiva e para todos, não contempla em nenhum dos aspetos referenciados as crianças sobredotadas.

Serra (2005) afirma que o Ministério da Educação tem já assumido teoricamente a sobredotação em algumas publicações, mencionando que:

“Sobredotação constitui a expressão de um conjunto de fatores interatuantes que resultam na manifestação de um desempenho saliente. (...) O ambiente educativo em que se processa o desenvolvimento das crianças e, particularmente, a escola, joga um papel decisivo na sobredotação cabendo-lhe a responsabilidade de criar oportunidade e experiências de aprendizagem favoráveis ao desenvolvimento e expressão da sobredotação. (...) A atenção às diferenças individuais e ao contexto de aprendizagem implica uma flexibilização da organização escolar, das estratégias de ensino, da gestão dos recursos e do currículo, por forma a proporcionar o desenvolvimento maximizado de todos, de acordo com as características pessoais e as necessidades individuais de cada um. (...)

Nas palavras publicadas pelo Ministério da Educação, continua a não estar bem clara a operacionalização dos recursos que se revelam indispensáveis à concretização do processo ensino/aprendizagem tendo em conta as diferenças e necessidades individuais de cada criança. Na prática ainda existe um longo caminho a percorrer até que essas lacunas sejam preenchidas.

Como citado, em jeito de conclusão, em DEB (1998):

“Existe a necessidade primordial de sensibilização dos professores para a problemática da sobredotação, contribuindo deste modo para um maior conhecimento das características e das necessidades das crianças e jovens sobredotados em idade escolar, bem como para o conhecimento de algumas pistas processuais e soluções educativas mais ajustadas àquelas características e necessidades. (...) o ajustamento da qualidade das respostas educativas produzidas pela escola relativamente aos alunos sobredotados, poderão contribuir para a construção de uma prática pedagógica mais centrada nas particularidades psicológicas, sociais e cognitivas que fazem de cada criança e jovem um sujeito único, cujo direito à diferença e à valorização das suas potencialidades e competências deverá constituir a finalidade central do sistema educativo.”

No ex-território Português de Macau existe, desde 1996, legislação específica para a sobredotação (D.L. Nº 33/96/M de 1 de Julho). Na Região Autónoma da Madeira existe também desde 1997, legislação específica para a sobredotação (Decreto regulamentar regional nº13 – A/97/m de 15 de Julho).

A inclusão dos alunos sobredotados na educação especial em Portugal, tal como em muitos outros países, é vista de forma questionável pois, a educação especial, foi sempre associada a crianças deficientes e esta palavra tem ainda hoje um peso negativo na sociedade.

É urgente eliminar o estigma do “coitadinho” e todos os preconceitos que teimam em existir quando se fala de necessidades educativas especiais. Possivelmente a utilização de outro termo possibilitaria a frequência de todos os alunos neste ensino, o que seria mais benéfico para todos.

Pocinho (2009) menciona na sua publicação que:

“Em Portugal, a Região Autónoma da Madeira (R.A.M) destaca-se face ao Continente, pela maior tradição e trabalho feito nos campos da identificação e apoio aos sobredotados (ANTUNES; ALMEIDA, 2008). A Divisão Coordenadora de Apoio à Sobredotação (D.C.A.S.), da Direção Regional

de Educação Especial e Reabilitação, Secretaria Regional de Educação e Cultura sediada na R.A.M., colabora na identificação, observação, orientação, encaminhamento e acompanhamento de crianças e jovens sobredotados ou potencialmente sobredotados. Na linha de Renzulli (1986), esta divisão considera a sobredotação como confluência de uma aptidão acima da média aliada a uma elevada criatividade e a um alto nível de motivação nessa (s) áreas (s). Nesta perspetiva, encara o processo de identificação de crianças e jovens com características de sobredotação como sendo um processo evolutivo e complexo que procura dar oportunidade para que as crianças desenvolvam os seus talentos.”

Em Portugal, mais propriamente em Território Continental e Região Autónoma dos Açores, há ainda um longo caminho a percorrer no âmbito do atendimento escolar às crianças sobredotadas e muitas investigações deverão ser feitas de forma a colmatar o conhecimento e a mudar as práticas face às suas necessidades específicas.

Fleith et al (2010) na sua publicação refere que:

“A Legislação Portuguesa atual apenas contempla a aceleração ou o salto de ano, e circunscrita ao Ensino Básico (os primeiros nove anos de escolaridade). Esta medida educativa aparece designada por “casos especiais de progressão” (Despacho Normativo 1 de 2005 de 5 de Janeiro) e destina-se a “alunos que revelem capacidades excecionais de aprendizagem, que apresentem um adequado grau de maturidade e, o desenvolvimento das competências previstas para o ciclo que frequentam”. A legislação prevê ainda (Despacho Normativo 50 de 2005 de 9 de Novembro) que se apliquem os “planos de desenvolvimento” a alunos que manifestem capacidades excecionais de aprendizagem, podendo esses planos integrar as seguintes modalidades de apoio (a) pedagogia diferenciada na sala de aula; (b) programas de tutoria para apoio a estratégias de estudo e aconselhamento ao aluno; e, (c) atividades de enriquecimento curricular em qualquer momento do ano letivo ou início de um novo ano escolar (Almeida e Oliveira, 2010; Miranda, Almeida, e Almeida, 2010).”

Pode afirmar-se que, no que respeita à sobredotação, é escassa a legislação que recorre efetivamente a este termo. A abordagem à sobredotação passa quase exclusivamente pela sensibilização e iniciativa própria dos educadores, professores e técnicos que todos os dias são confrontados com as mais diversas problemáticas existentes. O Ensino em Portugal está focado na resposta a crianças com necessidades educativas especiais relacionadas com o insucesso e não no reconhecimento da sobredotação como uma necessidade educativa especial não relacionada com o insucesso

Fleith et al (2010) acrescenta ainda que:

“O recente Decreto-Lei 3/2008 que enquadra a Educação Especial circunscreve-a “aos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e participação num ou vários domínios da sua vida,

decorrentes de alterações funcionais e estruturais de carácter permanente, resultando dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, do relacionamento interpessoal e da participação social” (Miranda, Almeida, e Almeida, 2010, p. 42). Finalmente, por despacho do Secretário de Estado da Educação de 16 de Maio de 2008, os pedidos de ingresso antecipado na escola passam a ser dirigidos ao Diretor do Agrupamento de Escolas ou ao Diretor Regional.”

Após o exposto, e no que respeita à forma como a sobredotação é vista pelo ensino português, torna-se evidente a pertinência desta investigação, com a finalidade de contribuir para a compreensão desta problemática e da forma como é lidada na escola. O estudo empírico veio essencialmente aferir até que ponto os professores (da Região Autónoma dos Açores – Ilha de S. Miguel, uma das zonas de Portugal onde não existe legislação específica sobre sobredotação), são conhecedores da problemática em estudo, no que respeita à legislação existente, se consideram uma criança sobredotada uma criança com Necessidades Educativas Especiais às quais a lei existente se aplica ou se reconhecem a falta de apoio legislativo nesta área.

iii. A escola e a Criança Sobredotada

Um dos grandes desafios que atualmente se coloca aos profissionais de educação é o da construção de uma educação assente no conceito de inclusão. A escola inclusiva confronta-se com a necessidade de ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada nas necessidades e características específicas de cada criança e de as educar a todas com sucesso. A atitude social, a colaboração e cooperação, os serviços de apoio especializado, o desenvolvimento profissional dos docentes, o envolvimento parental, entre outros, são aspetos basilares para a construção conjunta deste projeto.

Estas interações, ao nível dos diferentes contextos em que a criança se insere, enquadram-se num panorama mais vasto da evolução do desenvolvimento e do conhecimento humano e refletem-se no domínio da educação. Assim, verifica-se a influência de um conjunto de princípios teóricos que de certa forma norteiam os profissionais sobre o que vão ensinar e como ensinar, e justificam as orientações e a legislação em vigor.

Serra (2005) refere que:

“Como educadores, importa ter consciência de que a maneira como estruturamos o ambiente para as crianças, modifica a sua estrutura biológica e neurológica. Quando a cérebro se torna mais acelerado e mais integrativo nas suas funções, o indivíduo expressa características que identificamos como inteligência elevada. Pode comprovar-se que algumas dessas características são resultados diretos de modificações na estrutura do cérebro. Essas mudanças vão continuar a ocorrer enquanto houver estimulação apropriada, pelo que o aluno deve sentir desafios, dirigidos ao seu nível de desenvolvimento, dado que o crescimento pode não continuar e o indivíduo, de fato, pode perder potenciais.”

O princípio de inclusão constitui um aspeto importante no desenvolvimento educacional, social, emocional e pessoal da criança e constitui um desafio na formação e nas práticas profissionais de docentes.

Os pontos 7 e 8 da Declaração de Salamanca (1994) evidenciam o que se acabou de dizer. O ponto 7 refere que o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em que todos os alunos devem aprender juntos.

“(…) As escolas inclusivas devem (…) garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de

recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.”

No ponto 8 é mencionado que “(...) A pedagogia inclusiva é a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com necessidades educativas especiais e os seus colegas.”

No que diz respeito aos alunos sobredotados, a escola apresenta por vezes muitas dificuldades na sua compreensão, revelando-se impotente na satisfação das suas necessidades educativas e como consequência, alguns sobredotados desenvolvem problemas de inadaptação escolar.

Serra (2005) afirma que:

“Por vezes, o contexto escolar parece não compreender o aluno sobredotado, impedindo-o de intervir quando e como gostaria, subaproveitando as suas realizações. Tais comportamentos originam frustrações, que se manifesta em comportamentos desajustados, de oposição, automarginalizando-se dos demais, numa tentativa de chamar a atenção sobre si próprio, um modo inconsciente de solicitar ajuda e apoio.”

Sendo o papel fundamental da escola o desenvolvimento das capacidades humanas, é urgente que adote medidas de apoio e estímulo ao “crescimento” das potencialidades do aluno sobredotado, entre as quais se destacam a formação especializada de professores e um processo de ensino/aprendizagem diferenciado. A possível falta de conhecimentos dos professores sobre as diversas problemáticas dos seus alunos, neste caso da sobredotação, pode constituir um entrave à identificação precoce de sobredotados e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que estimulem as suas potencialidades.

A criança sobredotada apresenta um conjunto de características especiais que pressupõe, por parte da escola, o desenvolvimento de condições especialmente adaptadas, com o objetivo de promover a sua integração escolar, familiar e social.

Partindo da necessidade de uma escola verdadeiramente inclusiva, a evolução deste conceito passa a responder não só à criança, mas também à família (tornando-a mais informada e participante ativa) e a todos os outros participantes em contextos próximos da criança.

Nesta fase de transformação da escola, perante a criança com NEE, e, mais especificamente em relação à criança sobredotada, pretende-se uma prática de diferenciação pedagógica realizada de uma forma colaborativa, de parceria e de corresponsabilidade – escola, família e comunidade.

O papel da escola é determinante em todas as fases do desenvolvimento de uma criança. Este papel pode assumir-se como mais desafiante no caso de se referir a uma criança sobredotada. Tomam-se as palavras de Serra (2005), para prosseguir na investigação, reportando ao momento em que a mesma autora refere que “o contexto escolar parece não compreender o aluno sobredotado”, dando ênfase ao ambiente devidamente estruturado para uma boa estimulação e o desenvolvimento ótimos da criança. Com o presente estudo, pretendeu-se conferir, junto dos professores inquiridos, em particular da professora titular de turma, até que ponto o seu local de trabalho e a sua postura é de inclusão face à sobredotação.

iv. Identificação da Criança Sobredotada

Um dos grandes problemas, com o qual é preciso lidar na sobredotação, diz respeito à identificação das crianças sobredotadas, apresentando esta questão da identificação dois aspetos importantes: a sua dependência da definição adotada sobre sobredotação e das técnicas e instrumentos de avaliação utilizados.

Segundo Almeida e Oliveira (2000 *cit in* Martinho, 2006), a identificação dos alunos sobredotados não é tarefa fácil. Ela exige o contributo dos pais, educadores, professores e psicólogos, entendendo-se que o processo para por uma fase inicial de despiste (avaliação de screening), e numa fase posterior de diagnóstico mais aprofundado (fase de identificação, confirmação e explicitação).

Ainda os mesmos autores (2000), referem que:

“Temos proposto que esta avaliação tome diversas dimensões dos sujeitos que não apenas as cognitivo-académicas (multidimensional), que seja feita ao longo de diferentes momentos e contextos (validade ecológica), e que recorra a diferentes agentes (multireferencial). Todas estas características tornam a identificação um processo e não uma decisão delimitada a um dado momento ou espaço (multi-etápica).”

No estudo de Bastos (2009), a investigadora menciona que:

“Na opinião de diversos autores, esta identificação deve ser efetuada o mais precocemente possível. Whitmore (1980), propõe que a mesma se efetue no momento de entrada no sistema escolar, porque quanto mais cedo se proceder à identificação, mais facilmente se poderá responder, adequadamente, às necessidades inerentes à sobredotação e, assim, inverter processos crónicos e acentuados de baixo rendimento (Clark, 1992; Whitmore, 1980).”

A mesma autora acrescenta ainda que:

“ (...) a identificação precoce destas crianças permite proporcionar-lhes ambientes pedagógicos adequados, motivadores e que possibilitem e facilitem a otimização das suas aptidões, ao mesmo tempo que se evitam problemas como o desinteresse escolar que se pode vir a manifestar (...)”

Castro (2006) é uma outra investigadora que no seu estudo e no que respeita a esta problemática, menciona que:

“ Como confirmou Renzulli, 1992, a identificação pelos professores das crianças sobredotadas carece de um conhecimento prévio do que a sobredotação implica: uma prévia e adequada formação sobre esta problemática.”

Também Bastos (2009) menciona que “A fase de identificação de sobredotados não se constitui como um momento mas sim como um processo multi-etápico.”. Aliás, pode afirmar-se que a seleção do tipo de instrumento depende da estratégia utilizada e da situação em causa, sendo que o processo de identificação deve ter carácter dinâmico e contínuo e, realizar-se ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem da criança/jovem, recorrendo sempre a diversos instrumentos.

Segundo Almeida e Oliveira, (*cit. in* Bastos, 2009) existem diversos instrumentos de identificação de sobredotados, que apresentam, tais como:

“Provas psicológicas estandardizadas na área cognitiva; Provas académicas de incidência curricular; Escalas de observação para pais e professores; Redação de ensaios breves; Inventários e testes de criatividade; Grelhas para entrevistas de anamnese; Apreciação de produções no domínio das artes; Escalas de autoavaliação (personalidade, autoconceito; Grelhas de observação direta da realização; Relatos sobre histórias de aprendizagem e Escalas de motivação e ocupação dos tempos livres.”

Os sistemas de identificação de sobredotados incluem processos variados passando por medidas subjetivas, provas objetivas e formais e métodos mistos.

Na realidade Suíça, os avanços no campo da sobredotação são levados a cabo também por diversas instituições como a Association Suisse pour les Enfants Précoces (ASEP). O trabalho desenvolvido pela mesma é-nos apresentado através de diversas publicações disponíveis on-line.

No que respeita ao reconhecimento de uma criança sobredotada em contexto escolar, in ASEP (2009), Catherine Leiser, professora de física em Paris (Fénelon Lycée), após ter observado crianças durante 11 anos, listou características típicas que ela própria acredita serem capazes de definir a sobredotação em alguns deles. Tratam-se de aspetos negativos e positivos que são combinados entre si. No quadro abaixo apresentam-se os ditos aspetos:

Positivos	Negativos
Rápido	Não é muito académico
Curioso	Falta de profundidade do pensamento
Intuitivo	Falta de método
Boa memória	Falta de motivação
Capacidade de trabalho real ou potencial	Forma superficial ou insuficiente de estudar
Imaginação	Ineficiente em tarefas rotineiras
Originalidade	Falta de foco
Personalidade e carácter fortes	Mau uso da intuição

Quadro 1 - Aspetos positivos e negativos da Criança Sobredotada

Fleith (2007) menciona que, nem todos os sobredotados apresentam as mesmas características de desenvolvimento e comportamento, sendo de referir no entanto que algumas características lhes são comuns. A mesma autora, cita Winner (1998), para destacar como características de uma criança sobredotada, as seguintes:

- Preferência por novos arranjos visuais;
- Desenvolvimento físico precoce (sentar, engatinhar e caminhar);
- Maior tempo de atenção e vigília, reconhecendo desde cedo os seus cuidadores;
- Precocidade na aquisição da linguagem e conhecimento verbal;
- Curiosidade intelectual, com elaboração de perguntas em nível mais avançado e persistência para alcançar a informação desejada;
- Aprendizagem rápida com instrução mínima;
- Super reatividade e sensibilidade;
- Alto nível de energia que pode ser confundido com hipercinesia ou hiperatividade.

Em relação às características relacionadas com a escola, a autora também destaca:

- Leitura precoce, boa memória para informação verbal e/ou matemática;
- Destaque em raciocínio lógico e abstrato;
- Preferência por brincadeiras individuais;
- Preferência por amigos mais velhos, próximos a ele em idade mental;
- Interesse por problemas filosóficos, morais, políticos e sociais;
- Assincronia entre as áreas intelectual, psicomotora, linguística e perceptual.

A identificação de uma criança sobredotada, cabe não só à escola ou a um professor, mas sim a um conjunto de intervenientes, dos quais fazem parte os pais e psicólogos,

que através de uma complementaridade de opiniões e resultados de avaliações efetuadas, chegam a um diagnóstico de sobredotação. Isto porque ser sobredotado não é apenas ser portador de um elevado Q.I., como acima se referiu, mas sim reunir um conjunto de características específicas, associadas também a grande apetência em determinada(s) área(s), que por vezes podem até apontar para outros caminhos. A parte empírica do presente estudo, debruça-se sobre a identificação das crianças sobredotadas aos olhos dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, da professora titular de turma do aluno sobredotado e dos seus pais.

v. O Não Reconhecimento do Talento por Parte da Escola

Um dos grandes problemas que é preciso resolver diz respeito ao «talento» desperdiçado por incapacidade da escola na identificação das crianças sobredotadas.

Segundo Almeida e Oliveira (2000), a escola, apesar de ser socialmente reconhecida como instituição pedagógica por excelência, convive bastante mal com a diferença. A sua organização traduz uma maior preocupação com a idade das crianças do que com as reais capacidades e competências possuídas, pelo menos nas fases iniciais de desenvolvimento.

O princípio da escola pública tida como ideal, seria o de ser efetivamente para todos, proporcionando a cada criança meios e recursos que permitam maximizar sempre as suas potencialidades e minimizar qualquer tipo de handicap.

Hosberger (2006) refere que:

“L'école publique est l'école de tous les enfants. Les enfants surdoués ne sont pas des adultes en miniature mais des enfants qui ont besoin d'un cadre sécurisant et exigeant. En se formant pour travailler avec ce type d'enfants, les enseignants découvrent leur propre capacité à trouver des façons d'agir avec certains de leurs élèves dont le fonctionnement leur échappait. Apprendre à travailler avec ces enfants, c'est se donner les capacités de comprendre et d'accompagner des élèves qui autrement resteraient en marge. C'est se donner les moyens, dès le début de la scolarité, d'intégrer des enfants qui nous apprennent beaucoup et c'est enfin éviter leur échec. L'école publique ne devrait plus passer à côté d'un tel potentiel. Dans ce sens, les projets entrepris par des établissements sont riches, prometteurs et méritent d'être encouragés et élargis.”

Muitos sobredotados não encontram na escola o meio mais adequado para o desenvolvimento das suas capacidades, mas apesar disso muitos indivíduos supostamente sobredotados tornaram-se personalidades famosas cuja marca perdura na sociedade até à atualidade tais como:

- *Pasteur*: considerado um aluno medíocre e que em química, ficava no 15º lugar entre 22 alunos;
- *Einstein*: descrito, pelo professor, como mentalmente lento, pouco sociável, sempre com sonhos tolos e que foi expulso da escola;
- *Napoleão*: deixou a escola sem nenhuma distinção, em 42º lugar;

- *Zola, La Fontaine, Balzac e Tolstoi*: não apresentavam evidências de talento na escola (Tolstoi foi mesmo descrito como incapaz e sem motivação para aprender).
- *Gauguin, Turner, Manet e Rodin*: considerados alunos com fraco rendimento escolar.

O talento desperdiçado por parte da escola persiste até aos dias de hoje, devido ao facto da escola não ter a capacidade para identificar e apoiar este tipo de alunos, por falta de recursos humanos e materiais. Almeida *et alii* (2000) referem que:

“(…) quando se trata de avaliar o desempenho ou as habilidades do aluno, os professores tendem a centrar-se nas dimensões cognitivas e, obviamente, nas suas aprendizagens. Este resultado, pelo menos, permite-nos pensar de novo que, quando está em causa a identificação de alunos sobredotados pelos professores, existe uma valorização maior nas habilidades cognitivas e do rendimento escolar dos alunos, em detrimento das áreas relacionadas com as expressões. (...) Estes resultados remetem-nos para a necessidade de um maior esclarecimento e formação dos professores dentro da temática da sobredotação.”.

Para que seja possível identificar alunos sobredotados, é necessário formar professores, técnicos especializados, providenciar recursos materiais e criar legislação adequada, de forma a dar apoio ao talento que passa pela escola e que muitas vezes não é reconhecido.

Existem alguns indicadores que os professores podem utilizar na observação que faz dos seus alunos, tais como:

- Capacidade de verbalizar;
- Capacidade de imaginação;
- Capacidade de liderança;
- Rapidez de compreensão;
- Respostas originais;
- Habilidade para inventar situações novas.

Silva (1999) afirma que existe a necessidade de:

“Um sistema educativo aberto à inovação e à diferença, investindo forte na formação de agentes educativas de mentalidade renovada e inovadora, capazes de utilizar e acreditar em todas as suas capacidades criativas e de liderança para detetar nas crianças os seus pontos fortes e os pontos fracos de

modo a, respeitando a individualidade de cada um, serem capazes de estimular e desenvolver capacidades latentes ou manifestas através de um grande número de estratégias e técnicas.”

Todos os professores devem ajudar as crianças a tornarem-se mais sensíveis aos estímulos do meio que os rodeia, devem valorizar o pensamento criativo, a resposta diferente, incentivar a manipulação livre de objetos e ideias, desenvolver a tolerância a ideias novas, incentivar desde o início uma aquisição de conhecimentos numa grande variedade de áreas, entre outros.

Ser professor de um sobredotado é, segundo Novaes (1979):

“(…) um “Desafio”, porque o aluno sobredotado é curioso, inquiridor, instável, por vezes irritado e agressivo, exigindo muito da sua pessoa; ‘conflito’, porque nem sempre está preparado psicologicamente para enfrentá-lo e sente-se inseguro, inferiorizado e perseguido, porquanto é o aluno que sabe mais, que faz perguntas difíceis e que abala o seu status de saber e autoridade.”.

Nem sempre a escola reconhece o talento da criança sobredotada e lida adequadamente com a problemática. Tomam-se as palavras de Almeida *et alli* (2000), para afirmar que, no que concerne à avaliação do desempenho dos alunos, os professores ainda se centram muito nos resultados académicos numa dimensão cognitiva, subvalorizando aptidões excepcionais, por exemplo, em áreas como as expressões. Talvez pela dificuldade de identificação, a falta de técnicos especializados ou desconhecimento total sobre a problemática, esse talento não é devidamente reconhecido nem valorizado, ficando por vezes camuflado entre comportamentos/atitudes e algumas dificuldades em outras áreas. Na parte empírica do presente estudo, é com o testemunho dos pais e da professora titular de turma que é verificada a veracidade, neste caso, das afirmações acima feitas.

vi. Respostas Educativas para Crianças Sobredotadas

As crianças sobredotadas são, acima de tudo, crianças e têm direito a ser tratadas como tal, seres únicos. O mais importante é a realização da pessoa, e para atingir essa realização plena é necessário conhecer as suas capacidades e ter acesso a oportunidades iguais para as desenvolver e colocá-las ao serviço da comunidade. O ritmo mais rápido e todas as características subjacentes à sua situação, não podem ser esquecidas.

Bastos (2009) menciona na sua investigação que:

“As crianças sobredotadas apresentam, inquestionavelmente, Necessidades Educativas Especiais, e por esse facto necessitam de respostas diversificadas que passam pela flexibilização e adequação curricular e por uma efetiva diferenciação de métodos e estratégias educativas.”

Ao sistema educativo, segundo afirma Silva (1999), cabe estar:

“(…) aberto à inovação e diferença, investindo forte na contínua formação de agentes educativos de mentalidade renovada e inovadora, capazes de utilizar e acreditar em todas as suas capacidades criativas e de liderança, para detetar nas crianças os seus pontos fortes e os pontos fracos de modo a, respeitar a individualidade de cada um.”

O que se espera de um profissional de educação, não só para com crianças sobredotadas, é que implante estratégias e técnicas abrangentes a um grande número de crianças.

Em muitos países, existe legislação específica no sentido de que a sociedade através da escola, preste os apoios adequados às crianças sobredotadas. Em Portugal o diploma mais recente nesta área, é o Decreto-lei 3/2008 que fala na “abertura da escola a alunos com necessidades educativas especiais, numa perspetiva de escola para todos”. No entanto ao ler o decreto-lei 3/2008 verifica-se que o seu conteúdo se refere exclusivamente a alunos com deficiências, deixando de fora os alunos sobredotados.

Assim, e no mesmo Decreto-lei, artigo 1º, aparece como objeto e âmbito do mesmo:

“O presente decreto -lei define os apoios especializados a prestar na educação pré -escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo, visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível da atividade e da participação num ou vários domínios de vida, decorrentes de alterações funcionais e estruturais, de carácter permanente, resultando em dificuldades continuadas ao nível da comunicação, da aprendizagem, da mobilidade, da autonomia, do relacionamento interpessoal e da participação social.”

Existem vários métodos ou modalidades de atendimento ao sobredotado, no entanto diversos autores como por exemplo, Falcão (1992); Ministério da Educação (1998), Peixoto e Vilas Boas (2003); destacam as seguintes: Programas de Aceleração, Enriquecimento e Segregação.

vi.i. Programas de Aceleração

Este tipo de resposta educativa está contemplado na legislação e possibilita o ingresso no 1º ano do 1º Ciclo, com cinco anos, até ao início do ano escolar (isto se a avaliação psicopedagógica, concluir que existe precocidade excepcional), segundo despacho 173/ME/91 de 23 de Agosto.

Ao aluno que revele capacidades de aprendizagem excepcionais e um adequado grau de maturidade, a par do desenvolvimento das competências previstas para o ciclo que frequenta, pode permitir-se progredir mais rapidamente no ensino básico, beneficiando de uma das seguintes hipóteses:

- Concluir o 1º ciclo com nove anos, completados até 31 de Dezembro do ano respetivo, podendo para isso completar o 1º ciclo em três anos;
- Transitar de ano de escolaridade antes do final do ano letivo, uma única vez, ao longo do 2º e 3º ciclos.

A possibilidade referida anteriormente, só pode ser levada a cabo se houver pareceres concordantes do encarregado de educação, dos Serviços especializados de Apoio Educativo (SEAE) ou psicólogo e do Conselho Pedagógico, sob proposta do professor titular ou do Conselho de turma, segundo o Despacho normativo nº 30/ 01 de 19 de Julho.

Na Publicação da ASEP (2007) é mencionado que, este método de atendimento encerra certas limitações, nomeadamente no que respeita a aspetos psicológicos da criança em questão:

“Le principal inconvénient de l'accélération repose sur l'accroissement du décalage physique, voire moteur, avec les autres enfants, dans le cas d'un deuxième saut de classe notamment. Il faut savoir qu'il ne constitue cependant ni une solution définitive, ni une solution idéale pour tous les enfants. Les enfants avec un QI supérieur à 145 notamment se satisferont difficilement d'un seul saut de classe.”

vi.ii. Programas de Enriquecimento

Segundo o constante no documento do Ministério da Educação (1998), este método consiste:

“(...) na integração da criança sobredotada no sistema regular de ensino, operando alterações nas oportunidades educativas devidas à especificidade das suas necessidades... recorrendo-se sobretudo à adaptação dos conteúdos curriculares e à mobilização de recursos educativos orientados para a diversificação da oferta de oportunidades educativas no contexto da sala de aula regular.”

Este tipo de resposta destina-se a grupos com capacidades heterogéneas, com o objetivo de estimular e desenvolver projetos e programas de estudo, a investigação de tópicos ensinados (incluindo novas unidades de estudo), assim como acrescentar conteúdos ao programa normal.

É importante dar liberdade na escolha dos tópicos a serem aprofundados, sendo o papel do professor o de facilitador de aprendizagens, oferecendo ao sobredotado a opção de escolher os critérios e profundidade desejados.

vi.iii. Programa de Segregação

Tal como o nome indica, este programa consiste na formação de turmas destinadas a alunos do 1º Ciclo, com alunos de um ou mais níveis, orientada por um professor especializado.

Neste método, teria que se ter em conta alguns aspetos:

- Evitar a segregação completa;
- Selecionar professores bem qualificados (que conheçam a área da sobredotação);
- Encorajar outra área, que não a da inteligência
- Haver comunicação professor - professor e professor - pais

Existem realmente vários tipos de programas com vista ao desenvolvimento ótimo de todas as capacidades das crianças e jovens sobredotados, no entanto é necessário que, numa perspetiva inclusiva, exista o convívio com crianças menos talentosas, para evitar atitudes “orgulhosas” por parte das crianças sobredotadas.

As crianças sobredotadas exigem sempre mais e as estruturas pessoais e físicas, não estão sensibilizadas e aptas a corresponder às necessidades – conseguir uma boa e equilibrada estimulação do seu potencial, o que nem sempre é fácil.

A escola, sempre que possível, deve implementar estratégias de diferenciação pedagógica, no entanto, por vezes o que acontece é que se “desperdiça” talento, por incapacidade da escola adequar situações, em prol das capacidades e talentos especiais, destas crianças.

No seu estudo Bastos (2009) afirma que:

“(…) a educação e as correlações existentes no ato educativo serão fundamentais na consecução quer dos objetivos propostos, quer na relação professor/aluno, o que facilitará ao professor o despiste e enquadramento do, ou dos alunos que apresentem as características de sobredotação. Uma escola, qualquer que ela seja, não tem, ou não deve ter, outro objetivo senão o de promover, relativamente a todos os alunos que a integram, o sucesso escolar, na sua mais correta expressão.”

Serra (2004) afirma que:

“Na verdade a aceitação das características da criança e das conseqüentes necessidades, muitas vezes não acontece. E a recusa em aceitar a diferença começa muitas vezes, em casa, na família, onde naturalmente, o amor existe.

A criança começa a aperceber-se de que desgosta aqueles que ama, pela sua forma de ser e de estar. Esforça-se consciente e inconscientemente por responder às expectativas dos outros e ao que exigem dela... chegando a ser uma violência que provoca a si própria.”

Enquanto, não há legislação nesse sentido, é necessário encontrar o equilíbrio de proporcionar o enriquecimento de vida da criança sobredotada, pela disponibilidade dos estímulos oferecidos e pelas relações afetivas, tanto em contexto familiar, como escolar.

Almeida e Oliveira (2000 *cit in* Boas e Peixoto, 2003), afirma que:

“A escola, apesar de ser socialmente reconhecida como instituição pedagógica por excelência, convive bastante mal com a diferença. A sua organização, pelo menos nas fases iniciais, traduz uma maior preocupação com a idade das crianças do que com as reais capacidades e competências possuídas.”

Em jeito de conclusão e no que respeita às respostas educativas para as crianças sobredotadas, apoiou-se a presente investigação nas palavras de Bastos (2009), quando

se refere à criança sobredotada como uma criança, efetivamente, com Necessidades Educativas Especiais e que necessita de respostas educativas que sejam flexíveis e adequadas às suas necessidades. É finalidade do estudo empírico saber que características apresenta o aluno sobredotado em causa e que respostas lhe estão a ser facultadas pela escola, para o desenvolvimento ótimo das suas capacidades. Pretende-se também verificar até que ponto vai o atendimento prestado pela escola ao nível da resposta que consegue dar através dos recursos disponíveis. Tal é feito junto da professora titular que evidencia a necessidade de implementação de estratégias educativas diferenciadas para a criança sobredotada, no sentido lato de inclusão.

vii. Interação Professor / Educador com a Criança Sobredotada versus a inadaptação do aluno à escola

O professor/educador, sendo aquele que melhor conhece a criança, observando a forma como esta lida e resolve as situações, tem um papel facilitador, na medida em que pode fornecer os materiais adequados e possibilitar uma gama de atividades de tal forma rica e estimulante, que proporcionem à criança o estabelecimento de novas relações e conceitos.

Bastos (2009) acrescenta ainda que:

“(...)devem ser proporcionados ambientes que favoreçam a criatividade, que incentivem a curiosidade e o gosto por aprender, que proporcionem experiências e oportunidades de desenvolvimento em que exista encorajamento e um bom suporte emocional, onde as crianças encontrem receptividade ao desenvolvimento das suas capacidades.”

No processo de educação que se quer de qualidade cabe ainda ao educador planificar e avaliar. Ao planificar pretende atender ao grupo, às suas famílias, à sua comunidade envolvente. O que é planeado deve corresponder aos interesses e necessidades do grupo em questão. Segundo as Orientações Curriculares (1997), “cabe, assim, ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança”.

O sobredotado, frequentemente, constrói uma imagem negativa da escola, não se identificando com os seus projetos, manifestando diversos problemas escolares. (Pocinho (2009); Serra (2004,2005); Bastos (2009)). O papel do educador/professor é extremamente importante para o desenvolvimento socio emocional de todas as crianças, e das sobredotadas em particular. É urgente que os educadores/professores identifiquem e lidem de forma apropriada com as diferentes características de personalidade destas crianças o mais precocemente possível, de modo a minimizar os problemas de inadaptação dos sobredotados ao meio em geral.

Para compreender os sobredotados é necessário sensibilizar técnicos, providenciar recursos e criar legislação adequada, para que se possa avançar no sentido de prestar a ajuda que a criança sobredotada necessita.

Também Falcão (1992, *cit. in* Martinho, 2006), apresenta um quadro em que estabelece uma correlação entre as características gerais do sobredotado e os possíveis problemas coexistentes.

Características	Problemas coexistentes
Forte sentido de observação; receptividade natural; sentido do que é importante; vontade de examinar o que não é comum.	Possibilidade de rejeição social, defesa do próprio sistema de valores, intolerância.
Poder de abstração, de conceptualização e de síntese; interesse pela aprendizagem indutiva e pela resolução de problemas; prazer na atividade intelectual.	Resistência ocasional a instruções, omissão de detalhes e rejeição de atividades de rotina.
Interesse pelas relações causa/efeito, capacidade de se relacionar; interesse pela aplicação de conceitos; gosto pela verdade.	Dificuldade em aceitar o que não é lógico, o superficial, os conhecimentos mal estruturados e pouco definidos.
Gosto pela estruturação e ordem, pela consistência, seja de valores ou de números.	Invenção dos próprios sistemas, por vezes incompatíveis com os pré-estabelecidos pela escola.
Capacidade de retenção, de organização do conhecimento.	Aversão à rotina e à repetição; necessidade de dominar, desde muito cedo, as capacidades de fundamentação.
Competência verbal, muito vocabulário; facilidade de expressão; interesse pela leitura, mais informação em áreas avançadas.	Necessidade prematura de leitura, de vocabulário especializado; oposição dos pais à leitura gera fuga para o verbalismo...
Atitude de indagação e curiosidade intelectual, motivação intrínseca.	Falta de estimulação familiar e escolar apropriada.
Espírito crítico, ceticismo, avaliação e autocrítica.	A atitude crítica em relação aos outros; desencorajamento, exigência interna excessiva.
Criatividade e espírito inventivo; gosto por novas maneiras de fazer, interesse pela livre expressão.	Rejeição do que é conhecido; necessidade de inventar constantemente.
Poder de concentração e atenção.	Resistência à interrupção, quando concentrado nas atividades.
Persistência, comportamento dirigido para os seus objetivos.	Obstinação, certo desligamento do desnecessário e secundário.
Sensibilidade, intuição, empatia com os outros, necessidade de suporte emocional.	Necessidade de sucesso e reconhecimento; sensibilidade a críticas; vulnerabilidade à rejeição dos outros.
Energia, perspicácia, períodos de esforço voluntário intenso precedendo a invenção.	Frustração com a inatividade ou ausência de progressos, impaciência.
Independência no trabalho e no estudo; preferência pelo trabalho individual, autoconfiança, necessidade de liberdade de ação e de movimentos; isolamento.	Pressões e discordância com pais e colegas; problemas de rejeição e revolta.
Versatilidade e virtuosidade; diversidade de interesses e capacidades, muitos passatempos; competência em formas de arte tais como a música e o desenho.	Falta de homogeneidade no trabalho de grupo; necessidade de individualização e ajuda para explorar e desenvolver interesses, como também para adquirir competências básicas.

Quadro 2 - Características de aprendizagem e problemas coexistentes em crianças sobredotadas (adaptada de Falcão (1992))

Bastos (2009) menciona no seu estudo que:

“O não atendimento adequado à criança sobredotada, como criança diferente que é, pode gerar comportamentos negativos que a levam a contestar toda a escolaridade de modo a poder considerar-se que os sobredotados, paradoxalmente, são, por vezes, crianças inadaptadas.”

Acrescenta ainda a mesma autora que:

“Efetivamente, acontece existir um desfasamento entre o que o sobredotado procura e o que a escola lhe oferece, daí, toda uma série de consequências que põem em causa a sua própria personalidade e a própria escola.”

Tal como se pode verificar no apresentado anteriormente, muito dos problemas e dificuldades apontadas situam-se na área sócio emocional. Por este motivo as propostas de intervenção nestes grupos de alunos devem incluir, para além do desenvolvimento de aspetos meramente cognitivos, componentes intrapessoais e interpessoais que promovam o desenvolvimento sócio emocional.

A interação positiva entre dois intervenientes, provocará quase certamente resultados positivos, sendo que o oposto também se verifica. O ambiente escolar é, até certo ponto, determinante na maneira como uma criança desenvolve o seu apreço ou não pelas aprendizagens. O ambiente que se gera é sempre melhor, se houver um bom conhecimento das necessidades quer da criança sobredotada quer do professor titular de turma, no que respeita à sobredotação. Assim sendo, é necessário ter presentes, tanto as características do aluno sobredotado, como os problemas que daí podem advir.

viii. A Criança Sobredotada e sua Família

O nascimento de uma criança, em qualquer núcleo familiar faz com que, inevitavelmente, todos os membros da família tenham que reestruturar os seus papéis. As relações marido-mulher, genitores-criança e irmão-irmão, caso existam, ficam desde logo comprometidas positiva ou negativamente.

Cada criança, desde o seu primeiro contato com o mundo, está inserida num determinado núcleo familiar, o que lhe confere desde o primeiro instante um lugar só seu na sociedade em que acaba de se inserir.

É na família que surge o primeiro diagnóstico e o comprovar das necessidades que a criança apresenta. Surge uma grande inquietação: como será o seu percurso escolar? As famílias das crianças sobredotadas necessitam de estabelecer um diálogo com os professores, uma vez que a situação em si, se torna um pouco incomportável, e aquando do diagnóstico surgem imensas dúvidas que necessitam de uma resposta pedagógica o mais satisfatória possível.

Honsberg (2006) corrobora com o apresentado mencionando que:

“De leur côté, les familles des enfants concernés ont besoin de pouvoir dialoguer avec des enseignants qui les comprennent. Souvent des parents désemparés prennent contact avec les enseignants en expliquant qu’ils ne savent pas quoi faire avec leur enfant. Le bilan établi par un psychologue assure que leur fils ou leur fille a de grandes compétences et peut poursuivre une scolarité avec des exigences élevées. Eux-mêmes se sont aperçus que leur enfant avait des compétences singulières, car comme l’affirme Jeanne Siaud-Facchin, «les parents sont les meilleurs prédicteurs! Malgré les critiques dont on les accable souvent, les parents ne se trompent pas dans 80% des cas!» lorsqu’ils soupçonnent que leur enfant est surdoué.”

Desde esse primeiro momento em que nasce, cada criança influencia e é influenciada por diversos fatores emocionais, culturais e sociais que são particulares do grupo do qual passa a ser parte integrante.

Existem, nos dias que correm vários tipos de famílias, sendo que, a ideia da família tradicional, tem vindo a declinar ultimamente pelas mais diversas razões, endógenas e exógenas ao núcleo.

Fleith (2007), referindo-se a Stratton (2003), vai mais longe no que toca à definição de

família no seu sentido mais atual, fazendo também referência a novos formatos familiares que surgiram nas últimas décadas referindo que:

“Algumas tipologias de família são genuinamente novas, como famílias de homossexuais ou com filhos concebidos por meio de inseminação artificial, enquanto outras sempre existiram, mas só receberam uma denominação recentemente, como no caso das “famílias reconstituídas”.”

A mesma autora acrescenta ainda que, “Independentemente da tipologia, as estatísticas têm mostrado um aumento crescente de crianças que vivem em lares com apenas um genitor.”

Em qualquer núcleo familiar, os genitores são os grandes responsáveis na formação da criança, pois são estes a fonte primária e direta de influência social e psicológica. Fleith (2007) menciona que:

“É na relação entre a criança e seus genitores que se estabelecem os intercâmbios culturais por meio dos quais os valores, as crenças e as práticas são transmitidos de uma geração para outra. Portanto, os valores e as crenças parentais constituem o principal ponto de contato entre a cultura social mais ampla e a cultura pessoal e exercem influência nas práticas dos genitores dirigidas às suas crianças.”

No caso das crianças sobredotadas, podemos dizer que as suas famílias têm o dever de aperfeiçoar e/ou desenvolver as capacidades demonstradas pela criança. Neste sentido é urgente instigar os pais e a família, esclarecendo-os, para que compreendam o quanto a sua postura é importante na orientação do seu descendente. O papel no desenvolvimento da criança passa em grande parte pela estimulação por parte dos pais, das potencialidades apresentadas pela criança sobredotada.

Neste seguimento Fleith (2007) afirma que:

“Em geral, as famílias de crianças superdotadas interagem com suas crianças em casa, perguntando e respondendo questões, discutindo e se engajando em atividades de leitura e conversas frequentes. A superdotação se desenvolve em famílias de diferentes níveis econômicos. “Pais pobres de crianças superdotadas são responsivos e estimulantes e provêm oportunidades para leitura, brinquedo e conversa” (Winner, 1998, p. 148). Portanto, os valores culturais que priorizam a educação constituem importante fator de desenvolvimento da superdotação.”

O ambiente familiar de uma criança sobredotada deve estar de acordo com as suas necessidades ao nível da sua motivação e interesses. É na interação com os pais e

irmãos e através do acesso a diversas fontes de informação que lhe estão à disposição, que a criança sobredotada desenvolve as suas capacidades.

Também Virgolim (2007) dá especial enfoque ao papel da família no desenvolvimento das capacidades da criança sobredotada, expondo que:

“Pais afetuosos e preparados, assim como um professor motivador, enamorado pela disciplina que ensina, podem aumentar a probabilidade da criança e do jovem a desenvolverem as habilidades necessárias para dar, no futuro, contribuições expressivas à humanidade e, ainda, ter uma qualidade de vida mais satisfatória. Apesar de a inteligência geral apresentar uma grande predisposição genética, outras habilidades cognitivas relacionadas à superdotação podem desenvolver-se ou declinar-se em função das experiências vivenciadas. Neste ponto, a família apreze em posição de destaque.”

O papel da família, é parte integrante do desenvolvimento de cada ser humano e no caso da criança sobredotada, esse papel é igualmente importante. Todas as crianças “dependem” do seu núcleo familiar, em primeira instância, para que, nas relações estabelecidas, desenvolvam as suas potencialidades e encontrem soluções para as suas dificuldades. Como menciona Virgolim (2007), cabe à família proporcionar à criança sobredotada vivências que desenvolvam as suas capacidades e atenuem simultaneamente os seus handicaps.

No presente estudo é junto da família que se verificam as potencialidades mais evidentes da criança sobredotada, seguindo-se o contexto sociocultural, escolar e familiar, identificando-se o “tratamento” que lhe é dado pelos diversos intervenientes.

II. Estudo Empírico

1- Estudo Comparativo e Complementar

Em pesquisas anteriores ao início desta investigação, referentes a estudos desenvolvidos nesta área, tomou-se conhecimento da existência de algumas investigações realizadas nos últimos anos no nosso país, o que revela uma crescente preocupação com esta problemática. Um desses estudos é o de Bastos (2009), e foi sobre este, que surgiu a presente investigação, que visa estabelecer uma comparação e dar uma visão complementar ao nível do conteúdo, no que respeita à área da sobredotação.

A autora mencionada desenvolveu a sua investigação tendo com objetivo de reflexão:

“as percepções que os professores têm acerca dos alunos com características específicas (elevadas capacidades físicas ou cognitivas ou competências académicas específicas ou raciocínio lógico-dedutivo ou pensamento criativo ou produtivo, etc.) e o impacto delas em sede escolar.”

Importa referir ainda que, a dita investigação foi ela também um estudo de caso, incidindo por sua vez, num aluno surdo implantado, assumindo especificidades que não se verificam na presente investigação, uma vez que, esta última, também ela um estudo de caso, incide desta feita, sobre um aluno sobredotado, sem qualquer patologia clínica devidamente confirmada associada.

De um modo geral Bastos (2009) investigou até que ponto os professores possuíam sensibilidade e conhecimento, para conseguirem reconhecer e intervir junto de alunos sobredotados, e quais as repercussões que desse facto advieram.

Bastos (2009), apresentou a seguinte pergunta de partida para o seu estudo: “Em que medida a comunidade educativa possui conhecimentos acerca da sobredotação e qual o tipo de influência que esse conhecimento tem na educação?”

Partindo da pergunta apresentada a autora refere como objetivo geral, o estudo da relação da escola com a sobredotação, e como objetivos específicos os seguintes: observar como é que a escola compreende e envolve os alunos sobredotados; compreender os alunos sobredotados a partir das suas peculiaridades e especificidades; perceber se os alunos sobredotados apresentam competências fora do comum; e analisar

a relação entre o envolvimento que a escola proporciona aos alunos sobredotados e o desempenho dos mesmos.

Após terminada a investigação e analisados os dados recolhidos, Bastos (2009) apresenta como conclusões:

“Considerando os objetivos e as questões do presente estudo, podemos, pois concluir que: i) os professores não se sentem capazes de sinalizar ou acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada; ii) os professores não se encontram suficientemente informados sobre a problemática da sobredotação, e como tal, não reconhecem e não compreendem estes alunos a partir das suas peculiaridades e especificidades; iii) a escola não compreende estes alunos; iv) a escola não reconhece que estes alunos apresentam competências fora do comum e parte significativa da comunidade escolar continua alheada da problemática da sobredotação.”

Acrescenta ainda que: “as crianças e jovens sobredotados necessitam de acompanhamento na escola, na família e na sociedade.”. Refere também, a ausência de uma política de apoio como impedimento para uma intervenção educativa eficaz, remetendo para a necessidade, por parte dos professores, em adequar as suas práticas e avaliar as suas metodologias, a fim de contribuírem para o efetivo crescimento dos alunos sobredotados.

De alguma relevância ainda, Bastos (2009) menciona que: “As limitações inerentes a este estudo e o facto de se tratar de apenas um caso estudado não nos permite generalizar para outra população.”

Após a tomada de conhecimento das especificidades do estudo de Bastos (2009), prosseguiu-se na realização desta investigação, tomando a primeira como base, para uma construção mais rica do saber, complementando aspetos que convergiram ou divergiram dos estudados, tendo em conta a realidade sociocultural da população alvo do estudo atual.

2- A Metodologia e Estrutura da Investigação

A metodologia aplicada tem duas componentes empíricas articuladas baseando-se num estudo de caso, abrangendo todos os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico da Ilha de S. Miguel e, em particular um menino sobredotado, a frequentar o segundo ano de escolaridade numa escola de S. Miguel, sua família e professora titular de turma. Foi feita uma abordagem qualitativa e quantitativa, com triangulação de resultados.

Fala-se de uma abordagem quantitativa, uma vez que neste estudo se parte de hipóteses pré-definidas como respostas (incompletas) e provisórias às perguntas de partida, a testar recorrendo a técnicas e instrumentos pré-definidos para a recolha de dados, os mais relevantes dos quais foram um inquérito por questionário e uma escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. Tratando-se o presente estudo de uma investigação comparativa e complementar de um outra já existente, estes instrumentos foram os mesmos usados pela investigadora do referido estudo. Foram ainda aplicadas entrevistas semiestruturadas à encarregada de educação do menino sobredotado em questão e à professora titular de turma do mesmo, nas quais se recolhem também, a par de informações qualitativas, valores de variáveis pré-definidas.

Para abordar qualitativamente, as opiniões dos professores, aprofundando-a, a par dos instrumentos referidos, foi utilizado para recolha de dados, um fórum de discussão on-line, onde os professores deram as suas opiniões sobre alguns títulos, comentários e artigos publicados. A referência e o convite à participação neste fórum de discussão estiveram presentes no questionário que foi distribuído a cada professor, estendendo-se ainda o convite a outros professores conhecidos dos inquiridos (divulgação em bola de neve).

Foi feita uma análise do conteúdo das respostas obtidas com o intuito de triangular resultados quantitativos com os obtidos qualitativamente através da aplicação de todos os instrumentos de recolha de dados. A triangulação pretendida nesta investigação, não se reporta apenas a amplificação do universo de dados conhecidos e tratados na literatura acima referida, mas visa também comparar e aumentar o campo de visão apresentado por Bastos (2009).

i. Objetivos Gerais

Os objetivos representam a meta final que se pretende alcançar. Como objetivos gerais foram definidos os seguintes:

- Contribuir para a compreensão da sobredotação em contexto escolar;
- Contribuir para a compreensão da sobredotação em contexto familiar.

ii. Objetivos Específicos

- Verificar se os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico, possuem conhecimentos e/ou formação adequada para identificar e trabalhar com alunos sobredotados e se os consideram crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE);
- Verificar como se apresenta a criança sobredotada em contexto familiar, ao nível das relações interpessoais, comportamentos e aptidões específicas, e qual a postura da família face à escola.

iii. Abordagem Quantitativa

iii.i. Hipóteses Gerais

H.G.1. O conhecimento, a formação e a experiência de trabalho com crianças sobredotadas são fatores facilitadores para a identificação e atendimento à criança sobredotada e para o reconhecimento desta como uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE);

H.G.2. O género, o ano curricular em que se encontram os alunos e o tempo de conhecimento dos alunos, por parte do professor (continuidade letiva), são fatores que influenciam a percepção dos professores na identificação de características relacionadas com o autoconceito, em crianças com ótimo desempenho escolar, em diferentes domínios (Competência Escolar, Conduta/Comportamento, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física e Autoestima Global)

iii.ii. Sub-Hipóteses

H.G.1.1. Os professores com conhecimento e/ou formação em sobredotação, estão mais preparados para trabalhar com os alunos sobredotados;

H.G.1.2. Os professores com conhecimento e/ou formação em sobredotação, são mais capazes de identificar os alunos sobredotados;

H.G.1.3. Os professores com conhecimento e/ou formação em sobredotação, reconhecem o aluno sobredotado como uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE);

H.G.1.4. A experiência pessoal de trabalho com a criança sobredotada, incita os professores na procura de informação e formação acerca da sobredotação.

H.G.2.1. A identificação de características, relacionadas com o autoconceito, em vários domínios e em crianças com ótimo desempenho escolar, está relacionada com o tempo de acompanhamento desses alunos (continuidade letiva);

H.G.2.2. A identificação de características, relacionadas com o autoconceito, em vários domínios e em crianças com ótimo desempenho escolar, está relacionada com o ano curricular em que os alunos se encontram;

H.G.2.3. A identificação de características, relacionadas com o autoconceito, em vários domínios e em crianças com ótimo desempenho escolar, difere, no que respeita ao género dos alunos em questão.

iv. Abordagem Qualitativa

iv.i. Questões

Questão 1: Segundo a professora titular, a continuidade letiva favorece as relações interpessoais do aluno sobredotado?

Questão 2: Segundo a professora titular, o aluno sobredotado é considerado uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE)?

Questão 3: Segundo a professora titular, quais as capacidades excepcionais do aluno sobredotado, que facilitam e/ou dificultam a sua aprendizagem?

Questão 4: Segundo a professora titular, o comportamento do aluno sobredotado dificulta a sua identificação?

Questão 5: Segundo a professora titular, a adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas facilita a aprendizagem do aluno sobredotado?

Questão 6: Segundo a professora titular, a falta de conhecimentos e/ou formação, na área da sobredotação dificulta a ação do professor com o aluno sobredotado?

Questão 7: Segundo a professora titular, a falta de recursos na escola dificulta a ação do professor e o desenvolvimento do aluno sobredotado?

Questão 8: Na opinião dos professores participantes no blog, os sobredotados estão todos sinalizados em Portugal?

Questão 9: Na opinião dos professores participantes no blog, a falta de conhecimentos e/ou formação sobre sobredotação, são barreiras à identificação e acompanhamento de um aluno sobredotado?

Questão 10: Na opinião dos professores participantes no blog, as escolas estão munidas de Recursos Humanos necessários para atender ao aluno sobredotado?

Questão 11: No discurso dos pais, quais os interesses manifestados pela criança sobredotada?

Questão 12: No discurso dos pais, quais as capacidades excepcionais apresentadas pela criança sobredotada?

Questão 13: No discurso dos pais, qual a relação que a criança estabelece com os familiares e conhecidos?

Questão 14: No discurso dos pais, como é que a crianças sobredotada seleciona as suas amizades?

Questão 15: No discurso dos pais, como se apresenta a criança sobredotada, no que respeita ao comportamento/atitudes no seu dia-a-dia?

Questão 16: No discurso dos pais, como se apresenta a criança sobredotada no que respeita a aspetos relacionados com a autoestima, aparência física e competência atlética?

Questão 17: Qual a opinião dos pais, face às respostas dadas pela escola, à criança sobredotada?

Como forma de identificação de possíveis distorções nos resultados deste estudo foram colocadas outras variáveis (contextuais) para as quais se recolheram valores. São elas as que a seguir se enunciam no quadro de operacionalização.

v. Quadro de Operacionalização

Nome	Tipo	Domínio
Nível de habilitações	Ordinal	Bacharel; Licenciatura; Pós-Graduação; Mestrado.
Tempo de Serviço	Métrica de Intervalo 0 a >20 anos	0 a 5 6 a 10 11 a 20 >20
Situação profissional	Ordinal	Professor do Quadro de Escola; Professor do Quadro de Zona Pedagógica; Professor Contratado.
Existência de crianças com NEE na turma	Nominal	Sim; Não.
Quantos alunos com NEE	Ordinal	1; 2; 3; 4; 5; >5.
Quantos sobredotados	Ordinal	0; 1; 2; >2.
O nível de informação para reconhecimento de uma criança sobredotada	Ordinal	0 - Nenhuma informação; 1- Pouca Informação; 2 – Suficiente informação; 3 – Muita Informação.
Conhecimento de algum sobredotado	Nominal	Sim; Não.
Conhecimento das características apresentadas por uma criança sobredotada	Nominal	1 – Estilo de Aprendizagem (a-capacidade elevada; b-rapidez na aprendizagem; c-preferência por temas complexos; d-avidez de saber; e-conhecimentos profundos em domínios específicos; f-interesses múltiplos); 2- Níveis de Motivação Intrínseca (a-maturidade no julgamento; b-tendência em iniciar as suas próprias tarefas; c-busca de perfeição; d-avidez de saber; e-persistência na realização e na finalização das tarefas); 3 – Expressão Crítica (a-ideias inesperadas/originais; b-preferência para lidar com abstrações; c-apreciação de qualidades estéticas; d-tendências para respostas imaginativas e emocionais); 4 – Interação com os pares (a-comportamento cooperativo; b-sensibilidade interpessoal; c-sociabilidade; d-habilidade de trato com pessoas e grupos).
Possuir formação adequada para ensinar sobredotados	Ordinal	0 - Nada adequada; 1- Pouco adequada; 2 – Suficientemente adequada; 3 – Muito adequada.
A importância de uma abordagem específica à temática “crianças sobredotadas” na formação básica dos docentes	Ordinal	0 - Desnecessária; 1- Necessária; 2 – Fundamental; 3 – Imprescindível.
O tipo de formação mais adequada para a temática “crianças sobredotadas” na formação de professores	Ordinal	Disciplina integrada na licenciatura; Um curso de especialização ou pós-graduação; Ambas.
Possuir formação que aborde esta temática	Nominal	Sim; Não.

Justificação da existência de cursos de pós-graduação ou especialização nesta temática	Nominal	Sim; Não.
O nível de importância atribuído a diferentes matérias nos currículos de formação de docentes	Ordinal	0 - Nada importante; 1- Pouco importante; 2 – Importante; 3 – Muito importante. Para: a-Identificação do sobredotado; b-Legislação ligada à sobredotação; c-Adaptações curriculares; d-Estratégias a adotar no seu comportamento; e- Todos os domínios a,b,c,d.
Grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais	Ordinal	0 - Inexistente; 1- Pouco; 2 – Suficiente; 3 – Muito.
É correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento	Nominal	Sim; Não.
As crianças sobredotadas deverão ser integradas	Ordinal	0 – No ensino regular integrado numa turma; 1- No ensino regular em classes especiais; 2 – Em escolas especiais.
Qual das soluções deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas	Nominal	1- Aceleração do processo de ensino; 2 – Integração em turmas regulares com um tratamento indiferenciado; 3 – Integração em turmas regulares introduzindo alterações no processo de ensino aprendizagem..
Possíveis obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados	Nominal	1-Rejeição da turma em que o aluno sobredotado está inserido; 2- Número excessivo de alunos por turma; 3 – Falta de formação por parte dos docentes; 4 – Falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos; 5 – Exigências de cumprimento de programas; 6 – Falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação; 7 – Falta de sensibilização, por parte da comunidade educativa para esta problemática; 8 – Outro. Qual? (quais)
Capacidade de acompanhar a nível escolar uma criança sobredotada	Ordinal	Sim; Sim, mas recorrendo a outros profissionais; Não.
Quais as ajudas profissionais para ajudar nessa tarefa	Nominal	Psicólogo; Professor especializado; Médico escolar.
Quais as repercussões ao nível do desempenho escolar advindas da implementação de estratégias adequadas por parte do professor	Ordinal	1 - Nada significativas; 2- Pouco significativas; 3 – Bastante significativas; 4 – Muito significativas.
Valorização nas aulas da criatividade, intuição e imaginação em termos de conteúdo e processo	Nominal	Sim; Não; Não sabe.

vi. População Alvo e participantes

A população alvo desta investigação, no que respeita à vertente quantitativa, foi constituída pelos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico da Ilha de S. Miguel. Fizeram parte da amostra todos os professores a desempenhar funções de professor do 1º Ciclo do Ensino Básico na Ilha de S. Miguel que responderam aos instrumentos aplicados, nomeadamente os inquéritos e a escala de avaliação para professores do 1º ciclo. O grupo de participantes na vertente qualitativa do estudo, foi constituído pelos professores que deixaram as suas opiniões no fórum on-line, cito Blog, pela titular de turma do aluno sobredotado e pelos encarregados de educação do mesmo. No que respeita à recolha dos dados junto dos dois últimos intervenientes mencionados, estes advieram, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas aos mesmos.

Após serem recolhidos os inquéritos por questionário e as opiniões apresentadas on-line pelos professores aderentes ao fórum, seguiu-se a análise e tratamento dos dados e informações a fim de que testar as hipóteses e dar resposta às questões complementares colocadas no estudo.

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 para Windows.

No que respeita à população em estudo, mais concretamente referente aos inquéritos por questionário e à escala de avaliação para professores do 1º Ciclo, esta constituiu-se por cento e vinte e quatro docentes, a lecionar ao 1º Ciclo do Ensino Básico, nas escolas da ilha de S. Miguel. Mais de metade (80,6%) é do género feminino, 62,9% têm entre trinta e quarenta e cinco anos, 71,% são licenciados e 72,6% são professores do quadro de escola.

Seque-se a caracterização mais particular da supramencionada população:

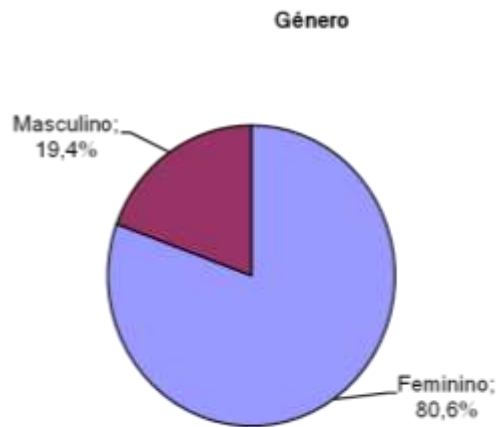


Gráfico 1 - Género dos inquiridos por questionário e escala de avaliação

Da referida população, a maioria é constituída por mulheres, mais precisamente 80,6% (cem docentes), sendo os restantes 19,4%, respeitantes aos participantes do sexo masculino (vinte e quatro docentes).

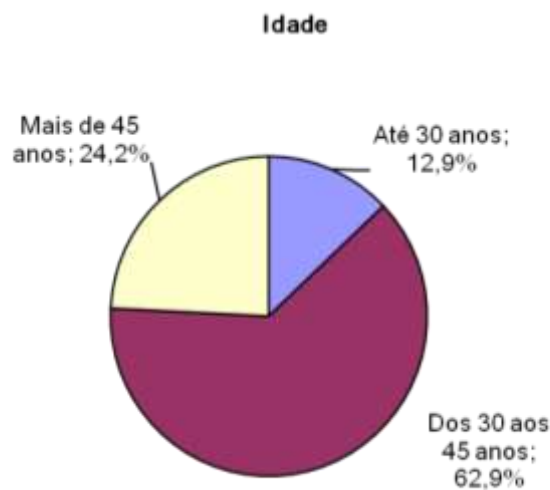


Gráfico 2 - Idade dos inquiridos por questionário e escala de avaliação

Dos docentes anteriormente mencionados, apurou-se que, a moda de idades se situa dos trinta aos quarenta e cinco anos, correspondendo a 62,9% dos inquiridos (setenta e oito docentes), seguida de uma percentagem de 24,2% (trinta docentes), que apresenta mais de quarenta e cinco anos. Na população em estudo é mais reduzido o número de professores com idades inferiores a trinta anos, nomeadamente 12,9% (dezasseis docentes).

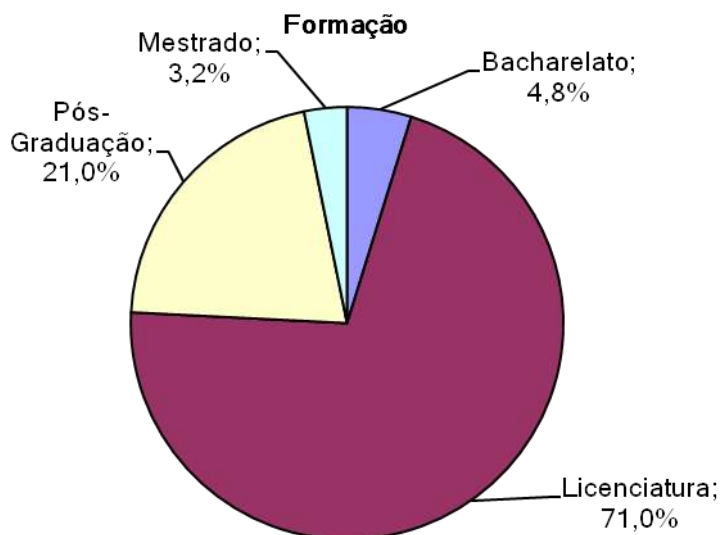


Gráfico 3 - Formação dos inquiridos por questionário e escala de avaliação

A formação do pessoal docente inquirido é um fator importante nesta investigação. Neste sentido conseguiu-se, através do inquérito por questionário, saber que a maioria dos docentes possui formação ao nível da licenciatura, nomeadamente 71% (oitenta e oito docentes), seguindo-se o grau de pós graduados, com 21% (vinte e seis docentes). Com percentagem menor encontram-se os níveis de bacharelato, com 4,8% (seis docentes) e o de mestrado com apenas 3,2% (quatro docentes).

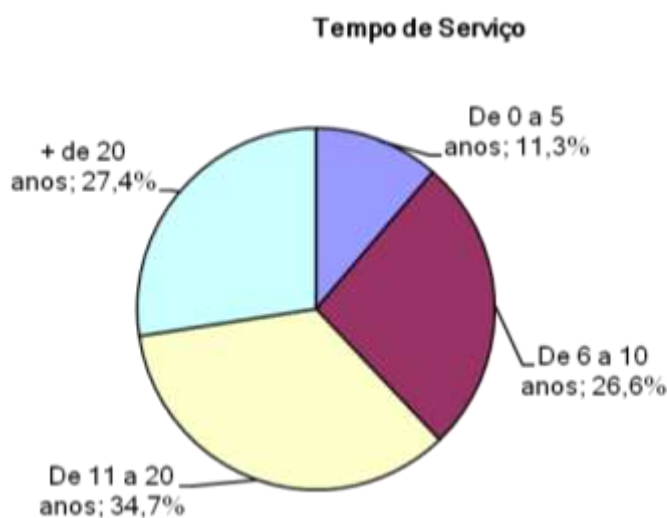


Gráfico 4 - Tempo de serviço dos inquiridos por questionário e escala de avaliação

No que respeita ao tempo de serviço docente da população em estudo conseguiu-se aferir que, numa percentagem de 34,7% (quarenta e três docentes), encontram-se os professores com tempo de serviço compreendido entre onze e vinte anos, seguindo-se

de 27,4% (trinta e quatro docentes), com mais de vinte anos de tempo de serviço. Muito próximo desta percentagem, com 26,6% (trinta e três docentes), encontram-se os que têm entre seis e dez anos de serviço e por último, representando 11,3% (catorze docentes), aparecem os professores que têm até cinco anos de serviço.

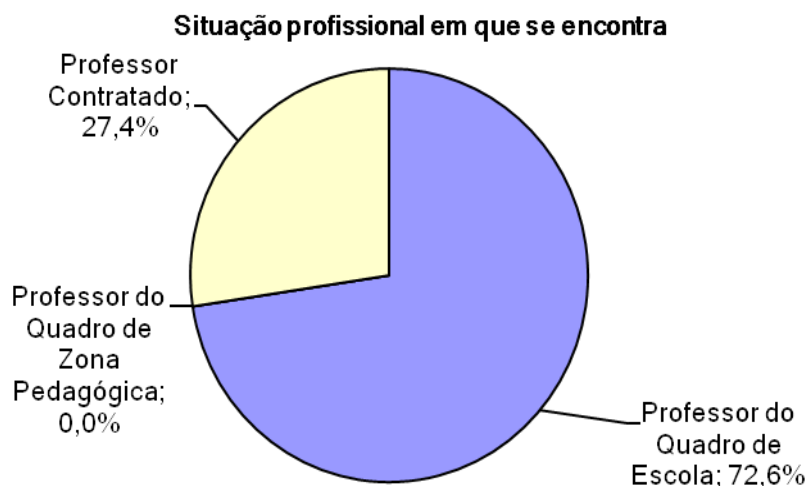


Gráfico 5 - Situação profissional dos inquiridos por questionário e escala de avaliação

Mais se acrescenta que, ainda referente à população em estudo, a maioria dos professores se encontra efetivo em Quadro de Escola, representando 72,6% (noventa docentes), sendo que os restantes 27,4% (trinta e quatro docentes) são Professores Contratados. Não se verificou nenhum caso de docentes efetivos em Quadro de Zona Pedagógica.

Torna-se a esta altura necessário também fazer uma caracterização dos restantes intervenientes no estudo empírico, como são a professora titular de turma, os encarregados de educação e os participantes no blog.

No que concerne à professora titular de turma, trata-se de uma docente do 1º Ciclo do Ensino Básico, com idade compreendida entre os trinta e os quarenta e cinco anos de idade, com formação profissional ao nível da Licenciatura, com dezanove anos de serviço docente e pertencente ao quadro de escola da Escola Básica Integrada do canto da Maia, na cidade de Ponta Delgada, ilha de S. Miguel.

Referente aos encarregados de educação, frisa-se plural, uma vez que os pais sempre fizeram questão de que isso fosse mencionado. Sendo que, no que respeita à responsabilidade de encarregado de educação, nos momentos necessários, esta é partilhada pelos dois genitores. Neste sentido, prossegue-se à caracterização dos dois intervenientes, mencionando que as idades do pai e da mãe estão também compreendidas entre os trinta e os quarenta e cinco anos, com formação profissional ao nível do Doutoramento (no caso do pai) e da Licenciatura (no caso da mãe). Trata-se de genitores com uma fratria de quatro crianças, sendo a sobredotada, do sexo masculino e o primeiro (mais velho) da fratria. É pertinente ainda mencionar que se trata de uma família de nível socioeconómico e cultura de classe média-alta. De referir ainda que a criança sobredotada é-o de forma comprovada pelas entidades e pessoas competentes, como atesta a documentação em anexo. (Anexos 3,4,5 e 6)

No que respeita aos participantes do blog, não é possível fazer uma caracterização pormenorizada dos mesmos, devido à anonimidade com que foram publicadas as opiniões. Pelos conteúdos, devido ao apelo ao comentário e pelo tipo de comentários, podemos inferir apenas que se trata de professores.

vii. Descrição dos Instrumentos

Para proceder à recolha de dados do pendor quantitativo do estudo, optou-se pela aplicação de dois instrumentos estruturados: o Questionário (Anexo 8), destinado aos professores do 1º Ciclo, em exercício de funções nas escolas da ilha de S. Miguel, e a Escala de Avaliação para Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (Anexo 9), aplicada à mesma população. Tanto o Questionário como a Escala foram instrumentos aferidos e validados no estudo *A percepção dos professores sobre os alunos sobredotados versus o alheamento da escola* – de Anabela Bastos, sob a orientação de Helena Serra, em 2009, no Porto. Os dados obtidos farão desta investigação, um estudo comparativo e complementar ao mencionado.

No que respeita ao pendor qualitativo deste estudo, optou-se pela aplicação de entrevistas semiestruturadas, à Professora Titular de Turma do aluno sobredotado e aos Encarregados de Educação (Pais), e pela recolha de opiniões num fórum on-line, cito blog (Anexo 12), ao qual foi dado acesso a todos os inquiridos pelo Questionário e divulgado posteriormente, em efeito bola de neve, a outros professores, que através da divulgação fossem tomando conhecimento da sua existência. De mencionar ainda que o Guião das entrevistas semiestruturadas, antes da sua aplicação, foram submetidos à análise de peritos especialistas na área/temática em causa, tendo sido validado pelos mesmos. (Anexos 10 e 11)

vii.i. Questionário (Anexo 8)

O Questionário foi um instrumento que chegou à população em estudo através da modalidade on-line, sendo implementado no servidor SurveyMonkey. A divulgação junto dos professores do 1º Ciclo foi feita via e-mail, através de todas as Unidades Orgânicas da ilha de S. Miguel, e após autorização por parte das entidades competentes, nomeadamente da Secretaria Regional de Educação Ciência e Cultura, de modo a chegar a todos os professores que em cada uma delas trabalhava. Do e-mail rececionado por cada professor constava um link de acesso direto ao questionário em questão.

O Inquérito por Questionário, estava dividido em duas partes distintas, sendo a primeira composta por cinco questões, referente aos dados pessoais de cada inquirido, permitindo

a caracterização da população em estudo, no que respeita ao género, idade, nível de habilitação, tempo de serviço e situação profissional. Da segunda parte do mesmo, constaram vinte e quatro questões, que se propunham observar: se a criança sobredotada é considerada pelos professores como uma criança com Necessidades Educativas Especiais; qual o nível de informação para reconhecimento de uma criança sobredotada; o conhecimento de uma criança sobredotada e quais as características que lhe reconhecem; o reconhecimento da necessidade de formação adequada para trabalhar com alunos sobredotados, no que respeita à identificação dos sobredotados, da legislação existente e das adaptações curriculares e estratégias a adotar; o conhecimento da legislação existente e integração das crianças sobredotadas no ensino regular ou em classes/escolas especiais; a capacidade de acompanhamento de uma criança sobredotada e os possíveis obstáculos que poderão advir; a pertinência da ajuda de outros profissionais (psicólogos, professores especializados ou médicos), no acompanhamento da criança sobredotada; até que ponto a adoção de estratégias adequadas repercutem num bom desempenho escolar do aluno sobredotado; e, se na atividade letiva diária, os professores valorizam a criatividade, a intuição e a imaginação, ao nível de conteúdo e processo.

Tratou-se de um questionário, todo ele composto por questões de resposta fechada, umas de escolha múltipla de apenas uma resposta possível, outras de escolha de vários itens apresentados em escalas de *Likert* devidamente explicitadas.

vii.ii. Escala de Avaliação para Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico (Anexo 9)

A escala de Avaliação para Professores do 1º Ciclo foi aplicada à mesma população do Inquérito por Questionário, seguindo a mesma via de divulgação e o seu preenchimento efetuou-se, por parte dos professores, após ao término do Inquérito por Questionário.

A supramencionada escala, como refere Bastos (2009),

“(…) foi elaborada à luz da Escala SPPC de Harter (1985), embora com algumas modificações e adaptações, uma vez que se destina a Professores dos 1º, 2º e 3º ciclos do Ensino Básico que avalia a forma como os professores avaliam os alunos nos seis domínios avaliados pela SPPC. Foi elaborada com o objetivo de apurar até que ponto os professores, em geral, apresentam conhecimentos sobre as características específicas dos sobredotados e sobre as práticas a adotar no seu processo educativo.”

A referida escala, denominada SPPC (Self-Perception Profile for Children) de Harter (1985) é conhecida a nível internacional e avalia o autoconceito, intervindo diretamente com crianças e jovens. No caso desta investigação, tal como na investigação de Bastos (2009), a intervenção tem por base efetivamente um(a) criança, avaliando-o(a) nos mesmos domínios a que se destina, mas desta feita preenchida efetivamente pelo professor dessa criança, uma vez que, o que se pretende, com a sua aplicação, é saber a percepção dos professores no que respeita à avaliação dos alunos nos domínios que a escala avalia. De mencionar ainda que a aplicação da escala considera os alunos por género, ano escolar em que se encontra e tempo de conhecimento do mesmo, por parte do professor (continuidade letiva).

No caso da investigação em curso, a escala utilizada foi apenas aplicada a professores do 1º Ciclo, uma vez que foi esta a população em estudo.

A escala apresenta-se estruturada numa escala de *Likert*, possibilitando quatro opções de resposta: Raramente (1); Poucas vezes (2); Algumas vezes (3) e Quase sempre ou sempre (4). A escala é composta por 39 itens distribuídos de forma a avaliar os seis domínios a que se propunha, nomeadamente: Competência Escolar (itens 1,2,3,4,5,6,7,8 e 9), Conduta/Comportamento (itens 10,11,12,13 e 14), Aceitação Social (itens 15, 16, 17, 18, 19 e 20), Competência Atlético (itens 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27), Aparência Física (itens 28, 29, 30, 31 e 32) e Autoestima Global (itens 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39). Aos professores foi pedido que aplicassem a escala ao (à) aluno (a) que considerassem ter maiores capacidades, nos seis domínios apresentados, sem que estes estivessem explicitados. Em suma, a escala foi aplicada por cada professor, ao aluno (a) que consideraram ser o (a) melhor da turma.

Pretendeu-se com a aplicação da escala supramencionada saber: qual a predominância do género (masculino ou feminino), no que respeita a ser o(a) melhor aluno(a); se a continuidade letiva (mais de uma ano letivo com o aluno) favorece a identificação de características de autoconceito, na criança com ótimo desempenho escolar; o ano letivo em que se encontra o aluno influencia a clareza da identificação das características de autoconceito, na criança com ótimo desempenho escolar.

vii.iii. Entrevista Semiestruturada à Professora Titular de Turma (Anexo 10)

A entrevista semiestruturada à professora titular de turma, é parte integrante do estudo com a finalidade de aferir dados qualitativamente. Foi aplicada à titular da turma, onde o aluno sobredotado se encontrava matriculado, sob a forma de vinte e três questões, respondidas pessoalmente em resposta aberta.

Com a aplicação da mesma entrevista, pretendeu-se obter, no discurso da professora, informações pertinentes para esta investigação como: a importância da continuidade letiva e períodos de tempo mais longos com o mesmo professor (titular), favorecem as relações interpessoais do aluno sobredotado; se o aluno sobredotado é considerado um aluno com Necessidades Educativas Especiais; o desconhecimento inicial, por parte da professora, acerca da sobredotação; se trabalhar com um aluno sobredotado é um desafio que exige o recurso a estratégias pedagógicas diferenciadas; se capacidades excepcionais como memória, raciocínio lógico e vocabulário avançado, são facilitadores da aprendizagem do aluno sobredotado; se a manifestação de interesses não comuns à maioria das crianças, dificulta a integração inicial do aluno sobredotado numa turma e condiciona as suas amizades; se o comportamento do aluno sobredotado pode confundir a sua identificação; se a falta de formação na área da sobredotação, de legislação específica e de bibliografia e documentação com conteúdos teóricos e práticos sobre a temática, assim como a falta de apoios de profissionais na área, para além dos psicólogos, são vistos como fatores que dificultam a ação do professor.

vii.iv. Entrevista Semiestruturada aos Pais (Encarregados de Educação) (Anexo 11)

A entrevista semiestruturada aos Encarregados de Educação (pai e mãe), é parte integrante do estudo com a finalidade de, tal como a entrevista à professora titular de turma, aferir dados qualitativamente. O Guião de entrevista foi elaborado e sujeito a validação, por parte de peritos competentes, de modo a ser o mais fiável possível. Foi aplicado aos Encarregados de Educação, sob a forma de vinte e sete questões, colocadas pessoalmente e de resposta aberta. Foi feita uma análise do conteúdo das respostas obtidas com o intuito de triangular resultados com os obtidos qualitativamente através da aplicação dos restantes instrumentos de recolha de dados.

Com a aplicação da entrevista mencionada, conseguiram obter-se, no discurso dos encarregados de educação, informações que foram organizadas em duas categorias (não identificadas na organização das perguntas efetuadas): características da criança sobredotada em contexto familiar e postura da família face ao papel da escola. No conjunto das respostas às questões colocadas, pretendia-se saber, e no que respeita à primeira categoria, se a criança sobredotada: revela interesse por assuntos não muito comuns às outras crianças o que interfere diretamente nas suas brincadeiras e na seleção das suas amizades; estabelece boas relações interpessoais com familiares e conhecidos assumindo a posição de líder; apresenta aptidão para atividades desportivas, boa autoestima, e preocupação com estilo de vida saudável e manifesta preferências profissionais futuras improváveis para uma criança da sua idade. Diretamente com a criança sobredotada, mas no que respeita às expectativas e/ou receios dos pais, pretendia-se verificar ainda, a possível existência de alguma preocupação no que concerne ao percurso escolar do filho, ao nível de acompanhamento e apoios prestados e se o filho será um bom contributo para a sociedade em que está inserido (Açoriana). No que respeita à postura da família face ao papel da escola, a entrevista tinha como finalidade aferir se o elevado Q.I. apresentado por uma criança sobredotada, assim como grande aptidão, em algumas áreas do saber, determinam o diagnóstico de sobredotação aquando do ingresso na escola; se a boa aceitação por parte da escola, determina a boa adaptação da criança sobredotada ao contexto escolar e quais os apoios de que a criança sobredotada dispõe na escola.

vii.v. Blog (Anexo 12)

Para melhor aferir as opiniões dos professores acerca da sobredotação foi criado também um fórum on-line – blog, de recolha de pareceres a partir de publicações constantes do mesmo. O blog foi intitulado de “A perceção do professor sobre o aluno sobredotado: Sobredotado – criança mal entendida”. A adesão à participação no blog, não foi tão significativa como a resposta aos outros instrumentos aplicados, no entanto, nas opiniões deixadas, conseguiu-se material com conteúdo de grande importância para esta investigação. De mencionar que, o total de professores que deixaram a sua opinião, fez cinquenta e seis.

No blog inseriram-se conteúdos como pontos de partida para discussão, em que constavam sete publicações de conteúdo distinto, com citações de autores conceituados na área da sobredotação, vídeos de apresentações power point e de reportagens feitas por um canal televisivo, com apresentação de crianças sobredotadas. No mesmo blog, havia ainda referência a “sítios” on-line, de interesse sobre sobredotação.

Através dos comentários recolhidos, sobre as publicações acima mencionadas, desejava-se recolher informações organizadas em duas categorias – A Sobredotação no Sistema Educativo Português e A Sobredotação na Sociedade Portuguesa. Neste seguimento, e referente à primeira categoria mencionada, pretendia-se saber, na opinião dos professores participantes se: os sobredotados estão todos sinalizados em Portugal; se existe uma grande dificuldade na identificação de uma criança sobredotada; se é reconhecida a falibilidade destas crianças; se as escolas estão munidas de pessoal qualificado para lidar com a sobredotação; se a burocracia, a falta de formação e conhecimentos sobre a sobredotação, são vistos como entraves à sinalização e acompanhamento de um aluno sobredotado e se existe a necessidade de diferenciação pedagógica, para com um aluno sobredotado. No que respeita à segunda categoria, pretendia-se aferir se: ainda se verifica, na sociedade portuguesa, a existência de mitos associados à sobredotação; se os participantes conhecem crianças sobredotadas e possuem conhecimentos sobre a temática em estudo.

III. Apresentação de resultados

1. Abordagem quantitativa: análise descritiva e teste das hipóteses

Inicia-se a apresentação dos resultados obtidos neste estudo empírico, pela apresentação da informação recolhida através do inquérito por questionário que foi aplicado à população em estudo já anteriormente mencionada.

A análise estatística incluiu estatística descritiva – frequências absolutas e relativas, médias e desvios padrão – e estatística inferencial. Para testar a significância das diferenças foram utilizados como referência para aceitar ou rejeitar a hipótese nula um nível de significância $(\alpha) \leq 0,05$. No entanto, e para os casos onde foram encontradas diferenças significativas para um nível $(\alpha) \leq 0,10$ estas foram devidamente comentadas. Para testar as diferenças em função do género usou-se o teste t de Student para amostras independentes pois foram comparadas duas amostras e as variáveis dependentes são de tipo quantitativo. Para testar as diferenças em função do ano curricular e do tempo de conhecimento do aluno usou-se o Anova One-Way pois compararam-se quatro amostras e as variáveis dependentes são de tipo quantitativo. Os pressupostos destes testes, nomeadamente o pressuposto de normalidade de distribuição e o pressuposto de homogeneidade de variâncias foram analisados com os testes de Kolmogorov-Smirnov e teste de Levene. Nas amostras com dimensão superior a 30 aceitou-se a normalidade, de acordo com o teorema do limite central. Quando a homogeneidade de variâncias não se encontrava satisfeita usou-se a correção de Welch. A Hipótese Geral 1 foi analisada com o teste de independência do Qui-quadrado. O pressuposto do Qui-quadrado de que não deve haver mais do que 20,0% das células com frequências esperadas inferiores a 5 foi analisado. Nas situações em que este pressuposto não estava satisfeito usou-se o teste do Qui-quadrado por simulação de Monte Carlo. As diferenças foram analisadas com o apoio dos resíduos ajustados estandardizados.

A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20.0 para Windows.

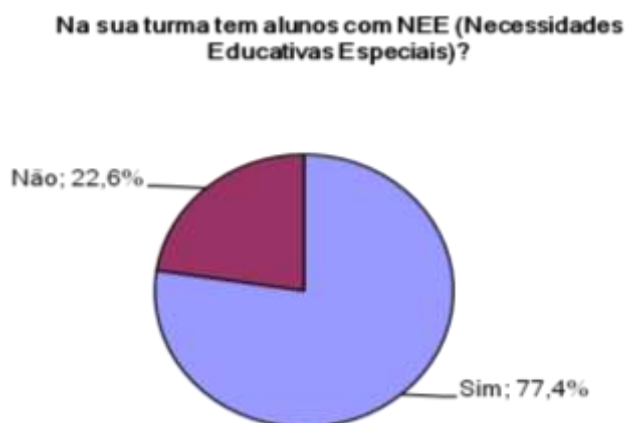
Neste seguimento, pretende-se a esta altura a confirmação da primeira Hipótese Geral:

H.G.1. - O conhecimento, a formação e a experiência de trabalho com crianças sobredotadas são fatores facilitadores para a identificação e atendimento à criança sobredotada e para o reconhecimento desta como uma criança com Necessidades Educativas Especiais (NEE);

Cerca de 77,0% dos docentes indicaram que, na sua turma têm alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais), dos quais, 35,4% afirma serem dois alunos e 30,2% três alunos. Apenas três professores (3,2%) indicam ter um aluno sobredotado na sua turma.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
1 alunos	20	16,1	20,8	20,8
2 alunos	34	27,8	35,4	56,2
3 alunos	29	24,2	30,2	86,4
4 alunos	4	3,2	4,2	90,6
5 alunos	2	1,7	2,1	92,7
>5 alunos	7	5,2	7,3	100,0
Total	96	78,2	100,0	
System	28	21,8		
Total	124	100,0		

Tabela 1 - Tem alunos com NEE? Quantos?



Os professores informaram que, na turma, com a qual trabalham, verifica-se a existência de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Responderam à questão

colocada, de forma afirmativa 77,4% dos inquiridos, sendo que os restantes 22,6 trabalham com turmas que não possuem alunos com NEE.

Se respondeu "sim" na questão 6, quantos alunos tem com NEE?

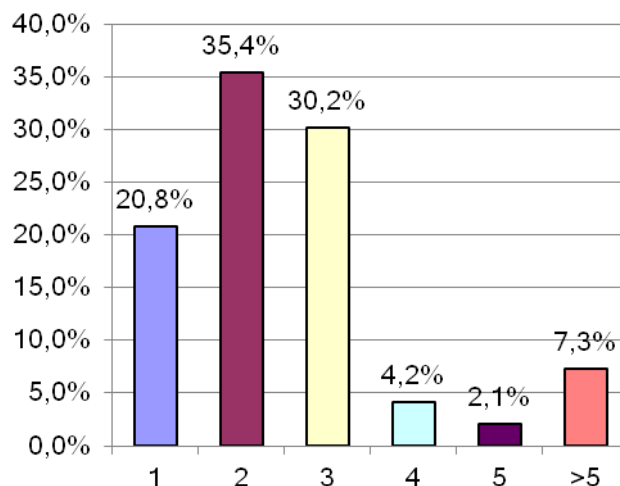


Gráfico 7 - Se respondeu "sim" na questão 6, quantos alunos tem com NEE?

No seguimento da questão anterior, e para os professores que responderam afirmativamente, foi-lhes perguntado o número total de alunos com NEE na sua turma. Verifica-se pelo apresentado que, na existência de crianças com NEE, nas turmas do ensino regular, a prevalência é de um a três alunos com NEE, por grupo de crianças, verificando-se a maior percentagem na existência de duas crianças (35,4%), seguida da existência de três (30,2%).

Se respondeu "sim" na questão 6, destes, quantos pensa que são sobredotados?

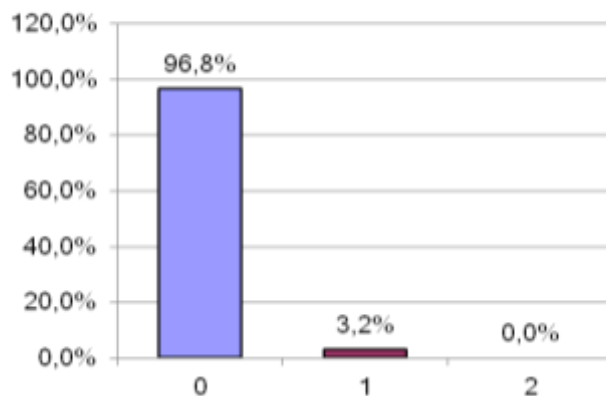


Gráfico 8 - Se respondeu "sim" na questão 6, quantos pensa que são sobredotados?

Depois de se saber da existência de alunos com NEE nas turmas regulares, e da quantidade por turma, os professores foram questionados, a fim de se saber se, desses alunos, consideram algum (uns) sobredotado (s). Quase todos os inquiridos (96,8%), afirmaram não considerem nenhum dos seus alunos com NEE, como alunos sobredotados. Existe no entanto alguns professores, embora num número muito reduzido, que colocam a hipótese da existência de alunos sobredotados, ou que, pelo menos apresentam características que inferem para que pensem assim.

71,0% dos docentes considera que tem pouca informação para reconhecer uma criança sobredotada.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Muita informação	3	2,4	2,4	2,4
Nenhuma informação	11	8,9	8,9	11,3
Pouca informação	88	71,0	71,0	82,3
Suficiente informação	22	17,7	17,7	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 2 - Qual o nível em que se encontra informado para reconhecer uma criança sobredotada?

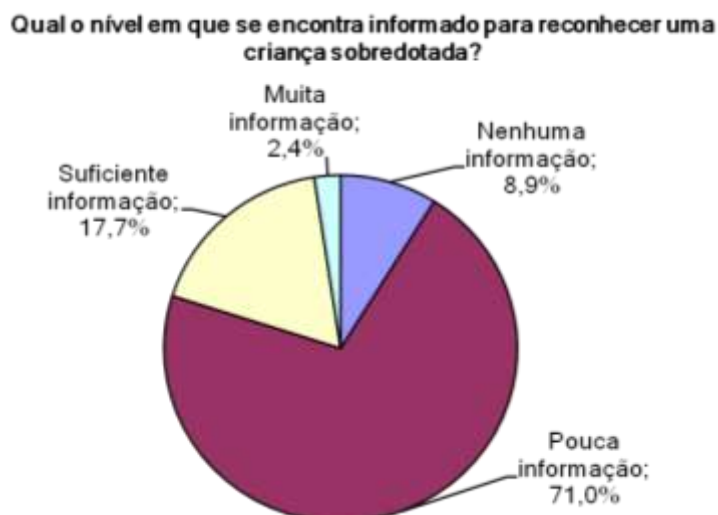


Gráfico 9 – Qual o nível em que se encontra informado para reconhecer uma criança sobredotada?

Após a colocação da questão anterior, prosseguiu-se questionando os professores acerca do nível de informação que possuem para serem capazes de reconhecer uma criança sobredotada. Após análise do resultado, verifica-se que existe uma percentagem de 71% dos professores que afirmam possuir pouca informação, seguidos daqueles que se afirmam suficientemente informados (17,7%).

Quase 9,0% indica que conhece crianças sobredotadas.

	Frequência	Percentagem
Não	112	91,1
Sim	12	8,9
Total	124	100,0

Tabela 3 - Conhecimento de crianças sobredotadas.

Conhece algum caso de criança sobredotada?

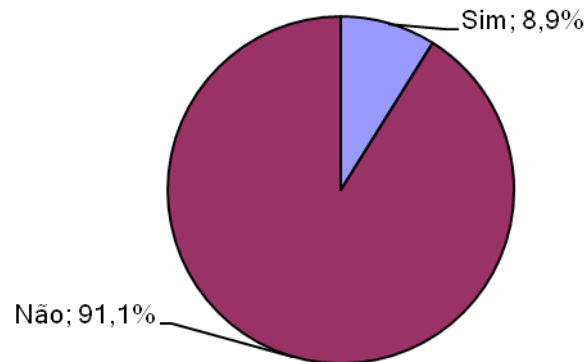


Gráfico 10 - Conhece algum caso de criança sobredotada?

Quando questionados sobre o conhecimento de alguma criança sobredotada, 91,1% dos professores afirmam não conhecer nenhuma criança sobredotada.

Verificou-se que, as características que os professores identificam na criança sobredotada que conhecem, no que respeita aos estilos de aprendizagem são a capacidade elevada e conhecimentos profundos em domínios específicos; referente à sua motivação intrínseca, mencionaram ser a busca de perfeição; no domínio da expressão criativa mencionaram a prevalência de ideias inesperadas ou originais; e no que se refere à interação com os pares afirmaram que as crianças se apresentam como sociáveis e cooperativas.

Vertentes Educativas e Comportamentais

Estilo de Aprendizagem

a) Capacidade elevada

8

b) Rapidez na aprendizagem	7
c) Preferência por temas complexos	6
d) Avidez de saber	5
e) Conhecimentos profundos em domínios específicos	8
f) Interesses múltiplos	1
Níveis de Motivação Intrínseca	
a) Maturidade no julgamento	5
b) Tendência em iniciar as suas próprias atividades	5
c) Busca de perfeição	7
d) Persistência na realização e na finalização das tarefas	1
Expressão Criativa (em qualquer domínio)	
a) Ideias inesperadas/originais	8
b) Preferência para lidar com abstrações	4
c) Apreciação de qualidades estéticas	2
d) Tendência para respostas imaginativas e emocionais	7
Interação com os Pares	
a) Comportamento cooperativo	7
b) Sensibilidade interpessoal	2
c) Sociabilidade	8
d) Habilidade de trato com pessoas e grupos	3

Tabela 4 - Tipo de características que a criança sobredotada revela.

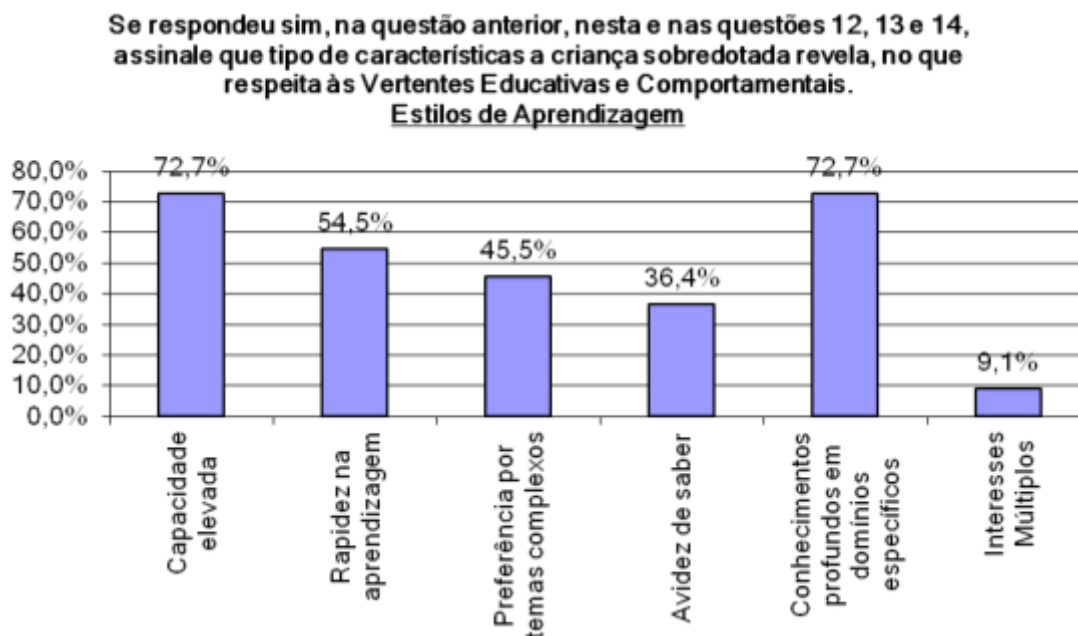


Gráfico 11 - Se respondeu sim, na questão anterior, nesta e nas questões 12, 13 e 14, assinale que tipo de características a criança sobredotada? Vertentes educativas e comportamentais.

Aos professores que responderam afirmativamente na questão anterior, foi-lhes pedido que indicassem, tendo em conta essa criança, as características que conseguissem

identificar na mesma, no que respeita às vertentes educativas educacionais, mais especificamente no que respeita aos estilos de aprendizagem. Neste seguimento, os professores, assinalaram como características mais predominantes a capacidade elevada (72,7%) e os conhecimentos profundos em domínios específicos (72,7%), sendo que a rapidez na aprendizagem aparece em terceiro lugar com 54,5%.

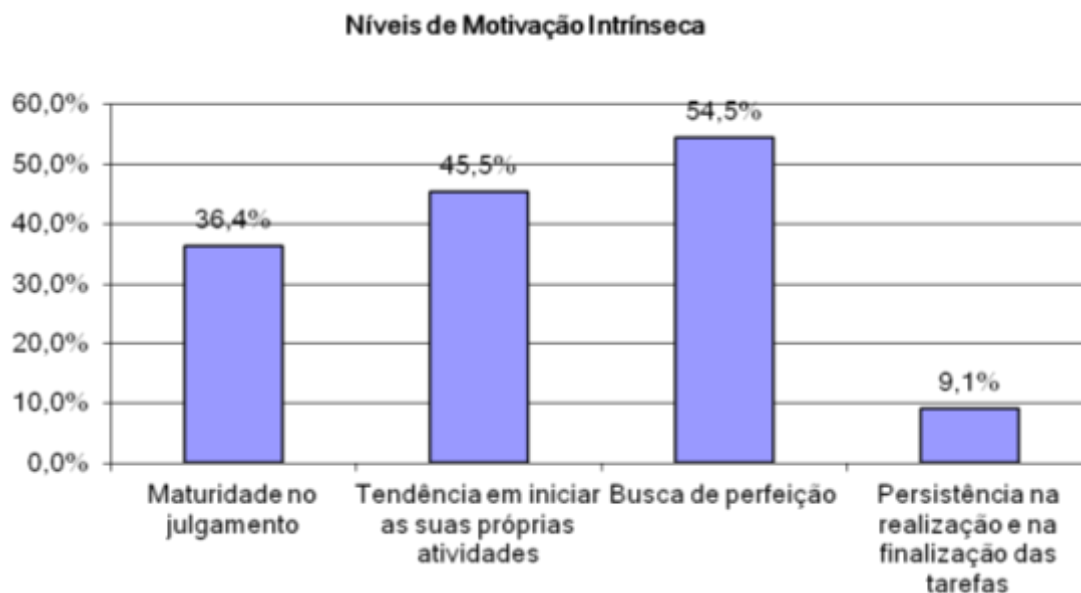


Gráfico 12 - Vertentes educativas e comportamentais - Níveis de motivação intrínseca

No que respeita à identificação de características relacionadas com os níveis de motivação intrínseca, os professores inquiridos indicam a busca de perfeição (54,5%), como a característica mais observada, seguindo-se a tendência da criança sobredotada em iniciar as suas próprias atividades, com 45,5%.

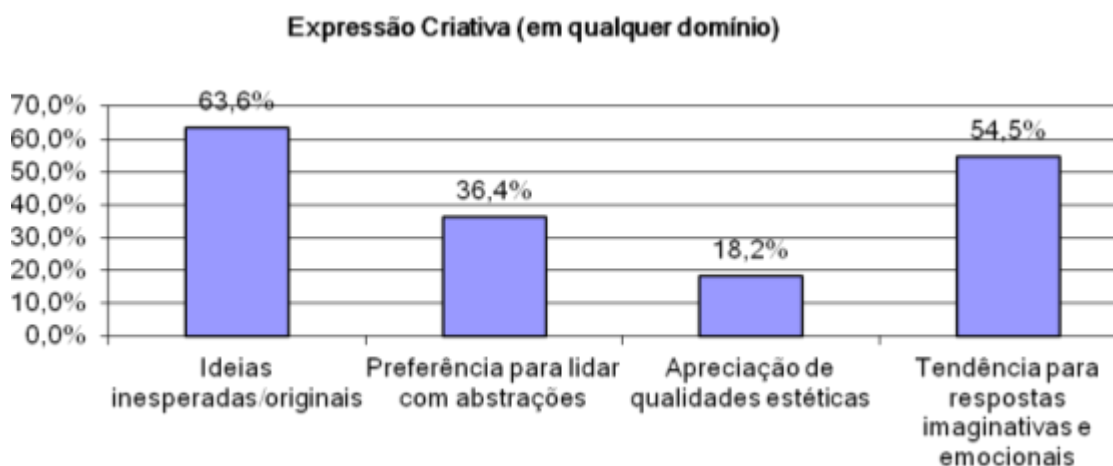


Gráfico 13 - Vertentes educativas e comportamentais - Expressão criativa (em qualquer domínio)

Referente às características apresentadas, e no que respeita à expressão criativa, os professores referem como mais observadas a apresentação de ideias inesperadas/originalis (63,3%) e a tendência para respostas imaginativas e emocionais (54,5%).

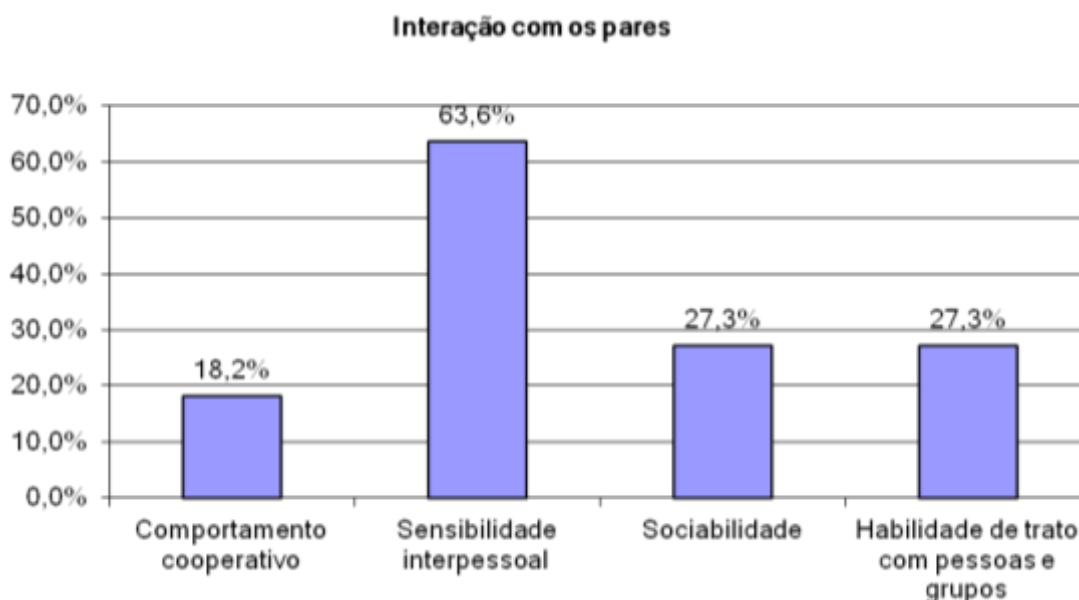


Gráfico 14 - Vertentes educativas e comportamentais - Interação com os pares

Como último item a aplicar na criança sobredotada conhecida, apareceu a interação com os pares. Neste item os professores mencionaram como características mais observáveis a sensibilidade interpessoal (63,3%) e em igual percentagem (27,3%), a sociabilidade de trato com pessoas e grupos.

Dos professores inquiridos, 75% considera ter formação pouco adequada para ensinar alunos sobredotados e apenas 4% ($n=5$) indica que não tem.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Nada adequada	5	4,0	4,0	4,0
Pouco adequada	93	75	75	79,0
Suficientemente adequada	26	21,0	21,0	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 5 - A sua formação é adequada para ensinar alunos sobredotados?

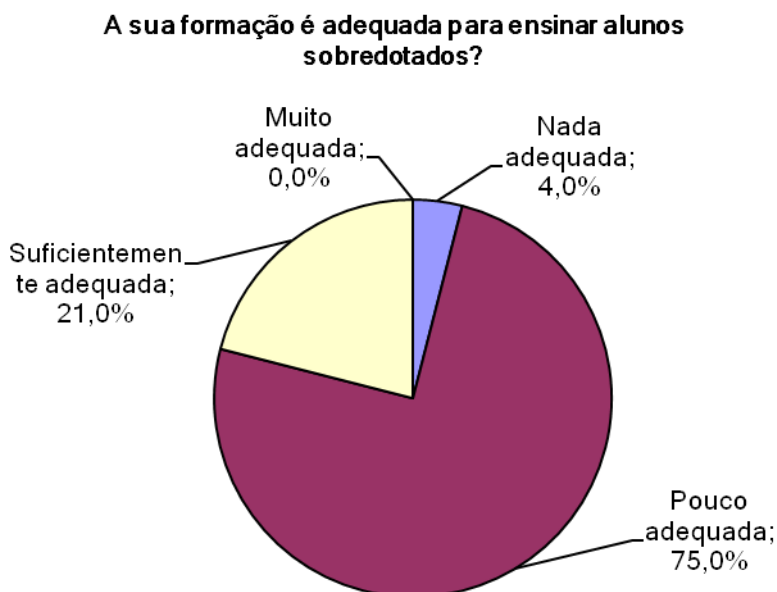


Gráfico 15 - A sua formação é adequada para ensinar alunos sobredotados?

Os professores inquiridos, admitem que, da informação que possuem sobre a sobredotação, consideram-na ser pouco adequada para ensinar alunos sobredotados (75%), seguindo-se no entanto de um grupo que afirma que possui formação suficientemente adequada (21%).

Aos professores inquiridos, e no que respeita à importância da abordagem à temática em estudo, na formação básica dos docentes, soube-se que, destes, 60,5% considera-a necessária e 29,8% considera até fundamental.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Fundamental	37	29,8	29,8	29,8
Imprescindível	12	9,7	9,7	39,5
Necessária	75	60,5	60,5	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 6 - Como considera a abordagem específica à temática "crianças sobredotadas" na formação básica dos docentes?

Como considera a abordagem específica à temática "crianças sobredotadas" na formação básica dos docentes?

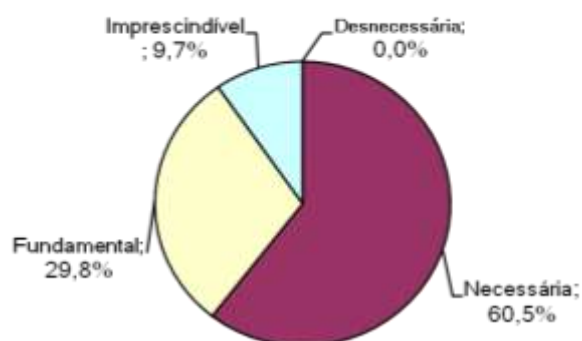


Gráfico 16 - Como considera a abordagem específica à temática "crianças sobredotadas" na formação básica dos docentes?

A formação mais adequada para a temática para a temática “crianças sobredotadas” na formação de professores é a pós-graduação (33,9%) e a Disciplina integrada na Licenciatura (28,2%). Verificou-se que 37,9% dos inquiridos mencionou ambas como a formação mais adequada.

	Frequência	Percentagem
Ambas	47	37,9
Disciplina integrada na Licenciatura	35	28,2
Um curso de especialização ou pós-graduação	42	33,9
Total	124	100,0

Tabela 7 - Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática "crianças sobredotadas" na formação de professores.

Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática "crianças sobredotadas" na formação de professores?

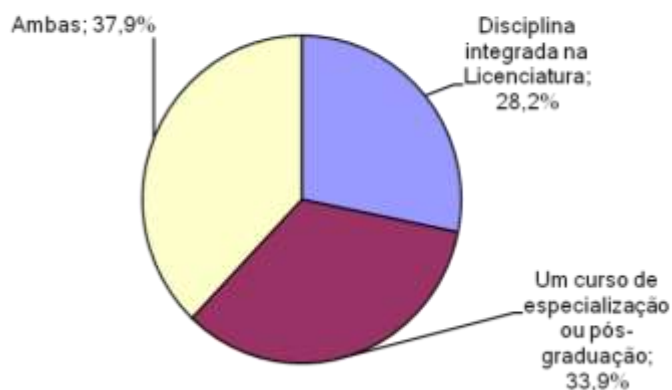


Gráfico 17 - Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática "crianças sobredotadas" na formação de professores?

Sendo considerada necessária e fundamental, pelos professores, a abordagem à sobredotação na sua formação, estes acrescentam ainda que, tal formação deveria fazer parte quer duma disciplina integrada na Licenciatura quer dum curso de especialização ou pós-graduação. Concluiu-se como sendo as duas, uma vez que 37,9% dos inquiridos assinalaram a opção - ambas. De salientar no entanto que, entre a opção de disciplina integrada na licenciatura e o curso de especialização ou pós-graduação, é a segunda que reúne mais professores, 33,9% em relação aos 28,2% da primeira.

Apesar da necessidade da abordagem à temática em estudo, na formação dos professores, apenas 19,4% indica que teve no programa curricular do curso abordagem à temática da sobredotação.

	Frequência	Percentagem
Não	100	80,6
Sim	24	19,4
Total	124	100,0

Tabela 8 - O seu currículo de formação inclui uma abordagem a esta temática?

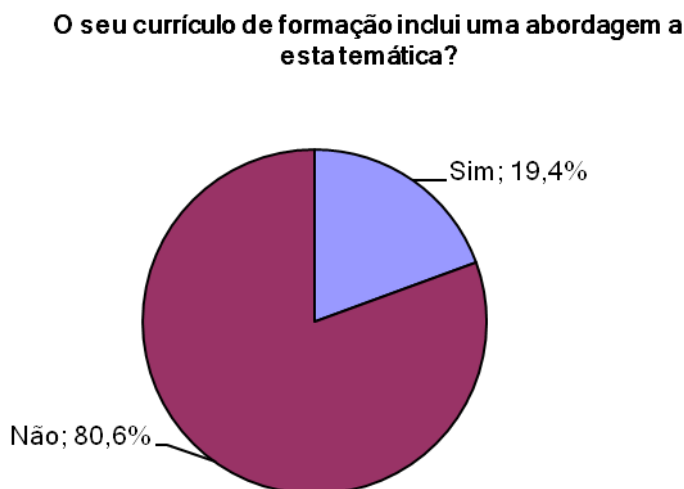


Gráfico 18 - O seu currículo de formação inclui uma abordagem a esta temática?

Concluiu-se ainda que, no currículo de formação de 80,6% dos professores inquiridos, não consta formação referente à temática em estudo. No entanto, existem já, alguns professores (19,4%), que são detentores de alguma formação em sobredotação.

Uma maioria muito elevada (89,5%) considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática “crianças sobredotadas”.

	Frequência	Percentagem
Não	13	10,5
Sim	111	89,5
Total	124	100,0

Tabela 9 - Considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática "crianças sobredotadas"?

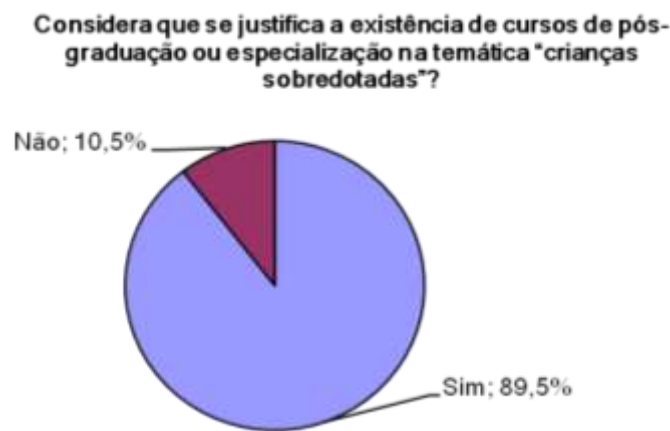


Gráfico 19 - Considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática "crianças sobredotadas"?

A esta altura da investigação, conseguiu-se saber que, 89,5% dos professores são da opinião de que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática “crianças sobredotadas”. Existe no entanto, numa percentagem de 10,5%, professores que ainda consideram que tal não se justifica.

Adaptações curriculares, Estratégias a adotar no seu comportamento e Identificação do sobredotado são as matérias consideradas, pelos professores inquiridos, como as mais importantes nos currículos de formação dos docentes.

		Pouco importante	importante	Muito importante
Identificação do sobredotado	%	1,3%	56,0%	42,7%
Legislação ligada à sobredotação	%	3,8%	62,8%	33,3%
Adaptações curriculares	%	2,4%	42,2%	55,4%
Estratégias a adotar no seu comportamento	%	1,6%	43,5%	54,8%

Todos os domínios a), b), c), d).	%	0,0%	37,2%	62,8%
-----------------------------------	---	------	-------	-------

Tabela 10 - Qual o nível de importância que atribui à abordagem de cada uma das seguintes matérias nos currículos de formação de docentes?

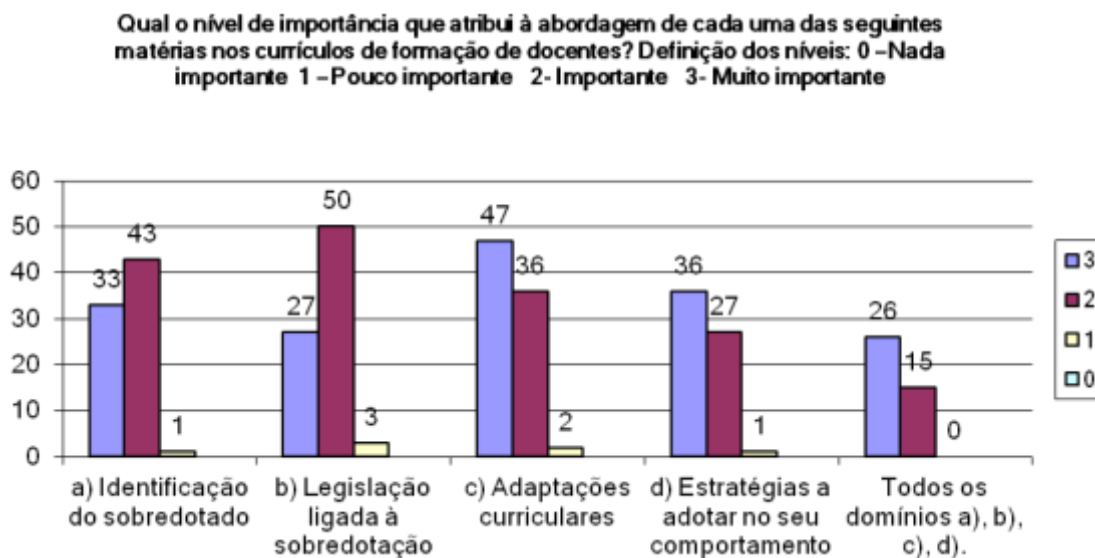


Gráfico 20 - Qual o nível de importância que atribui à abordagem de cada uma das seguintes matérias nos currículos de formação de docentes?

No que concerne ainda à formação, na área da sobredotação, os professores foram inquiridos sobre a importância que dão a temas como a identificação do sobredotado, a legislação existente ligada à sobredotação, as adaptações curriculares e as estratégias a adotar no seu comportamento. Neste sentido, e dentro das opções apresentadas, as opiniões baseiam-se essencialmente na atribuição de importante e muito importante a cada tema. São assim identificados, dentro do nível “importante”, como mais valorizado, a legislação ligada à sobredotação, a identificação do sobredotado e as adaptações curriculares. Dentro do nível “muito importante”, foram mencionadas as adaptações curriculares, as estratégias a adotar no seu comportamento e a identificação do sobredotado. Verificou-se ainda a existência de alguns professores que mencionaram como “importante” e “muito importante”, a abordagem a todos os itens apresentados.

A avaliar pelas respostas obtidas, os docentes estão a necessitar de formação sobre legislação relativa à sobredotação. 75,8% menciona ter pouco conhecimento da legislação.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Inexistente	12	9,7	9,7	9,7
Muito	1	,8	,8	10,5
Pouco	94	75,8	75,8	86,3
Suficiente	17	13,7	13,7	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 11 - Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais?

Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais?

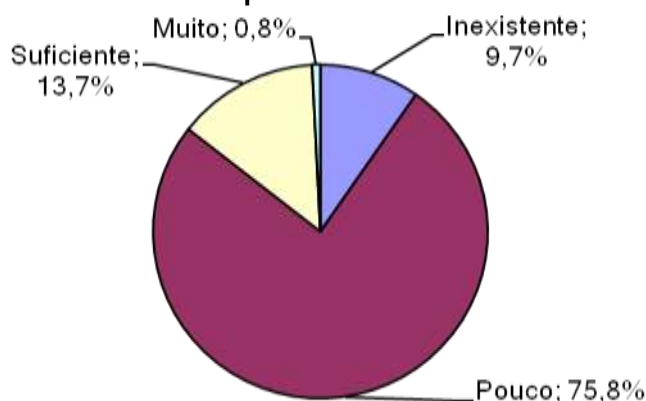


Gráfico 21 - Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais?

Referente ao conhecimento da atual legislação, que obriga à diferenciação pedagógica, no caso de crianças com capacidades excecionais, 75,8% dos professores afirma ter pouco conhecimento e 13,7%, conhecimento suficiente. Existe ainda uma percentagem de 9,7%, que afirma não conhecer a legislação existente.

Dos docentes inquiridos, 74,2 % concorda que se deve englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento.

	Frequência	Percentagem
Não	32	25,8
Sim	92	74,2
Total	124	100,0

Tabela 12 - Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?

Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?

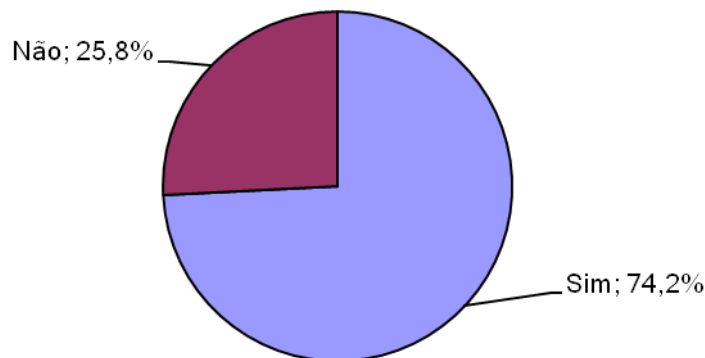


Gráfico 22 - Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?

Sobre o fato de englobar o ensino de crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento, 74,2% dos inquiridos refere ser correto, contrapondo com os restantes 25,8%, que são da opinião de que não é correto.

80,6% dos docentes, considera que *as crianças sobredotadas deverão estar integradas no ensino regular integrado na turma* e 15,3% no ensino regular em classes especiais.

	Frequência	Percentagem	Percentagem válida	Percentagem acumulada
Em escolas especiais	5	4,0	4,0	4,0
No ensino regular em classes especiais	19	15,3	15,3	19,4
No ensino regular integrado na turma	100	80,6	80,6	100,0
Total	124	100,0	100,0	

Tabela 13 - Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas

Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas:

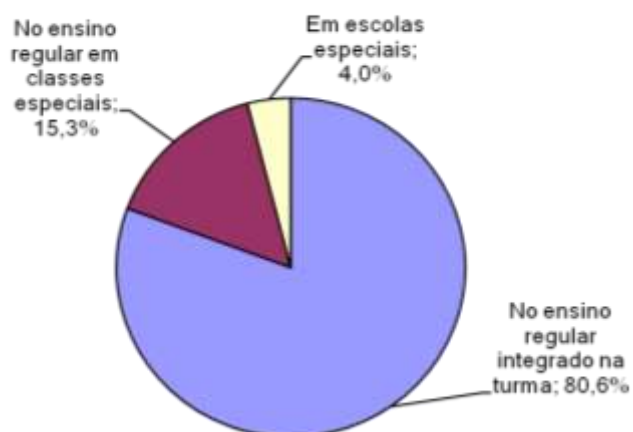


Gráfico 23 - Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas:

Pelo observado, 80,6% dos professores refere que as crianças sobredotadas deverão estar integradas nas turmas do ensino regular e 15,3% defende que estas deverão ser integradas no ensino regular, no entanto, em classes especiais. Existe ainda uma pequena percentagem (4%) que acha que as crianças sobredotadas deverão ser integradas em escolas especiais.

A maioria dos docentes (67,0%), considera que a integração em turmas regulares introduzindo alterações no processo de ensino/aprendizagem deverá ser a solução adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas.

	Frequência	Percentagem
Aceleração do processo de ensino	33	33,0
Integração em turmas regulares introduzindo alterações no processo de ensino/aprendizagem	67	67,0
Total	124	100,0

Tabela 14 - Qual considera, das seguintes soluções, aquela que deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas?

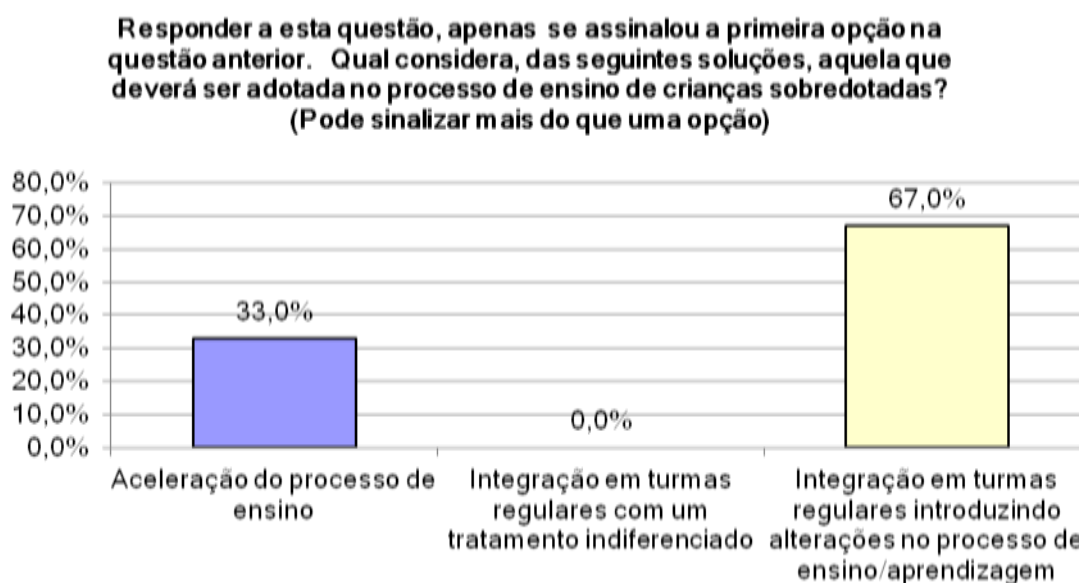


Gráfico 24 - Qual considera, das seguintes soluções, aquela que deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas?

Dos professores que mencionaram que as crianças sobredotadas devem ser integradas no ensino regular, integradas na turma, foi-lhes pedido que indicassem qual (ais), das soluções apresentadas, considerava ser as adotadas no processo ensino aprendizagem. Neste seguimento, 67% dos inquiridos mencionaram as alterações no processo de ensino aprendizagem como a mais relevante e 33% defende a aceleração do processo de ensino.

Os obstáculos mais designados que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados são a falta de formação e a falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação (20,9%) e falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos (17,5%).

	Freq.	%
Rejeição da turma em que o aluno sobredotado está inserido	17	4,2
Número excessivo de alunos por turma	57	14,2
Falta de formação por parte dos docentes	84	20,9
Falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos	70	17,5
Exigência de cumprimento de programas	52	13,0
Falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação	84	20,9
Falta de sensibilização, por parte da comunidade educativa para esta problemática	37	9,2
Total	401	100,0

Tabela 15 - Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados?

Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados (pode indicar mais do que uma opção).

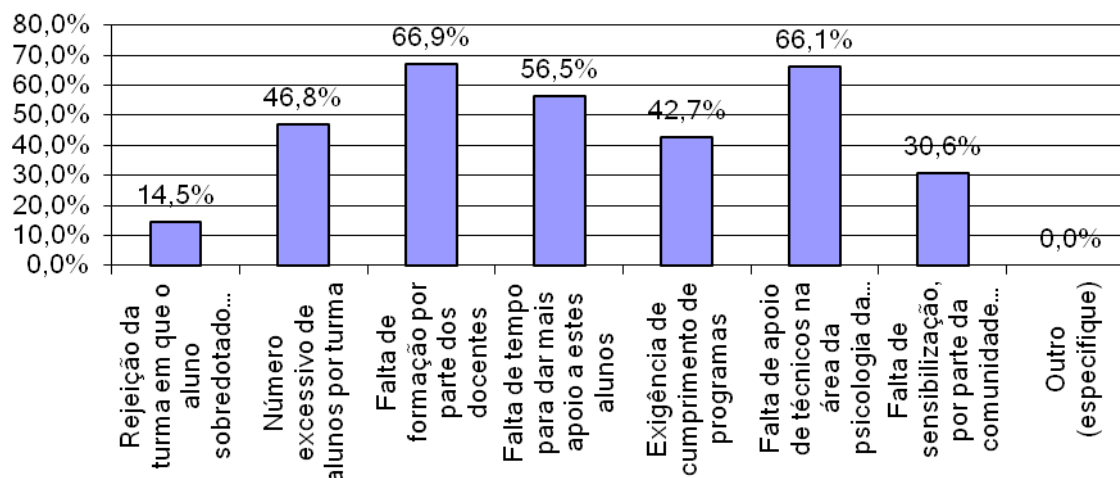


Gráfico 25 - Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados?

De um modo mais pormenorizado, no que se refere aos principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados, 66,9% vão para a falta de formação por parte dos docentes, 66,1% para a falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação, 56,5% para a falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos e 46,8%, para o número excessivo de alunos por turma. São assim, na opinião dos docentes, a falta de formação por parte dos docentes, a falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação, a falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos e o número excessivo de alunos por turma, os obstáculos mais significativos no acompanhamento ao aluno sobredotado.

Apenas 8,9 considera que não se sente capaz para acompanhar uma criança sobredotada. Por sua vez, 83,9% dos professores, considera que é capaz, mas com o apoio de outros profissionais, de preferência de um psicólogo (51,9%).

	Freq.	%
Não	11	8,9
Sim	9	7,3
Sim, mas recorrendo a ajuda de outros profissionais	104	83,9
Total	124	100,0

Tabela 16 - Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada?

	Freq.	%
Psicólogo	109	51,9
Professor especializado	93	44,3
Médico escolar	8	3,8
Total	210	100,0

Tabela 17 - Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa?

Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada?

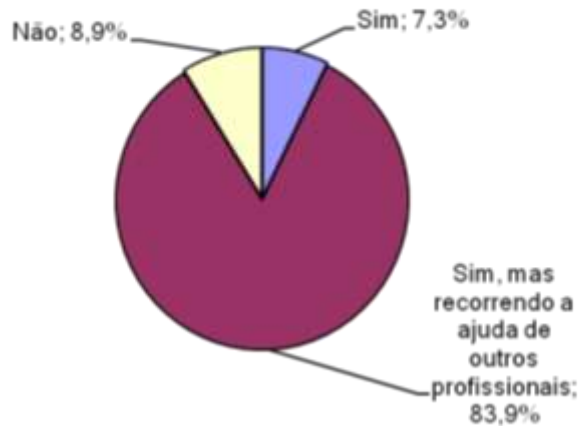


Gráfico 26 - Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada?

Quanto ao fato de se sentirem capazes de acompanhar um aluno sobredotado, a maioria dos professores (83,9%), refere que se sente capacitado, no entanto necessitaria da ajuda de outros profissionais. Existe uma pequena percentagem de 7,3%, que se apresenta como capaz de acompanhar o aluno sobredotado, sem apoio.

Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa? (pode sinalizar mais do que uma opção)

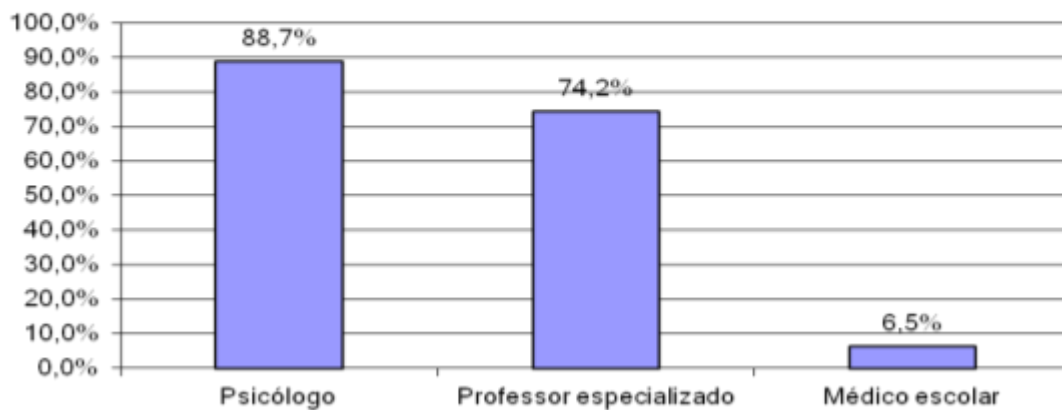


Gráfico 27 - Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa?

No caso de se verificar a necessidade de recorrer a outras ajudas, no acompanhamento do aluno sobredotado, é mencionado com maior importância o psicólogo (88,7%), seguido do professor especializado (74,2%).

A implementação de estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, tem repercussões bastante significativas (82,3%) ou muito significativas (12,9%) no desempenho escolar do aluno.

	Freq.	%
Bastante significativas	102	82,3
Muito significativas	16	12,9
Pouco significativas	6	4,8
Total	124	100,0

Tabela 18 - No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?

No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?

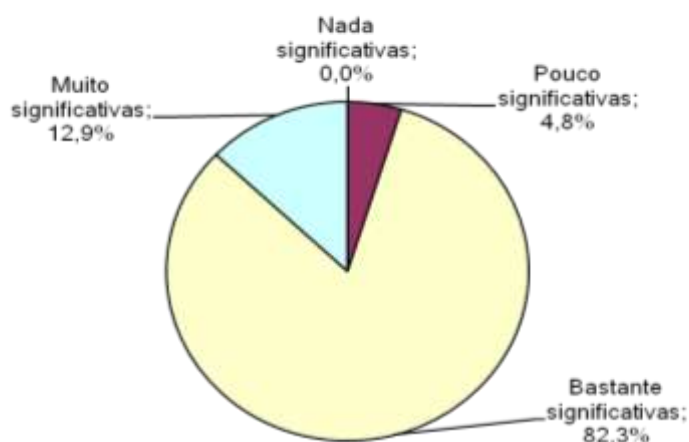


Gráfico 28 - No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?

Partindo da hipótese que o professor, no acompanhamento ao aluno sobredotado, adota estratégias diferenciadas, para o desenvolvimento das suas capacidades, 82,3% dos professores acredita que a repercussão no desempenho escolar, será bastante positiva, seguindo-se os que acham que conseguiriam repercussão muito significativa no desempenho escolar, numa percentagem de 12,9%.

Por último, 87,1% dos inquiridos, considera que nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas em termos de conteúdo e processo.

	Freq.	%
Não	5	4,0
Não sabe	11	8,9
Sim	108	87,1
Total	124	100,0

Tabela 19 - Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?

Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?



Gráfico 29 - Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?

Uma criança sobredotada pode apresentar características como a criatividade, a intuição e a imaginação. Os professores foram também questionados acerca da valorização destas características, em contexto de sala de aula, em termos de conteúdo e processo. A maioria (87,1%), refere que tal situação se verifica, 4% diz que não e 8,9% não sabe.

Verificou-se, e a título de sumário, na operacionalização da H.G.1. da investigação, que:

- Os professores com formação em sobredotação afirmam que estão mais preparados para trabalhar com os alunos sobredotados do que os professores sem formação nessa

área (29,2% vs 2,0%), sendo a diferença estatisticamente significativa, teste exato de Fisher = 17,360, $p = ,000$.

	Valor	gl	Sig.
Pearson Chi-Square	22,924	2	,000
Likelihood Ratio	19,678	2	,000
Fisher's Exact Test	17,360		000
N of Valid Cases	124		

Tabela 20 – Teste do Qui-quadrado - Formação vs preparação

Sente-se capaz...		Formação		Total
		Não	Sim	
Não	Freq.	11	0	11
	% sente-se capaz...	100,0%	0,0%	100,0%
	% formação	11,0%	0,0%	8,9%
	% do total	8,9%	0,0%	8,9%
Sim	Freq.	2	7	9
	% sente-se capaz...	22,2%	77,8%	100,0%
	% formação	2,0%	29,2%	7,3%
	% do total	1,6%	5,6%	7,3%
Sim, mas recorrendo a ajuda de outros profissionais	Freq.	87	17	104
	% sente-se capaz...	83,7%	16,3%	100,0%
	% formação	87,0%	70,8%	83,9%
Total	Freq.	100	24	124
	% sente-se capaz...	80,6%	19,4%	100,0%
	% formação	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	80,6%	19,4%	100,0%

Tabela 21 - Formação vs preparação

- Os professores com formação em sobredotação afirmam que têm suficiente informação para reconhecer uma criança sobredotada (54,2% vs 9,0%), sendo a diferença estatisticamente significativa, teste exato de Fisher = 23,485, $p = ,000$.

	Valor	gl	Sig.
Pearson Chi-Square	28,070	3	,000
Likelihood Ratio	23,473	3	,000

Fisher's Exact Test	23,485	,000
N of Valid Cases	124	

Tabela 22 - Teste do Qui-quadrado – Formação vs identificação

Reconhecer		Formação		Total
		Não	Sim	
Muita informação	Freq.	2	1	3
	% reconhecer...	66,7%	33,3%	100,0%
	% formação	2,0%	4,2%	2,4%
	% do total	1,6%	0,8%	2,4%
Nenhuma informação	Freq.	10	1	11
	% reconhecer...	90,9%	9,1%	100,0%
	% formação	10,0%	4,2%	8,9%
	% do total	8,1%	0,8%	8,9%
Pouca informação	Freq.	79	9	88
	% reconhecer...	89,8%	10,2%	100,0%
	% formação	79,0%	37,5%	71,0%
	% do total	63,7%	7,3%	71,0%
Suficiente informação	Freq.	9	13	22
	% reconhecer...	40,9%	59,1%	100,0%
	% formação	9,0%	54,2%	17,7%
	% do total	7,3%	10,5%	17,7%
Total	Freq.	100	24	124
	% reconhecer...	80,6%	19,4%	100,0%
	% formação	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	80,6%	19,4%	100,0%

Tabela 23 - Formação vs identificação

- A proporção de professores que conhecem crianças sobredotadas e que afirmam que têm suficiente informação para reconhecer uma criança sobredotada como um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE), é maior do que a proporção de professores que não conhecem crianças sobredotadas e que afirmam que têm suficiente informação para reconhecer uma criança sobredotada como um aluno com NEE (41,7% vs 15,2%), sendo a diferença estatisticamente significativa, teste exato de Fisher = 7,391, $p = ,043$.

	Valor	gl	Sig.
Pearson Chi-Square	8,209	3	,042
Likelihood Ratio	7,639	3	,054
Fisher's Exact Test	7,391		,043
N of Valid Cases	124		

Tabela 24 - Teste do Qui-quadrado – Conhecimento vs identificação

Reconhecer		conhece		Total
		Não	Sim	
Muita informação	Freq.	2	1	3
	% reconhecer...	66,7%	33,3%	100,0%
	% formação	1,8%	8,3%	2,4%
	% do total	1,6%	0,8%	2,4%
Nenhuma informação	Freq.	11	0	11
	% reconhecer...	100,0%	0,0%	100,0%
	% formação	9,8%	0,0%	8,9%
	% do total	8,9%	0,0%	8,9%
Pouca informação	Freq.	82	6	88
	% reconhecer...	93,2%	6,8%	100,0%
	% formação	73,2%	50,0%	71,0%
	% do total	66,1%	4,8%	71,0%
Suficiente informação	Freq.	17	5	22
	% reconhecer...	77,3%	22,7%	100,0%
	% formação	15,2%	41,7%	17,7%
	% do total	13,7%	4,0%	17,7%
Total	Freq.	112	12	124
	% reconhecer...	90,3%	9,7%	100,0%
	% formação	100,0%	100,0%	100,0%
	% do total	90,3%	9,7%	100,0%

Tabela 25 - Conhecimento vs identificação

O segundo instrumento de recolha de dados utilizado nesta investigação foi, tratou-se da escala de avaliação para professores do 1º Ciclo, que foi aplicada aos mesmos indivíduos que responderam ao inquérito por questionário.

Pretende-se desta feita, confirmar a H.G.2. - O género, o ano curricular em que se encontram os alunos e o tempo de conhecimento dos alunos, por parte do professor (continuidade letiva), são fatores que influenciam a percepção dos professores na identificação de características relacionadas com o autoconceito, em crianças com ótimo

desempenho escolar, em diferentes domínios (Competência Escolar, Conduta/Comportamento, Aceitação Social, Competência Atlética, Aparência Física e Autoestima Global).

Um pouco mais de metade da amostra dos melhores alunos, em que os docentes pensaram, para responder à escala para professores, baseada na escala SPPC de Harter e elaborada por Bastos (2009), são do género feminino (54%).



Gráfico 30 - Género dos alunos considerados os melhores da turma

Os melhores alunos estão distribuídos, mais ou menos uniformemente, pelos 4 anos de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim, 33,1% frequenta o 3º ano, 23,4% o 2º ou o 4º ano e 20,2% frequenta o 1º ano.

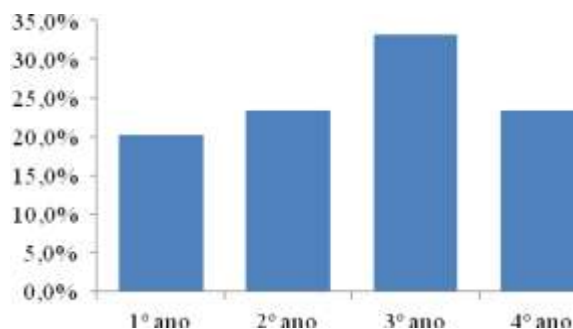


Gráfico 31 - Distribuição, por ano letivo, dos alunos considerados os melhores da turma

A consistência das dimensões, foi avaliada com recurso ao coeficiente de consistência Alfa de Cronbach. Os valores obtidos variam entre um mínimo de 0,777 (razoável) na dimensão *comportamentos* e um máximo de 0,966 (excelente) na dimensão *competências atléticas*. Estes valores validam a escala utilizada enquanto instrumento de investigação. A categorização dos valores do Alfa tem como referência os valores publicitados em Hill (2005).

	Alfa de Cronbach	Nº de itens
Competências escolares	,823	9
Comportamentos	,777	5
Aceitação social	,909	6
Competências Atléticoas	,966	7
Aparência física	,932	5
Autoestima global	,921	7

Tabela 26 - Consistência interna das dimensões da escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

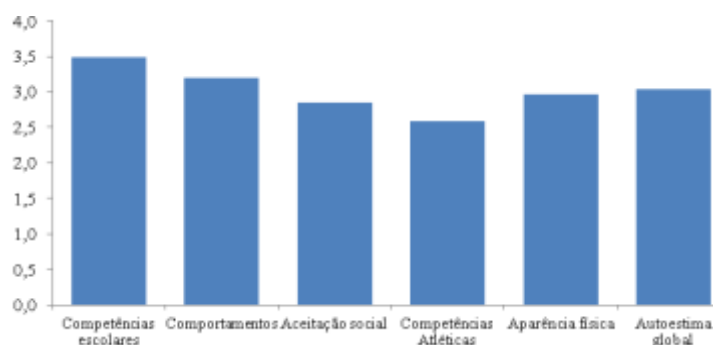


Gráfico 32 – Competências avaliadas pela escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

A distribuição das respostas dos professores, na escala usada, pode ser apreciada na **Tabela 27 - Escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico**. Nela se evidenciam em cinza claro, as respostas mais frequentes (moda). A afirmação com a qual os professores mais concordaram quando pensam no melhor aluno da turma é *tem maior capacidade intelectual que a maioria os seus colegas* (77,4%) e aquela com que menos concordaram foi *envolveu-se frequentemente em conflitos* (47,2%).

		Raramente	Poucas vezes	Algumas vezes	Quase sempre ou sempre	Total
Colocou muitas questões na sala de aula.	Freq.		3	41	80	124
	%		2,4	33,1	64,5	100,0
Falou muito sem ser solicitado.	Freq.	4	8	55	57	124
	%	3,2	6,5	44,4	46,0	100,0
Habitualmente fez os trabalhos de casa às várias disciplinas.	Freq.		5	28	90	123
	%		4,1	22,8	73,2	100,0
Respondeu rápida e acertadamente às solicitações do(a) professor(a), qualquer que seja o tema.	Freq.		4	45	75	124
	%		3,2	36,3	60,5	100,0
Tem maior capacidade intelectual que a maioria os seus colegas.	Freq.		3	25	96	124
	%		2,4	20,2	77,4	100,0
Tem um vocabulário rico para a idade e o ano de escolaridade que frequenta.	Freq.	3	3	31	87	124
	%	2,4	2,4	25,0	70,2	100,0
Compreendeu com facilidade a informação transmitida e	Freq.		9	40	75	124
	%		7,3	32,3	60,4	100,0

A Perceção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -

recorda-a com facilidade.	%		7,3	32,3	60,5	100,0
Aplicou os conhecimentos adquiridos numa matéria, noutra matéria diferente.	Freq.	2	33	68	21	124
	%	1,6	26,6	54,8	16,9	100,0
Cumpriu adequadamente as obrigações e os deveres escolares.	Freq.		8	66	50	124
	%		6,5	53,2	40,3	100,0
Assumiu responsabilidades e obrigações.	Freq.	3	24	71	26	124
	%	2,4	19,4	57,3	21,0	100,0
Comportou-se bem na sala de aula.	Freq.	2	9	61	52	124
	%	1,6	7,3	49,2	41,9	100,0
Relacionou-se facilmente com os adultos.	Freq.		6	64	54	124
	%		4,8	51,6	43,5	100,0
Envolveu-se frequentemente em conflitos.	Freq.	58	47	12	6	123
	%	47,2	38,2	9,8	4,9	100,0
Comportou-se bem no recreio escolar.	Freq.	2	17	72	33	124
	%	1,6	13,7	58,1	26,6	100,0
Relacionou-se facilmente com os pares.	Freq.	2	13	68	41	124
	%	1,6	10,5	54,8	33,1	100,0
Foi-lhe fácil fazer amigos.	Freq.		20	78	26	124
	%		16,1	62,9	21,0	100,0
Tem os amigos que deseja.	Freq.		31	74	18	123
	%		25,2	60,2	14,6	100,0
Tem muitos amigos.	Freq.		34	67	22	123
	%		27,6	54,5	17,9	100,0
É conhecido e estimado pelos colegas.	Freq.	6	38	62	18	124
	%	4,8	30,6	50,0	14,5	100,0
É mais popular do que a maioria dos seus colegas.	Freq.	12	57	48	6	123
	%	9,8	46,3	39,0	4,9	100,0
Empenhou-se na prática de desportos e atividades físicas.	Freq.	4	41	55	23	123
	%	3,3	33,3	44,7	18,7	100,0
Deu importância à prática de desportos e atividades físicas.	Freq.	4	44	53	23	124
	%	3,2	35,5	42,7	18,5	100,0
Foi bom/boa em todos os desportos.	Freq.	12	50	50	12	124
	%	9,7	40,3	40,3	9,7	100,0
Obteve êxito em desportos novos.	Freq.	13	52	50	9	124
	%	10,5	41,9	40,3	7,3	100,0
Foi persistente e ativo(a) nas atividades físicas.	Freq.	8	47	46	23	124
	%	6,5	37,9	37,1	18,5	100,0
Preferiu participar em vez de observar os jogos e desportos.	Freq.	12	46	39	27	124
	%	9,7	37,1	31,5	21,8	100,0
É mais competente em desportos e atividades físicas do que a maioria dos seus colegas.	Freq.	22	54	35	13	124
	%	17,7	43,5	28,2	10,5	100,0
Gosta do seu corpo.	Freq.		15	90	18	123
	%		12,2	73,2	14,6	100,0
Gosta do seu aspeto físico.	Freq.		16	88	19	123
	%		13,0	71,5	15,4	100,0
Acha que o seu peso e altura estão adequados.	Freq.	1	18	83	20	122
	%	,8	14,8	68,0	16,4	100,0
Acha a sua aparência física adequada.	Freq.		18	86	20	124
	%		14,5	69,4	16,1	100,0
Tem melhor aparência física do que a maioria dos seus colegas.	Freq.	2	24	85	12	123
	%	1,6	19,5	69,1	9,8	100,0
Gosta do tipo de pessoa que é.	Freq.		20	82	21	123
	%		16,3	66,7	17,1	100,0

A Perceção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -

Está satisfeito consigo próprio.	Freq.	21	81	22	124
	%	16,9	65,3	17,7	100,0
Gosta de ser tal como é.	Freq.	19	83	22	124
	%	15,3	66,9	17,7	100,0
Está satisfeito(a) com a forma como faz as coisas.	Freq.	19	83	22	124
	%	15,3	66,9	17,7	100,0
Gosta da maneira como conduz a sua vida.	Freq.	20	83	19	122
	%	16,4	68,0	15,6	100,0
Tem melhor comportamento do que a maioria dos seus colegas.	Freq.	4	15	51	54
	%	3,2	12,1	41,1	43,5
Tem mais autoestima do que a maioria dos seus colegas.	Freq.	23	79	22	124
	%	18,5	63,7	17,7	100,0

Tabela 27 - Escala de avaliação para professores do 1º Ciclo do Ensino Básico

Na **Tabela 28 - Estatísticas descritivas das dimensões**, podem apreciar-se as estatísticas descritivas, valores mínimos e máximos, médias e respetivos desvios padrão das dimensões da escala. A dimensão mais valorizada foi competências escolares (**3,48**) e a menos valorizada foi a dimensão competências atléticas (**2,59**).

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Competências escolares	123	2,11	4,00	3,48	,38
Comportamentos	123	1,80	4,00	3,20	,50
Aceitação social	121	1,67	4,00	2,85	,56
Competências Atléticas	123	1,00	4,00	2,59	,75
Aparência física	121	1,80	4,00	2,97	,49
Autoestima global	122	1,86	4,00	3,03	,50

Tabela 28 - Estatísticas descritivas das dimensões

Perceção dos professores e género dos alunos

No que respeita à perceção dos professores, tendo em conta o género dos alunos, encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

	Feminino		Masculino		Sig.
	M	Dp	M	Dp	
Competências escolares	3,53	,35	3,43	,43	,202
Comportamentos	3,34	,43	3,05	,55	,001 *
Aceitação social	2,97	,50	2,71	,60	,012 *
Competências Atléticas	2,48	,79	2,75	,70	,048 *
Aparência física	3,06	,50	2,88	,47	,049 *

Autoestima global	3,15	,47	2,89	,52	,003 *
-------------------	-------------	-----	-------------	-----	--------

* $p \leq ,05$

Tabela 29 - Significância das diferenças por género

Comportamentos, $t(120) = 3,261$, $p = ,001$, os professores tendem a avaliar significativamente melhor os comportamentos das alunas do que o comportamento dos alunos (3,34 vs 3,05).

Aceitação social, $t(118) = 2,594$, $p = ,012$, os professores têm uma percepção significativamente mais positiva da aceitação social das alunas do que dos alunos (2,97 vs 2,71).

Competências atléticas, $t(120) = -1,997$, $p = ,048$, os professores têm uma percepção significativamente mais positiva das competências atléticas dos alunos do que das alunas (2,75 vs 2,48).

Aparência física, $t(118) = 1,987$, $p = ,049$, os professores têm uma percepção significativamente mais positiva da aparência física das alunas do que dos alunos (3,06 vs 2,88).

Autoestima global, $t(119) = 3,005$, $p = ,003$, os professores têm uma percepção significativamente mais positiva da autoestima global das alunas do que dos alunos (3,15 vs 2,89).

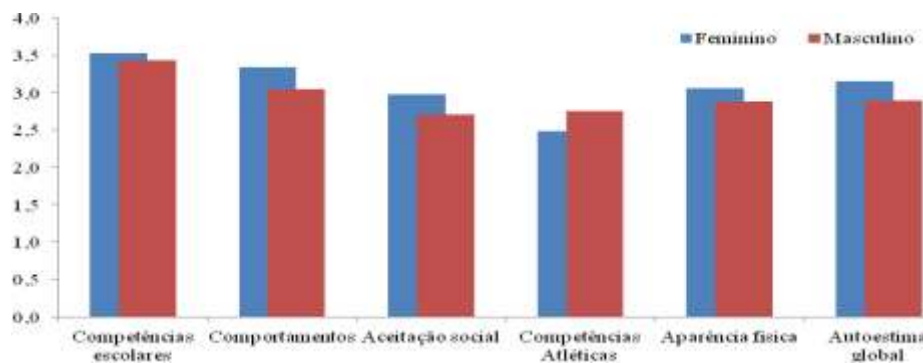


Gráfico 33 - Distribuição dos alunos, por género, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.

Percepção dos professores e tempo de acompanhamento dos alunos (continuidade letiva)

No que respeita à continuidade letiva, encontraram-se as seguintes diferenças estatisticamente significativas:

	1 ano		2 anos		3 anos		4 anos		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Competências escolares	3,53	,37	3,50	,37	3,40	,38	3,51	,54	,530
Comportamentos	3,30	,50	3,14	,45	3,13	,57	3,33	,57	,325
Aceitação social	2,96	,62	2,84	,50	2,67	,54	3,06	,53	,089 *
Competências Atléticoas	2,89	,69	2,45	,80	2,42	,72	2,56	,76	,025 **
Aparência física	3,07	,57	2,97	,40	2,84	,49	3,07	,49	,240
Autoestima global	3,16	,55	3,03	,43	2,83	,49	3,13	,51	,043 **

* $p \leq ,10$ ** $p \leq ,05$

Tabela 30 - Significância das diferenças por ano de escolaridade

Aceitação social, $F(3, 117) = 2,228$, $p = ,089$, o teste de comparação múltipla *a posteriori* de Tukey indicou que, os professores que conhecem os alunos há mais tempo (4 anos) percebem de forma significativamente mais positiva as competências sociais dos seus melhores alunos, do que os que os conhecem há 1 ano (2,96 vs 3,06).

Tempo	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
3 anos	31	2,66	
2 anos	38	2,83	2,83
1 ano	41		2,96
4 anos	11	3,06	3,06
Sig.		,081	,177

Tabela 31 - Teste de Tukey – Conhecimento dos alunos vs percepção das suas competências sociais

Competências Atléticoas, $F(3, 119) = 3,221$, $p = ,025$, o teste de comparação múltipla *a posteriori* de Tukey indicou que, os professores que conhecem os alunos há menos tempo (1 ano) percebem de forma significativamente mais positiva as competências atléticas dos seus melhores alunos, do que os que os conhecem há 4 anos (2,89 vs 2,56).

Tempo	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
3 anos	33	2,42	
2 anos	39	2,44	
4 anos	10	2,56	2,56
1 ano	41		2,89
Sig.		,167	,244

Tabela 32 - Teste de Tukey - Conhecimento dos alunos vs percepção das suas competências atléticas

Auto estima global, $F(3, 118) = 2,807$, $p = ,043$, o teste de comparação múltipla *a posteriori* de Tukey indicou que, os professores que conhecem os alunos há menos tempo (1 ano) percebem de forma muito próxima a auto estima global dos seus melhores alunos, do que os que os conhecem há 4 anos (3,16 vs 3,13).

Tempo	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
3 anos	32	2,83	
2 anos	39	3,02	3,02
4 anos	11	3,13	3,13
1 ano	40		3,16
Sig.		,111	,135

Tabela 33 - Teste de Tukey - Conhecimento dos alunos vs percepção da sua auto estima global.

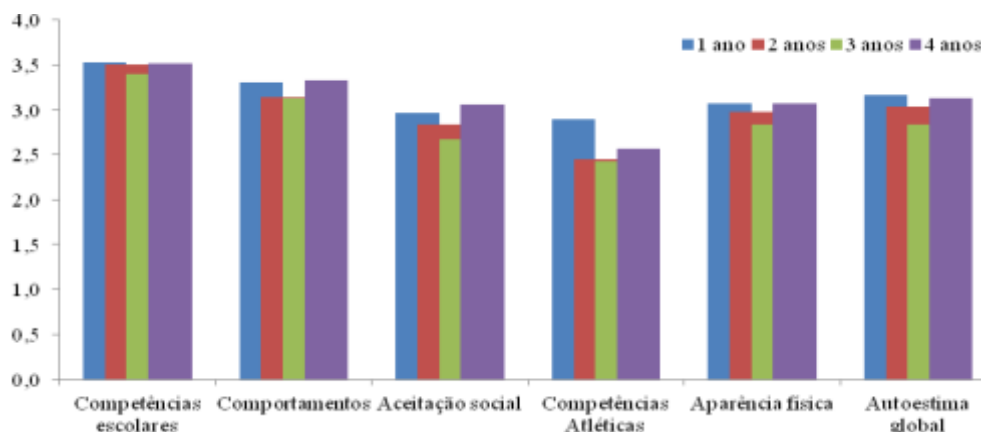


Gráfico 34 - Distribuição dos alunos, por número de anos em que o professor os acompanha, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.

Perceção dos professores e ano curricular em que o aluno se encontra

No que respeita à percepção dos professores sobre os seus melhores alunos, tendo em conta o ano curricular em que se encontra, encontraram-se as seguintes diferenças significativas:

	1º ano		2º ano		3º ano		4º ano		Sig.
	M	Dp	M	Dp	M	Dp	M	Dp	
Competências escolares	3,50	,37	3,42	,35	3,55	,32	3,42	,51	,421
Comportamentos	3,20	,55	3,17	,43	3,22	,50	3,24	,57	,951
Aceitação social	2,90	,68	2,80	,45	2,90	,57	2,80	,57	,819

A Percepção dos Professores sobre os Alunos Sobredotados
- Um Estudo de Caso na Ilha de S. Miguel -

Competências Atléticas	2,90	,76	2,66	,74	2,43	,76	2,51	,72	,082*
Aparência física	3,11	,52	2,97	,41	2,91	,50	2,97	,53	,479
Autoestima global	3,20	,52	3,05	,45	2,94	,49	3,00	,54	,222

* $p \leq ,10$ ** $p \leq ,05$

Tabela 34 - Significância das diferenças por ano curricular em que o aluno se encontra

Competências Atléticas, $F(3, 119) = 2,289$, $p = ,082$, o teste de comparação múltipla *a posteriori* de Tukey indicou que, os professores percebem de forma significativamente mais positiva as competências atléticas dos alunos do 1º ano do que as dos alunos do 4º ano (2,90 vs 2,51).

Tempo	N	Subset for alpha = 0.05	
		1	2
1º ano	25	2,90	
2º ano	29	2,66	2,66
3º ano	41		2,43
4º ano	28	2,51	2,51
Sig.		,247	,364

Tabela 35 - Teste de Tukey – Ano de escolaridade em que se encontra o aluno vs percepção das suas competências atléticas

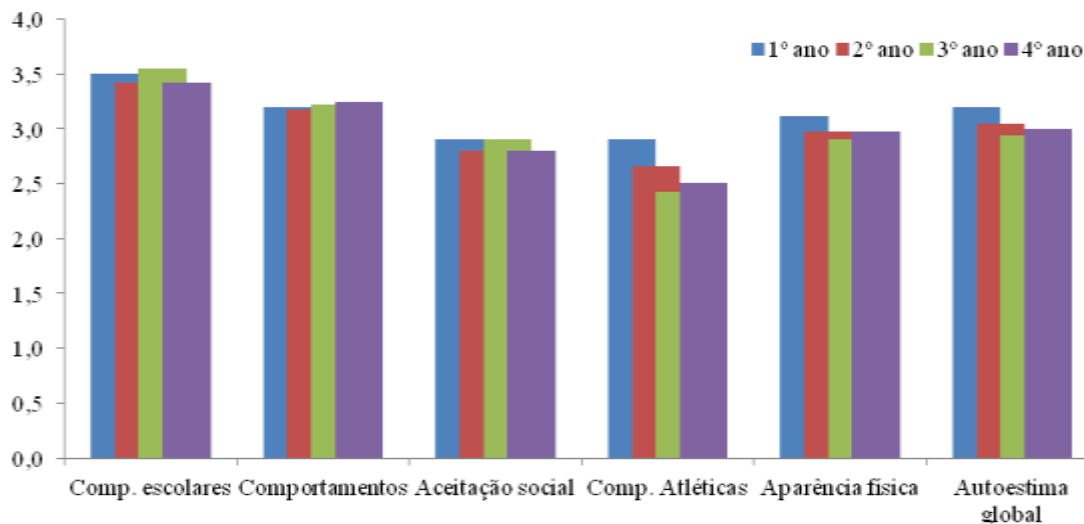


Gráfico 35 - Distribuição dos alunos, por ano curricular em que se encontra, tendo em conta os diferentes domínios em que foram avaliados.

A esta altura, e a título de sumário, no que respeita à operacionalização da H.G.2. da investigação, verificou-se que:

- Na aplicação da escala, avaliando cada aluno nas diferentes competências a que se propunha, nos diferentes itens apresentados, verificou-se, através da frequência das respostas dadas, que os professores afirmam que, o seu melhor aluno é-o porque apresenta maior capacidade intelectual que a maioria dos seus colegas e é aquele que apresenta um melhor comportamento, sendo o que menos se envolve frequentemente em conflitos. É ainda pertinente salientar que, a dimensão mais valorizada pelos professores na avaliação dos seus melhores alunos é a dimensão das competências escolares e a menos valorizada a que respeita às competências atléticas;

- No que respeita ao género dos alunos, considerados os melhores da turma, verificou-se que estes se encontram distribuídos de forma mais ou menos uniforme, pelos quatro anos de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico. No entanto, é de mencionar que, destes, os professores percecionam como o seu melhor discente, numa percentagem um pouco superior, crianças do sexo feminino comparativamente com as do sexo masculino.

- Ainda no que concerne ao género dos alunos avaliados, os professores tendem a percecionar, significativamente melhor, nas diferentes dimensões a avaliar, discentes do sexo feminino do que discentes do sexo masculino. De todas as dimensões avaliadas, apenas a dimensão das competências atléticas, é percecionada de forma mais positiva nos alunos do que nas alunas avaliadas.

- Os professores percecionam de forma significativamente mais positiva as competências atléticas dos alunos do 1º ano do que as dos alunos do 4º ano.

- Os professores que conhecem os alunos há mais tempo (4 anos), percecionam de forma significativamente mais positiva as competências sociais dos seus melhores alunos, do que os que os conhecem há apenas 1 ano, sendo que, no que respeita às competências atléticas e à autoestima global, a percepção inverte-se quando se tem em conta a continuidade letiva.

2. Abordagem qualitativa e resposta às questões colocadas

Prosseguindo com a apresentação dos resultados, passa-se a esta altura, à análise qualitativa do estudo. Com a informação recolhida junto da professora titular de turma, através da entrevista semiestruturada, se inicia a apresentação dos resultados obtidos para o pendor qualitativo. A entrevista (cujo extrato transcrito se encontra em anexo 10) foi toda ela voltada para o tema da sobredotação, tomando como base um aluno sobredotado, designado por A., inserido na turma do ensino regular. Através da análise de conteúdo, seleção e categorização de unidades de conteúdo foi possível a extração de dados a tratar estatisticamente.

Através das palavras da professora titular de turma, consegue-se dar resposta às questões 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 colocadas anteriormente em 2.iv.i. e fazer uma representação quantitativa apresentada no gráfico que se segue.

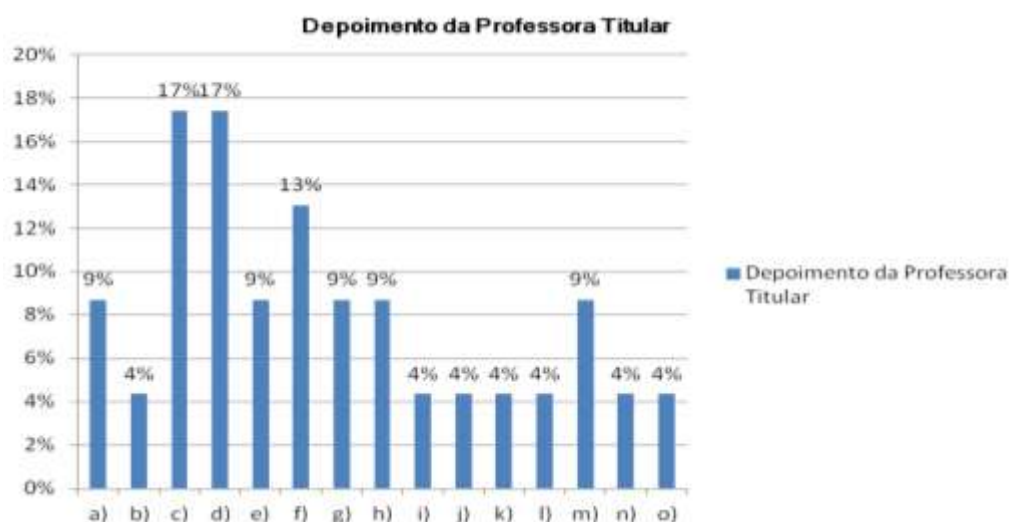


Gráfico 36 - Depoimento da professora titular

- a) A continuidade letiva e períodos de tempo mais longos com o mesmo professor (titular), favorecem as relações interpessoais do aluno sobredotado;
- b) O aluno sobredotado é visto como um aluno com Necessidades Educativas Especiais;
- c) Desconhecimento inicial dos professores e crença em mitos existentes sobre a sobredotação são barreiras no atendimento ao aluno sobredotado;
- d) Trabalhar com um aluno sobredotado é um desafio que exige o recurso a estratégias pedagógicas diferenciadas;
- e) Capacidades excepcionais como memória, raciocínio lógico e vocabulário avançado, são facilitadores da aprendizagem do aluno sobredotado;

- f) A manifestação de interesses não comuns à maioria das crianças, dificulta a integração inicial do aluno sobredotado numa turma e condiciona as suas amizades;
- g) Características como ser pacífico, não conflituoso e afável, favorecem as relações interpessoais do aluno sobredotado;
- h) Características como ser espontâneo e intuitivo, interferem no cumprimento das regras de sala de aula, dificultando, por vezes, também a sua identificação como sobredotado e confundindo com outra (s) problemática (s);
- i) A maturidade e o comportamento do aluno sobredotado, em contexto de sala de aula/escola, depende de um ambiente familiar estimulante e organizado;
- j) O nível de concentração na realização das tarefas de sala de aula depende do interesse pelo tema;
- k) Impor tempo para a realização das tarefas facilita a sua conclusão;
- l) O apoio psicológico é um facilitador da aprendizagem de um aluno sobredotado;
- m) A falta de alguns recursos na escola é vista como entrave ao desenvolvimento ótimo das capacidades do aluno sobredotado;
- n) O acesso, por parte da família, aos recursos inexistentes na escola, facilita o desenvolvimento das capacidades do aluno sobredotado;
- o) A falta de formação na área da sobredotação, de legislação específica e de bibliografia e documentação com conteúdos teóricos e práticos sobre a temática, assim como a falta de apoios de profissionais na área, para além dos psicólogos, são vistos como fatores que dificultam a ação do professor.

Neste gráfico, verifica-se que os aspetos mais relevantes, mencionados pela docente são: o desconhecimento inicial sobre a sobredotação como barreira no atendimento ao aluno sobredotado; a necessidade de recurso a estratégias pedagógicas diferenciadas no atendimento ao aluno sobredotado e a manifestação, por parte deste, de interesses não comuns à maioria das crianças, como dificuldade de integração inicial do aluno sobredotado numa turma e condicionante das suas amizades.

Num grau de importância um pouco menor aparecem ainda aspetos como: a continuidade letiva e períodos de tempo mais longos com o mesmo professor (titular), como facilitador das relações interpessoais do aluno sobredotado; as capacidades excecionais como memória, raciocínio lógico e vocabulário avançado, como facilitadores da aprendizagem do aluno sobredotado; a interferência de características como ser espontâneo e intuitivo, no cumprimento das regras de sala de aula e, por vezes, também a sua identificação como sobredotado e confundindo com outra (s) problemática (s), contrapondo com as características como ser pacífico, não conflituoso e afável, no favorecimento das relações interpessoais do aluno sobredotado; e a falta de

recursos na escola como entrave ao desenvolvimento ótimo das capacidades do aluno sobredotado.

Seguem-se algumas afirmações retiradas do discurso da docente em questão, que atestam a veracidade do afirmado no parágrafo anterior:

“(...) o ano passado investiguei mais porque era tudo novidade para mim e não sabia muito bem como havia de dar a volta à questão. Agora já percebi perfeitamente que um aluno sobredotado não tem que ser bom em tudo, pode até inclusivamente, se não for bem acompanhado, ser um mau aluno, pode ter uma área forte e ser menos bom noutras áreas, principalmente, penso que já domino essas características e já sou mais capaz de, quando e se me aparecer mais algum aluno com essas características, identifica-lo como sobredotado.”

“A diferenciação pedagógica verificou-se todos os dias, usando atividades e estratégias que estejam de acordo com os interesses e com o nível de maturidade dele. (...) Todas as estratégias implementadas têm surtido efeito uma vez que ele este ano está muito mais motivado para vir para a escola.”

“(...) ele no início não se integrava no grande grupo propriamente, era muito seletivo, tentando encontrar 1 ou 2 colegas que fossem o mais parecidos possível com ele e as brincadeiras eram muito centradas no manuseamento de livros por exemplo, ou inventava jogos de imaginação, o que nem sempre motivava os restantes. (...). Se for com o tipo de criança que também tem algum interessa nas áreas que ele tem interesse, ele consegue estabelecer uma boa relação, se for uma criança que está mais virada por exemplo para os jogos de luta ou futebol, como ele não gosta destas áreas, não se integra muito bem no grupo. De referir que não noto que exista discriminação ou que ele seja expulso do grupo, mas também não o chamam o que leva a ele não se integrar nesse grupo.”

Ainda no que respeita aos seus interesses, a professora titular de turma realça o papel da família no acesso a experiências que vão de acordo com as suas necessidades.

“Ao nível dos interesse de mencionar que são um bocadinho diferentes, mas é um aspeto que não sei até que ponto estará ligado com a maturidade ou se com o ambiente familiar em que o A. vive. É uma família muito voltada para os livros, que lhe faculta um ambiente muito estimulante e organizado, o que facilita e condiciona o seu comportamento.”

A professora titular de turma, na altura em que se realizou a entrevista, acompanhava o aluno já há dois anos letivos consecutivos, o aluno estava a terminar o segundo ano de escolaridade, ao nível de aquisição de competências de segundo e terceiro ano, tendo iniciado o seu percurso escolar ao nível do 1º Ciclo com a referida professora. Exposto este facto, a mesma acrescentou ainda ser este uma mais-valia na aprendizagem do aluno, fazendo com que este estabelecesse uma relação de amizade e confiança com a professora, promotora de maior confiança, na realização das suas atividades e evolução na aquisição das suas competências. O mesmo não se verifica na relação com os outros professores que o acompanham *“Noto que em relação aos outros professores não há aquela relação de afetividade tão grande com o A. como aquela que eu tenho, justifico isso mais uma vez com a diferença de tempo despendido com o aluno.”*

Na turma em que se inseria o A., e nas palavras da docente, à questão “Tem algum aluno com NEE? De que tipo?”, este foi considerado um aluno com Necessidades Educativas Especiais: *“Apenas o próprio A. É uma aluno sobredotado e foi-lhe diagnosticado sobredotação do tipo intelectual, daí que o considere um aluno com Necessidades Educativas Especiais.”*

“O A. tem uma excelente memória e capacidade raciocínio lógico. (...) possuindo também um bom vocabulário, uma boa construção frásica, interpreta muito bem e faz inferências tendo em conta o que está no texto, justificando sempre. De mencionar como área forte também a comunicação, uma vez que ele consegue expressar muito bem uma ideia, sendo que por vezes muito lentamente, uma vez que ele tem várias ideias ao mesmo tempo e revela alguma dificuldade em selecionar uma ou outra e desenvolvê-la. Isto revela-se na escrita, sendo os textos dele por vezes confusos por isso mesmo, o A. junta várias ideias e o texto por vezes fica confuso de se perceber.” Acrescenta ainda que: *“A nível geral ainda é muito difícil ele estar sentado corretamente na sala de aula. Ao nível da participação tem que ser sempre o primeiro a falar e dizer tudo o que sabe, se de repente um assunto lhe faz lembrar outro, ele não se inibe e tem que perguntar naquela hora mesmo que não tenha nada a ver. Mesmo que se imponha ali uma regra de “tu agora não falas”, “espera pela tua vez”, ele tem que levar a sua avante. Não é uma criança insolente nem mal-educada, nem nada do género, mas acho que tem essa necessidade e é muito intuitivo, tem que ser mesmo naquela hora, o que por vezes perturbava o normal funcionamento da aula.”* Menciona ainda que: *“No início do ano passado o A. não tinha esse perfil, até nem era o melhor aluno da turma, porque não gostava de estar na escola, como já sabia ler e escrever a escola não lhe fazia sentido. No início pensei “Sobredotado mas em que aspeto? Não vejo nada ali de sobredotado.”* Depois, à medida que fui diferenciando o

trabalho, as aprendizagens, realmente notou-se que ele é um aluno com uma grande capacidade de aprendizagem e que já possui muitos conceitos não da sua faixa etária mas sim de um nível superior.”

“Tomo como barreira o meu desconhecimento científico, no início, o que levou a ter que pesquisar. (...) Sinto que existe falta de apoio de especialistas nessa área, um psicólogo por mais especializado que seja ainda domina muito mais a parte teórica do que a parte prática. Faltam os recursos necessários nas nossas salas de aula e muito importante também, a falta de legislação específica, que aborde concretamente esta problemática, que a assuma como uma Necessidade Educativa Especial e que contemple, por exemplo, medidas como a redução de turma, na existência de um aluno sobredotado. (...) A escola pública, e esta em concreto, não tem condições para responder às necessidades de alunos sobredotados.”

A apresentação dos resultados prossegue, ainda referente à perceção dos professores, mas desta feita, num modo mais lato, uma vez que, ao invés da professora titular, que falou sobre um caso específico, trata-se de dados recolhidos junto de professores, não identificados, que deixaram as suas opiniões no blog.

Através das palavras dos docentes mencionados, conseguiu-se dar resposta às questões 8, 9 e 10 colocadas anteriormente em 2.iv.i. e fazer uma representação quantitativa como a apresentada no Gráfico 37 - Sobredotação no sistema educativo português. Opiniões dos professores sobre as publicações do **blog** e Gráfico 38 - Sobredotação na sociedade portuguesa - Opinião dos professores sobre as publicações do **blog**.

Sobredotação no Sistema Educativo Português
Opinião dos professores às publicações do
Blog

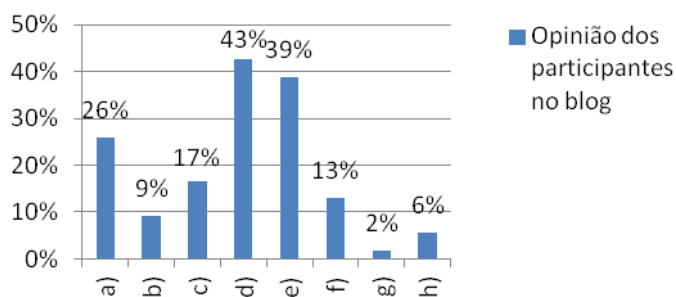


Gráfico 37 - Sobredotação no sistema educativo português. Opiniões dos professores sobre as publicações do blog

- a) Os sobredotados não estão todos sinalizados em Portugal;

- b) O Ensino em Portugal está focado na resposta a NEE relacionadas com o insucesso e não no reconhecimento da sobredotação como uma NEE não relacionada com o insucesso;
- c) As escolas não estão munidas de pessoal qualificado para lidar com a sobredotação;
- d) A burocracia, a falta de formação e conhecimentos sobre a sobredotação, são vistos como entraves à sinalização e acompanhamento de um aluno sobredotado;
- e) Dificuldade na identificação de uma criança sobredotada;
- f) Necessidade de diferenciação das estratégias de trabalho com uma criança sobredotada;
- g) A existência de um aluno sobredotado na turma como uma mais-valia para os restantes alunos;
- h) Uma criança sobredotada também é falível em algumas áreas.

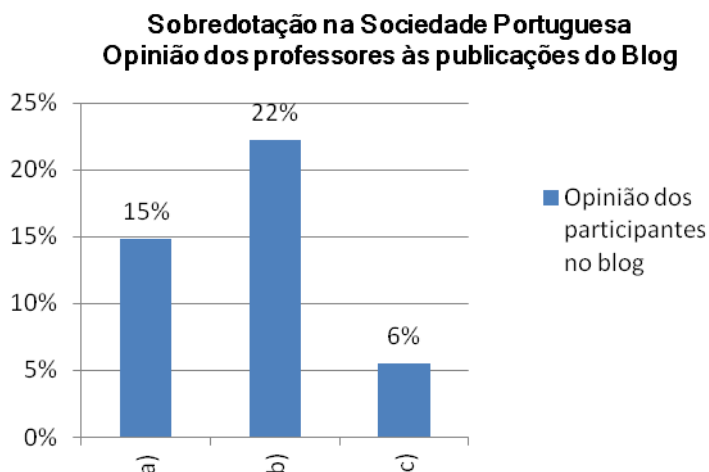


Gráfico 38 - Sobredotação na sociedade portuguesa - Opinião dos professores sobre as publicações do

- a) Prevalência na sociedade dos mitos acerca da sobredotação;
- b) Experiência individual com sobredotados /conhecimentos sobre sobredotação;
- c) Prevalência, na nossa sociedade, da ausência dos conhecimentos científicos acerca da sobredotação.

Nos gráficos apresentados consegue-se ter uma visão ampla de que, na opinião dos docentes em geral, e no que respeita à temática da sobredotação e crianças sobredotadas, são tomados como aspetos de maior importância: a burocracia, a falta de formação e de conhecimentos sobre a sobredotação, como entraves à sinalização e acompanhamento de um aluno sobredotado; a dificuldade na identificação de uma criança sobredotada; o facto de que os sobredotados não estão todos sinalizados em Portugal; a experiência individual com sobredotados / conhecimentos sobre sobredotação. São mencionados ainda, com um grau de importância um pouco menor: o facto de as escolas não estarem munidas de pessoal qualificado para lidar com a

sobredotação; a prevalência na sociedade dos mitos acerca da sobredotação e a necessidade e importância da diferenciação das estratégias de trabalho com uma criança sobredotada.

Seguem-se algumas opiniões, recolhidas do referido blog que atestam o explicitado no parágrafo anterior:

“Atulhados em papéis, grelhas de cálculo de médias de final de período e afins... pode ser que, de repente, questões de grande importância, como dar mais atenção aos pormenores de cada aluno, em vez de o ver como um todo em bruto, pode levar a uma má interpretação das suas problemáticas e/ou capacidades.”

“Acho que devem existir muitas crianças com grandes capacidades nas nossas escolas, mas o sistema e a burocracia a que estamos sujeitos acaba por ser, se calhar, um entrave para o fato de estarmos despertos para este tipo de problemática. O facto de serem crianças que apresentam altas capacidades apenas em algumas áreas e por vezes aspetos menos positivos na sua conduta, acho que pode também levar a que se ponha de parte a possibilidade existência de sobredotação.”

Perante as opiniões anteriores verifica-se o perigo da burocracia na sinalização e acompanhamento de um aluno sobredotado.

“Perante o apresentado não será fácil identificar uma criança sobredotada. Eu pessoalmente, só por mim, acho que seria apenas capaz de suspeitar de que a criança teria capacidades acima da média. Teria que estudar o caso com outros profissionais.”

“Duvido que os sobredotados estejam todos identificados. Não estou muito por dentro do assunto, mas pelo que vi, a identificação de um sobredotado não está aos olhos de cada um, é necessário certo conhecimento do problema para identificar características de sobredotação, uma vez que estas estão bastante camufladas.”

“Como professora quase em final de carreira já tive crianças sobredotadas. Os casos com que lidei não eram crianças boas a tudo, longe disso, mas com grande aptidão para certas áreas. Sempre achei que as nossas escolas estão muito mal preparadas para receber esse tipo de crianças. Continua a apostar-se muito no ensino especial direcionado para as crianças com dificuldades de aprendizagem e muito pouco para as sobredotadas, que são afinal também crianças com necessidades especiais, com grandes potenciais e para as quais nada se faz.”

“Já trabalhei com crianças sobredotadas e através dessa experiência constatei que existem alguns mitos, nomeadamente a noção que as pessoas têm de que um sobredotado é sempre bom aluno, e que a maioria tem uma personalidade excêntrica. O fato é que muitas destas crianças e jovens não têm o acompanhamento adequado na escola e por esse fato tornam-se problemáticos a nível comportamental. Realmente os seus centros de interesse são variados e quando se dedicam a fundo a uma área apresentam uma motivação infinita, uma curiosidade ímpar, e uma abordagem criativa que alimenta um pensamento divergente. Realmente nessas situações atingem a excecionalidade.”

“Ainda existe muito a ideia de que uma criança sobredotada é um "expert" e pronto! Eu também tinha essa ideia até me deparar com um menino que era sobredotado. E o mais engraçado é que às primeiras vistas, friso às primeiras, não dava mesmo a entender a sua problemática... Temos que estar sensibilizados para esta problemática para conseguirmos ser eficazes na nossa ação e não causar danos nas aprendizagens e na personalidade destas crianças.”

Verifica-se a consciência de que existem crianças, que podem ser efetivamente sobredotadas, mas que, ou por falta de formação e/ou conhecimento sobre a temática, estas estão ainda por identificar. Os professores que já trabalharam com crianças sobredotadas, afirmam também que, a identificação e o apoio a estas crianças, é por vezes inadequado uma vez que logo desde o início a problemática é confundida com outras.

“É preciso ler sobre o assunto para não cair na ideia reducionista que um sobredotado é bom em tudo...Acredito sinceramente que a nossa sociedade, as escolas em que trabalhamos e o próprio sistema de ensino não estará muito preparado para dar resposta eficaz às necessidades destas crianças e que existem ainda mais mitos do que conhecimento da realidade...Isto da Escola Inclusiva e para todos é muito bonito no papel, porque na realidade, nem todos se importam com as necessidades individuais de cada aluno. No que respeita à sobredotação, se calhar, e pela dificuldade de identificação da criança como tal ou dificuldade de adequar as atividades de sala de aula a estas crianças, a falha no que respeita à inclusão poderá ser mais visível e prejudicial para estas crianças e suas famílias.”

“Acredito que existem ainda muitos mitos no que respeita à sobredotação. Há necessidade de formação nesta área e sensibilização da comunidade escolar para lidar com estas crianças.”

“Entrar um menino como o André na sala acho que seria acima de tudo um desafio muito grande.... Teria que adotar muitas e diferenciadas estratégias de trabalho para que ele não

desmotivasse em relação à escola. Teria realmente de trabalhar com ele mas, acho que teria também de recorrer a outros especialistas como um professor especializado ou psicólogo para poder desenvolver as altas capacidades do André e motivá-lo para a realização de outras. Pedagogicamente seria um grande desafio sem dúvida...”

“Não minto que pela minha experiência mais facilmente adequava a minha prática pedagógica a crianças não sobredotadas. Mas se tivesse uma criança como o André esforçar-me-ia para dar resposta aos seus interesses e necessidades. Sem dúvidas procuraria adquirir uma maior informação sobre o tema e caso necessitasse pedia apoio especializado.”

Nas palavras dos professores, as escolas não estão ainda munidas dos Recursos Humanos necessários para o adequado atendimento aos alunos sobredotados, e existem ainda alguns mitos no que respeita à sobredotação. Trabalhar com uma criança sobredotada é visto pelos professores como um desafio que exige a adoção de estratégias adequadas para dar resposta aos seus interesses e necessidades.

O último instrumento utilizado no pendor qualitativo, foi a entrevista semiestruturada aos encarregados de educação (pais). Através desta entrevista, conseguiram-se aferir dados de elevada relevância no que respeita à caracterização da criança sobredotada em contexto familiar e à opinião da família face ao papel desempenhado pela escola. De mencionar que, através das palavras dos pais, conseguiu-se dar resposta às questões 11, 12, 13, 14, 15, 16, e 17 colocadas anteriormente em 2.iv.i. e fazer uma representação quantitativa como a apresentada no Gráfico 39 - A criança sobredotada em contexto familiar - Depoimento dos pais e Gráfico 40 - Postura da família face ao papel da escola - Depoimento dos pais.



Gráfico 39 - A criança sobredotada em contexto familiar - Depoimento dos pais

- a) Crescimento e desenvolvimento iniciais da criança (6 meses - 2 anos) dentro da normalidade, também no que respeita à fala;
- b) Revela interesse por assuntos não muito comuns às outras crianças o que interfere diretamente nas suas brincadeiras e na seleção das suas amizades;
- c) Apresenta muita curiosidade e questiona tudo opinando de forma muito crítica;
- d) Grande capacidade de memória e percurso escolar normal (correspondência idade - ano que frequenta);
- e) Boa relação com os outros, mantendo posição de líder e exigindo respostas às suas questões;
- f) Apresenta aptidão para atividades desportivas, boa autoestima, e preocupação com estilo de vida saudável;
- g) Autonomia na realização dos trabalhos de casa;
- h) Preferências profissionais futuras, bastante improváveis para uma criança da sua idade;
- i) Preocupação no que concerne ao percurso escolar do filho, ao nível de acompanhamento e apoios prestados;
- j) Preocupação fundamental da família - felicidade do filho proporcionando-lhe o máximo de experiências e estímulos enriquecedores;
- k) Convicção de que o filho será um bom contributo para a sociedade em que está inserido (Açoriana).

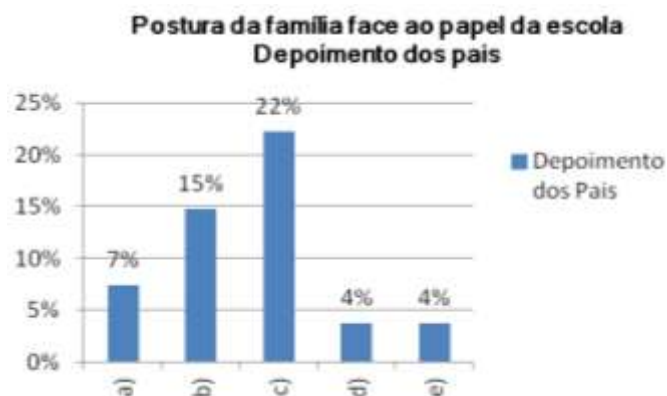


Gráfico 40 - Postura da família face ao papel da escola - Depoimento dos pais

- a) O elevado Q.I. apresentado por uma criança sobredotada, assim como grande aptidão, em algumas áreas do saber, determinam o diagnóstico de sobredotação aquando o ingresso na escola;
- b) A boa aceitação por parte da escola, determina a boa adaptação da criança sobredotada ao contexto escolar;
- c) Continuidade letiva (mesmo professor) e o interesse e empenho do professor, impulsionam tanto o rendimento escolar como o desenvolvimento da criança sobredotada;
- d) Trabalhar autonomamente provoca desconcentração e caligrafia descuidada;
- e) Apoio prestado pela escola apenas ao nível psicológico.

Apresenta-se primeiramente, uma caracterização da criança sobredotada em contexto familiar, mencionando que, na opinião dos pais, e como característica mais relevante, o interesse por assuntos não muito comuns às outras crianças, o que interfere diretamente nas suas brincadeiras e na seleção das suas amizades. Seguiu-se a referência a outras, não menos importantes como: o facto de apresentar muita curiosidade e questionar tudo, opinando de forma muito crítica; grande capacidade de memória e percurso escolar normal (correspondência idade - ano que frequenta); boa relação com os outros, mantendo posição de líder e exigindo respostas às suas questões; aptidão para atividades desportivas, boa autoestima, e preocupação com estilo de vida saudável; preferências profissionais futuras, bastante improváveis para uma criança da sua idade; a continuidade letiva (mesmo professor) e o interesse e empenho do professor, são tidos como impulsionadores do rendimento escolar e desenvolvimento da criança sobredotada; e a boa aceitação por parte da escola, como fator determinante na boa adaptação da criança sobredotada ao contexto escolar.

Seguem-se algumas das afirmações dos encarregados de educação (pais), que justificam o referido no parágrafo anterior:

“Desde muito pequeno, revelou muito interesse por tudo o que aparecesse nos livros e documentários que se relacionasse com astronomia, Egipto, Leonardo da Vinci, dinossauros e história de Portugal.”

“O A. é uma criança que seleciona os seus verdadeiros e amigos mais chegados de acordo com os seus interesses desde que estes sejam comuns. Sendo que se relaciona também facilmente com os restantes colegas. Ele mesmo costuma afirmar “Tenho dois mais a minha família toda.””

“Sim, muitas! Colocar questões sempre foi e é o seu forte. As notícias são sempre um bom mote para uma pergunta. Tudo lhe desperta curiosidade e implica uma questão, fato que contribui para que seja uma criança que se distrai facilmente.”

É característica do sobredotado o interesse por assuntos pouco comuns para uma criança da sua idade e elevada curiosidade, questionando sempre tudo, factos que condicionam a seleção das suas brincadeiras e amizades.

“No contar das histórias tinha uma particularidade que era o apontar para as imagens ilustrativas da parte narrada após termos nós contado a história uma vez, queria ele recontá-la através das imagens. Tal reconto era realmente fiel à história, chegando a corrigir um ou outro fato que tivéssemos alterado, tudo isto antes dos 3 anos. Era uma criança que memorizava à primeira o texto e numa segunda oportunidade de reconto fazia-o de uma forma fidedigna.”

Verifica-se que a criança sobredotada apresenta-se como uma criança com elevado Q.I. e grande capacidade de memória.

“A sua relação com os adultos, de um modo geral é boa, embora seja de todos eles o que tem mais dificuldade em perceber que não se interrompe uma conversa de adultos, não sendo nunca desrespeitador com os adultos, é uma atitude que advém da sua impulsividade e necessidade de resolução das suas questões.”

“É uma criança que no geral gosta de si, no entanto não é vaidoso nem percebe como é bonito, não se preocupa se está todo sujo ou não.”

“Sim, ele dá muito importância à prática de desporto e atividades físicas encontrando-se a praticar várias modalidades de desporto. É uma criança que reconhece também a sua importância como sendo práticas saudáveis e revela-se também amigo do ambiente.”

A criança sobredotada consegue manter uma boa relação com os adultos assim como com as outras crianças, assumindo a posição de líder. Apresenta-se como uma criança com aptidão e interesse pela prática de desporto, com boa auto estima, mas pouco cuidado com a sua aparência.

“Acreditamos que ele terá um futuro brilhante, entre ser astronauta paleontólogo ou pianista... Não podemos sonhar com o percurso escolar perfeito, tenho sim que pensar agora que ele irá criar as suas asas e será muito feliz de certeza.”

“A atual professora acompanha o A. desde setembro de 2010, início do 1º ano de escolaridade. A professora titular de turma, desde o primeiro momento demonstrou-se interessada, encarando o A. como um desafio constante, sem nunca baixar os braços nem desenvolver esforços para que o nosso filho se sentisse o mais confortável e motivado possível na escola.”

“Quando o A. entrou para a escola, tivemos desde logo a preocupação de colocar os responsáveis a par das nossas inquietações. Tínhamos a séria preocupação de não querer um

rótulo para o nosso filho, mas desde o primeiro contacto temos a dizer que, na escola realmente todos foram impecáveis, desde o pessoal auxiliar à professora titular.”

Com a entrevista aos pais da criança sobredotada constatou-se que existe uma preocupação dos genitores com o percurso escolar do filho, acompanhada também da consciência de possíveis resultados académicos menos positivos.

É de salientar a satisfação dos genitores com a boa aceitação, por parte da escola e da professora titular, do seu filho como criança sobredotada, verificando um empenho excepcional por parte da última.

IV. Triangulação e Discussão dos Resultados

Considera-se que a sobredotação se apresenta como uma problemática de grande relevância no universo da investigação científica. Na operacionalização do presente estudo, verificou-se uma vez mais essa importância. É uma realidade existente e disfarçada. Persistem ainda algumas dúvidas em muitos dos que diretamente estão implicados, no reconhecimento, identificação e acompanhamento de crianças sobredotadas, em contexto escolar. Todo este processo merece a preocupação atenta de investigadores e intervenientes responsáveis, para que o objetivo máximo da qualidade do atendimento a estas crianças se verifique. Existe a necessidade de uma triangulação de intervenção ao nível legislativo, escolar e familiar para com as crianças sobredotadas.

Tendo em consideração os resultados obtidos através dos instrumentos aplicados, pode-se concluir que as hipóteses colocadas no início do estudo, estão de acordo com as conclusões obtidas e as questões complementares foram respondidas.

Foi definida, como finalidade primordial deste estudo, aferir junto da população docente, quais os conhecimentos e/ou formação adequada para identificar e trabalhar com alunos sobredotados e se estes são considerados crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), assim como verificar como se apresenta a criança sobredotada em contexto familiar, ao nível das relações interpessoais, comportamentos e aptidões específicas, e qual a postura da família face à escola.

Verifica-se através das investigações existentes que, é necessário entender que sobredotação abarca um conjunto de características, pertencentes a indivíduo, que conjugadas e interligadas, fazem de um ser, efetivamente um sobredotado. São elas: capacidade intelectual acima da média, mas não necessariamente excepcional; criatividade elevada e persistência na tarefa. A presença solitária de qualquer uma das características “não faz a sobredotação”. A ideia de associar sobredotação apenas ao conceito de elevado Q.I. verifica-se limitada, tendo vindo a ser substituída por uma visão multidimensional que envolve dimensões biológicas, psicológicas, emocionais, sociais, históricas e culturais. De enfatizar a importância dos fatores ambientais e da interação do indivíduo com os mesmos realçando também a importância e o papel da

família no desenvolvimento da criança sobredotada (Alencar, 1989; Falcão, 1992; Silva, 1992; Renzulli, 1994; Serra, 2004; Honsberg, 2006; Fleith, 2007).

Ser sobredotado não é efetivamente ser apenas portador de um Q.I. elevado, sendo que existem determinadas áreas do saber em que o sobredotado se revela menos capaz. Facto que se verifica nas opiniões dos participantes do blog, que, revelando experiência com alunos sobredotados, afirmam ainda existir alguns mitos, nomeadamente a noção de que um sobredotado é bom em tudo e que a maioria tem uma personalidade excêntrica. Corrobora também, com o apresentado, nomeadamente no que respeita à importância do meio e da família, a professora titular de turma do aluno sobredotado, afirmando que a família é “uma família muito voltada para os livros, que lhe faculta um ambiente muito estimulante e organizado, o que facilita e condiciona o seu comportamento.”

Neste seguimento, verifica-se ainda, a inexistência de uma nitidez da sobredotação em contexto escolar. Os alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) existem realmente, e por turma, nos dados recolhidos junto dos intervenientes inquiridos por questionário. Verifica-se uma predominância relevante de 2 a 3 alunos. No entanto persistem ainda certas reticências em tomar o aluno sobredotado como uma criança com NEE, quer ao nível da legislação existente quer, efetivamente pelo apurado, em contexto de sala de aula, juntos dos profissionais de educação intervenientes no estudo. São muito poucos os profissionais que, tendo por base os seus melhores alunos ao nível do desempenho escolar, indicam a possibilidade da existência de sobredotação nas suas salas de aula. Destes, de mencionar a relevância que dão a certas características nas diferentes vertentes educativas e comportamentais, nomeadamente: Estilos de Aprendizagem (Capacidade elevada e conhecimentos profundos em domínios específicos); Motivação Intrínseca (Busca de perfeição); Expressão Criativa (Prevalência de ideias inesperadas ou originais); Interação com os Pares (Sociabilidade e Cooperativismo). (Renzulli, 1984; Boas, 2003; Serra, 2005; Bastos, 2009;)

É essencialmente em contexto escolar que se deve centrar a atenção no que respeita à sobredotação, uma vez que a população docente inquirida por questionário, no presente estudo, ainda não se considera suficientemente informada e formada para acompanhar alunos sobredotados, assumindo neste sentido a necessidade que existe na abordagem a esta temática, na formação básica de docentes assim como através de cursos de

pós-graduação e/ou especialização na área, para uma melhor e mais correta ação. A própria professora titular de turma do aluno sobredotado em estudo afirmou que, até ao contacto com o referido aluno, não possuía informação suficiente acerca da temática, pelo que teve de investigar, e concorda com a necessidade de formação dos professores na área da sobredotação. Verificou-se também, junto dos participantes no estudo, que temas como as adaptações curriculares, estratégias a adotar face ao seu comportamento e a identificação do sobredotado como tal, são considerados de grande importância e em falta no currículo dos mesmos. Face às lacunas assumidas, fica deste modo, e até certo ponto, comprometido o atendimento a crianças sobredotadas, uma vez que a escola parece não compreender essas crianças (Serra, 2005; Castro, 2006; Bastos, 2009). Estas afirmações são também corroboradas pelos professores participantes do blog que afirmam a necessidade de formação para melhor ação, acreditando também que trabalhar com uma criança sobredotada seria um desafio em que teriam que ajustar a sua postura e adotar estratégias adequadas.

As dificuldades e lacunas encontradas não se restringem apenas ao reconhecimento e acompanhamento da criança sobredotada. Verifica-se a falta de atendimento a estas crianças de modo mais específico também ao nível da legislação existente, uma vez que no universo a que se aplica o presente estudo – a Região Autónoma dos Açores – não existe legislação específica para o atendimento da sobredotação, como é o caso de uma outra realidade, também ela portuguesa, em que tal se verifica – A Região Autónoma da Madeira. No que respeita ao território de Portugal Continental, consta na legislação existente (Despacho Normativo 1 de 2005 de 5 de Janeiro e Despacho Normativo 50 de 2005 de 9 de Novembro) que, deve existir uma diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais e são contempladas apenas como medidas de atendimento, a aceleração ou o salto de ano e a aplicação de planos de desenvolvimento sob várias modalidades de apoio. No entanto, e apesar destas crianças manifestarem efetivamente necessidades educativas especiais/específicas, por sua vez, no Decreto-Lei 3/2008, que enquadra a educação especial, esta temática não é referida, uma vez que são considerados alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) aqueles que, apresentem limitações significativas ao nível da atividade e participação num dos vários domínios da sua vida. Em suma, o Ensino em Portugal está focado na resposta às NEE relacionadas com o insucesso e não no reconhecimento da sobredotação como uma NEE não relacionada com o insucesso. (Fleith et al, 2010; DEB, 1998; Hosberger, 2006;

Bastos, 2009; ASEP, 2007). Estas considerações são também corroboradas pelos resultados da presente investigação: quer a professora titular de turma quer os professores inquiridos e os participantes do blog, afirmaram maioritariamente a falta de legislação específica no âmbito da sobredotação, na Região Autónoma dos Açores e a necessidade e importância da existência da mesma, concordando que a existente reduz apenas uma criança com NEE aquela que apresenta insucesso escolar, principalmente ao nível académico. Os mesmos intervenientes na investigação partilham da opinião de que se deve englobar o ensino das crianças sobredotadas na educação especial em termos de legislação e tratamento. A professora titular de turma acrescenta ainda que o aluno em estudo é considerado com NEE pela escola referindo-se ainda à falta de legislação específica, no que respeita à inexistência de medidas educativas mais adequadas, como por exemplo a redução do número de alunos por turma.

Reportando a investigação aos intervenientes no estudo e concretamente à realidade existente na Região Autónoma dos Açores, mais propriamente à ilha de S. Miguel, verifica-se o reconhecimento da necessidade de inclusão, inserindo as crianças sobredotadas em turmas do ensino regular, implementando alterações no seu processo de ensino/aprendizagem, concordando também que, todo este processo requer a intervenção e apoio de vários intervenientes, nomeadamente população docente e serviços de psicologia. Na literatura existente, constata-se a necessidade de proporcionar, acima de tudo, um ambiente escolar que favoreça a criatividade, que proporcione experiências e oportunidades de desenvolvimento que levem ao bem-estar da criança no contexto escolar e que a repercussão no desenvolvimento das suas capacidades, seja a mais significativa possível. (Novaes, 1979; Almeida e outros, 2000; Silva, 1999; Bastos 2009; Orientações Curriculares,1997). Resultante do presente estudo constata-se que o atendimento a um aluno sobredotado é visto, quer pela professora titular de turma, quer pelos participantes no blog, como um “desafio”, no que respeita ao empenho necessário e diversificado, ao nível da sua ação, para o desenvolvimento ótimo das capacidades da criança sobredotada. Os professores inquiridos, manifestaram a sua opinião afirmando a necessidade de inclusão do aluno sobredotado no ensino regular, no entanto, verificou-se também a existência de alguns obstáculos ao sucesso desta inclusão, mais uma vez a falta de formação e a falta de apoio de técnicos especializados na área, nomeadamente professores especializados e psicólogos.

No que respeita particularmente à percepção dos professores, população alvo do presente estudo, acerca das características específicas possíveis de serem apresentadas e avaliadas nos comportamentos/atitudes das crianças acompanhadas, e no sentido de aferir quais as que se evidenciam nos diferentes domínios apresentados, procedeu-se à aplicação da escala de avaliação de autoconceito de Harter, tendo por base os melhores alunos, no que respeita ao desempenho apresentado, nos vários domínios que se propunha serem observados.

Concluiu-se que, nos diferentes domínios (Competência Escolar, Conduta / Comportamento, Aceitação Social, Competência Atlético, Aparência Física e Autoestima Global), os resultados obtidos confirmam, através da existência de diferenças significativas, a influência de variáveis como o género do aluno, a continuidade letiva e o ano curricular em que estes se encontram, na percepção dos professores, na identificação de características relacionadas com o autoconceito, em crianças com ótimo desempenho escolar. De mencionar que, no presente estudo, como comparativo e complementar do estudo de Bastos (2009), foi-se mais além na investigação, procedendo-se, especificamente no que respeita à aplicação da escala de avaliação para professores do 1º ciclo do Ensino Básico, ao aprofundamento do objetivo da aplicação da mesma, na medida em que, se aferiu a influência de variáveis como o género dos alunos a continuidade letiva e o ano curricular em que se encontram os mesmos, na percepção dos professores inquiridos. No estudo de Bastos (2009), verifica-se apenas a percepção dos professores de modo linear, apenas revelando a percepção dos professores sobre os seus alunos, dos diferentes domínios, sem especulação da interferência de outras variáveis. Com reporte aos resultados obtidos e comparados com os de Bastos (2009), verifica-se uma concordância, na medida em que os professores inquiridos, de um modo geral, e no que respeita ao aluno avaliado, concordam com a existência de maiores capacidades intelectuais destes alunos, comparativamente com os restantes colegas, o seu raro envolvimento em conflitos com os seus pares, como características fulcrais que o(a) tornam o(a) melhor aluno(a) da turma. Neste sentido, das dimensões apresentadas, a mais valorizada foi a das Competências Escolares e a menos valorizada foi a das Competências Atléticoas.

Prosseguindo, é pertinente e apropriado mencionar que os resultados que se seguem apresentam-se como complementares ao estudo de Bastos (2009). No caso particular do

género das crianças avaliadas, concluiu-se que, é nas alunas que os professores identificam como características mais positivas, em relação aos alunos, os Comportamentos apresentados, a Aceitação Social, a Aparência Física e a Autoestima Global. É apenas no domínio das Competências Atléticoas, que os professores mencionam ser os alunos a apresentar níveis mais positivos do que as alunas. No que respeita ao tempo em que o professor acompanha o aluno (continuidade letiva), fazendo a comparação nos extremos de 1 e 4 anos, os resultados divergem, na medida em que, no que respeita às dimensões percecionadas de maneira mais significativa (Aceitação Social, Competências Atléticoas e Autoestima Global), apenas no primeiro domínio mencionado, é nos alunos acompanhados há 4 anos que se verifica uma maior perceção deste. É no acompanhamento aos alunos por período de um ano que se verifica uma maior prevalência dos domínios das Competências Atléticoas e Autoestima Global. Finalmente, e respeitante ao ano curricular em que se encontram, as diferenças significativas evidenciam-se ao nível das Competências Atléticoas, sendo mais perceptíveis nos alunos acompanhados há apenas um ano, do que nos que já são acompanhados há 4 anos. Poderá aqui haver interferência de outras variáveis, ligadas à evolução (idade) do aluno.

Confrontando os resultados obtidos por via qualitativa na investigação, através das entrevistas aplicadas à professora titular do aluno sobredotado e aos encarregados de educação e as opiniões deixadas no blog divulgado, consegue-se estabelecer uma relação de harmonia entre estes resultados e os obtidos quantitativamente, assim como com a literatura científica pertinente. De mencionar que, o depoimento da professora titular de turma corrobora as opiniões dos professores participantes no blog e a opinião dos encarregados de educação, no que respeita à conceção que possuem sobre a ação da escola, em particular em assuntos fulcrais como o atendimento específico ao nível da intervenção educativa com as crianças sobredotadas e no que respeita aos recursos humanos disponíveis para apoiar o aluno.

A professora titular de turma, assim como os encarregados de educação, afirmaram que, o facto de esta estar a acompanhar o aluno há dois anos consecutivos é um fator benéfico, no que respeita às relações interpessoais estabelecidas. A primeira interveniente, descreve a relação estabelecida entre ambos (professora-aluno), dando ênfase à necessidade de construção de um ambiente cimentado na amizade e

compreensão mútua, para a promoção do desenvolvimento ótimo das capacidades, de modo a responder positivamente às necessidades do aluno em causa, assim como ao importante papel da família no desenvolvimento da criança sobredotada. A professora titular de turma, corroborando a literatura científica pertinente (Virgolim, 2007; Fleith, 2007), classifica ainda os pais como facilitadores do desenvolvimento da criança sobredotada, permitindo o acesso a experiências e recursos de que a mesma necessita. A mesma interveniente, corroborando a restante população participante e a literatura científica pertinente (Bastos, 2009; Serra, 2004,2005), considera que o aluno sobredotado é uma criança com Necessidades Educativas Especiais, que apresenta capacidades excecionais que facilitam a sua aprendizagem e um comportamento que, de início confluiu para a convicção de não existência de sobredotação. Na sua atividade letiva, também em acordo com a restante população em estudo e a literatura científica pertinente (Bastos, 2009; Serra, 2004, 2005; Declaração de Salamanca, 1994; Hosberger, 2006; Novaes, 1979), a professora titular do aluno em estudo, afirma a necessidade de uma atitude inclusiva face à sobredotação através da adoção de estratégias pedagógicas diferenciadas, com a finalidade de facilitar a aprendizagem do aluno sobredotado. No entanto, a falta de conhecimentos e/ou formação na área da sobredotação e a falta de recursos na escola, são fatores identificados como dificultando a sua ação, no desenvolvimento ótimo das capacidades do aluno sobredotado. (Bastos, 2009; Almeida e outros, 2000; Serra, 2004, 2005, 2006)

No caso particular da intervenção da família nesta investigação, conseguiu-se aferir factos importantes, essencialmente no que respeita às características apresentadas por uma criança diagnosticada como sobredotada em contexto familiar, ao nível de domínios como Conduta/Comportamento, Competência Escolar, Competência Atlético e Autoestima Global. A intervenção da família (Encarregados de Educação) corroborando a restante população participante e a literatura científica pertinente (Martinho 2006; Bastos, 2009; Serra, 2005, 2006) atestou a existência de determinadas características de aprendizagem numa criança sobredotada. Soube-se que a criança em questão apresenta interesse por assuntos não muito comuns às outras crianças, o que interfere diretamente nas suas brincadeiras e na seleção das suas amigas, que apresenta muita curiosidade e questiona tudo, opinando de forma muito crítica, estabelecendo uma boa relação com os outros, sendo também uma criança que apresenta uma grande capacidade de memória. É uma criança que, no que respeita à competência

escolar, se apresenta como um aluno com um percurso escolar dito “normal” até à data, muito em parte, devido à intervenção “incansável” (nas palavras dos encarregados de educação) da mesma professora (continuidade letiva), na implementação de estratégias pedagógicas diferenciadas, resultando nos bons resultados obtidos ao nível das diferentes áreas curriculares trabalhadas.

No domínio da competência Atlética os pais, corroborando o discurso da professora titular de turma, mencionaram que a criança apresenta aptidão para diversas atividades desportivas, praticando vários desportos. No que respeita à Autoestima global, é uma criança que apresenta boa autoestima e preocupação com estilo de vida saudável. Posto isto, através das palavras da professora titular de turma e dos encarregados de educação, verifica-se que, também os professores inquiridos e no que respeita à percepção dos mesmos, na aplicação da escala de avaliação aos seus melhores alunos, são tomadas como mais importantes as competências da Conduta/Comportamento e Competência Escolar em detrimento das restantes. No entanto, no caso da criança em estudo, e no que respeita à Competência Atlética e Autoestima Global, sendo a nossa criança um menino, acompanhado pela mesma docente pelo período de dois anos letivos consecutivos, verifica-se a convergência dos resultados obtidos. Os pais partilham, com os demais participantes na investigação e a literatura científica pertinente, da importância dum fator: a boa aceitação por parte da escola, que determinou a boa adaptação da criança sobredotada ao contexto escolar no desenvolvimento do seu filho. (Bastos, 2009; Serra, 2004, 2006)

Em síntese e em termos comparativos, nem todas as conclusões de Bastos (2009), são corroboradas em S. Miguel. Tal como na investigação da referida autora, também em S. Miguel se verificou que os professores inquiridos não se encontram suficientemente formados e/ ou informados sobre a temática da sobredotação, revelando por isso alguma dificuldade em identificar/sinalizar, compreender e acompanhar um aluno sobredotado. No entanto, consideram necessária a abordagem à temática em estudo na formação de docentes. Ainda como no estudo da mesma autora (Bastos, 2009), é também dada importância à ausência de uma política de apoio/legislação específica, na medida em que é pouco o conhecimento acerca da mesma já existente, por parte dos professores inquiridos, facto que, também na população em estudo desta investigação, leva à

consciência da necessidade de adequar as suas práticas e avaliar as suas metodologias, a fim de contribuírem para o bom desenvolvimento dos alunos sobredotados.

No entanto, no caso da presente investigação, verificou-se o não alheamento por parte da escola em que o aluno sobredotado se encontra. Contrapondo Bastos (2009), a escola, no caso específico da professora titular do aluno em questão, corroborando também a opinião dos encarregados de educação, reconheceu competências fora do comum na criança e verificou-se boa aceitação, compreensão e empenho para com o aluno em estudo.

Sendo o presente estudo comparativo e complementar do de Bastos (2009), importa a esta altura mencionar algumas particularidades constatadas nos resultados obtidos que vieram “enriquecer” a temática em estudo. Tendo por base o conjunto de professores inquiridos (tendo em conta também os resultados obtidos através da escala de avaliação para professores) e referindo os participantes no blog e a professora titular de turma, verificou-se ainda que, a proporção de professores que conhecem crianças sobredotadas e que afirmam que têm suficiente informação para reconhecer uma criança sobredotada como um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE), é maior do que a proporção de professores que não conhecem crianças sobredotadas e que afirmam que têm suficiente informação para reconhecer uma criança sobredotada como um aluno com NEE; a experiência pessoal de trabalho com a criança sobredotada, incita os professores na procura de informação e formação acerca da sobredotação; e o tempo de acompanhamento desses alunos (continuidade letiva), o ano curricular em que os alunos se encontram e o género dos alunos em questão, são fatores que determinam a perceção dos professores no que respeita à identificação de características, relacionadas com o autoconceito (em vários domínios), em crianças com ótimo desempenho escolar.

Tratando-se a presente investigação de um estudo de caso vasto, e tendo em consideração as peculiaridades e especificidades que lhe são inerentes, foi investigada também a importância do papel da família no desenvolvimento da criança sobredotada, assim como a postura da família face ao papel da escola, sendo de acrescentar a esta altura que, comparativamente com o estudo de Bastos (2009), e no que respeita aos resultados obtidos, constataram-se factos importantes de serem expostos. Assim sendo, acrescenta-se que, na realidade familiar em estudo, a criança sobredotada apresenta características que o definem como tal em outros depoimentos e na literatura científica

pertinente; trata-se de uma família estruturada e empenhada em atender adequadamente às necessidades da criança que vê a escola como parceira na construção do seu filho.

V. Considerações Finais, limitações e perspetivas

Posto todo o apresentado anteriormente, parece prevalecer, mais uma vez a complexidade associada à problemática da sobredotação, em contexto tão particular como é o contexto escolar, e no que respeita aos intervenientes que diretamente se relacionam com a criança sobredotada e dos quais depende o ótimo desenvolvimento das suas capacidades e minimização dos seus handicaps.

Investigar a sobredotação, no que respeita à qualidade e quantidade de formação existente na área e ao nível de conhecimento existente sobre a legislação e atendimento ao aluno sobredotado, foram os pilares desta investigação, na medida em que se propôs desde logo inferir acerca da ação do professor junto de crianças sobredotadas em contexto de sala de aula, tendo em conta as limitações existentes e verificadas na literatura existente.

Em suma, verificou-se, convergindo com a literatura e estudos recentemente efetuados que, ainda nos dias de hoje, e na realidade existente, a sobredotação não é uma problemática facilmente compreendida. Existe ainda um longo caminho a percorrer no que respeita a esta temática, no sentido de chegar ao ponto em que a criança sobredotada seja percebida, devidamente identificada e incluída num sistema educativo que acolhe, compreende e tem como objetivo principal o desenvolvimento ótimo do seu potencial, tendo sempre em conta as suas características muito particulares. No entanto é de mencionar, o esforço desenvolvido por professores empenhados e realmente preocupados com as crianças, no sentido de procurar informação e formação acerca da sobredotação de modo a agir da forma mais responsável possível.

Tendo em conta que a população em estudo é composta por pessoas idóneas e nas quais se pode confiar para participação numa investigação deste nível, é a esta altura possível conferir como verdadeiras as afirmações feitas no que respeita aos resultados obtidos, dentro do contexto sociocultural a que estes pertencem. Pode-se também aferir

tendências e nelas apoiar linhas de ação, possíveis de ser comparadas com outras investigações aplicadas a outros contextos existentes.

Considera-se como limitação do estudo, mas também como valor no seu âmbito de aplicação, o contexto sociocultural em que a população alvo de insere, tratando-se de uma realidade muito particular, principalmente no que respeita às oportunidades orientadas para o desenvolvimento global das crianças quer no seio da família, quer em contexto escolar. É sabida a limitação existente, pelo facto de se tratar de uma ilha, no acesso por exemplo a situações e experiências promotoras de desenvolvimento, às quais outras crianças, em contextos mais favorecidos acedem com facilidade. De mencionar que, mesmo assim, a família da criança em estudo tenta, sempre que possível, proporcionar à criança sobredotada experiências o mais enriquecedoras e motivadoras possível.

Como linhas de desenvolvimento deste estudo considera-se de interesse aprofundar e responder:

- A importância da formação do pessoal docente, na área da sobredotação, para uma melhor ação quer ao nível da identificação, quer ao nível do acompanhamento de um aluno sobredotado;
- A necessidade de inclusão dos alunos sobredotados no Regime Educativo Especial, como alunos com Necessidades Educativas Especiais de carácter permanente.
- O papel inclusivo da escola, como promotora de um ambiente propício ao desenvolvimento ótimo do aluno sobredotado.
- O papel da família, como facilitador no desenvolvimento da criança sobredotada, promovendo o acesso a experiências e recursos que respondam às suas necessidades.
- O reforço da relação Escola – Família – Comunidade promovendo um ambiente propício ao desenvolvimento ótimo do aluno sobredotado.

A esta altura da investigação, continuar a investigar em sobredotação continua a ser pertinente devido às limitações inerentes a um estudo de caso, que não permitem generalizar a outras populações e/ou contextos. Tendo por base a presente investigação, será possível partir para outros estudos com sobredotados, em contextos

socioeconómicos, culturais e escolares particulares, com o objetivo de contribuir um pouco mais para a compreensão da sobredotação, para a chamada de atenção, dos governantes e entidades legislativas para a problemática em estudo, com a finalidade principal de dar respostas adequadas às crianças sobredotadas.

Importa investigar pela pertinência das conclusões a que se chega, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento e aprofundamento das temáticas / problemáticas em estudo, procurando colmatar determinadas lacunas existentes.

Através desta investigação, e nas palavras da professora titular de turma, surge a questão da dificuldade em abordar a sobredotação através de uma vertente mais prática: “Sinto que há muita falta de documentação, não no sentido teórico, documentação com exemplos práticos: o que se faz com um aluno com estas características, que tipo de exercícios, que tipo de atividades, porque não é fácil.” Levantam-se assim as seguintes questões: Como responder à criança sobredotada? Que estratégias usar especificamente? Que tipo de atividades, pedagogicamente adequadas e estimulantes existem, para motivar a criança sobredotada? Seria interessante prosseguir na investigação relacionando várias crianças sobredotadas, suas famílias e responsáveis escolares e associações especializadas, com o intuito de operacionalizar diferentes estratégias e aplicar medidas educativas específicas, tendo como objetivo principal a verificação da necessidade de dar a devida importância à sobredotação.

De forma conclusiva, considera-se como objetivo final desta investigação: promover a discussão sobre a temática em estudo, alertando para as lacunas que se verificaram, na realidade estudada, no atendimento às crianças sobredotadas, em diferentes contextos.

VI. Bibliografia

- A.N.E.I.S. (2000). *Definição e conceito, identificação, criatividade, família e escola, intervenção, investigação. Sobredotação*, vol.1, nº1 e 2. Anéis, Braga.
- A.P.C.S. (1987). *Deixem-me passar: Orientações a pais e professores de crianças sobredotadas*. A.P.C.S, Porto.
- Alencar, E.S. (1986). *Psicologia e educação do superdotado*. São Paulo: EPU.
- Almeida, L. e Outros. (2001). *Conhecimentos e percepções dos professores na área de sobredotação*, in *sobredotação*, Vol. 2, nº2., Anéis, Braga.
- Almeida, L.S e Oliveira, E.P. (2000). *Os professores na identificação dos alunos sobredotados*, in L.S. Almeida, E. P. Oliveira e A.S. Melo, (orgs), *Alunos Sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Aneis, Braga.
- Almeida, L.S, e Outros (2000). *O Papel dos Professores na identificação de crianças sobredotadas: impacto de variáveis pessoais dos alunos na avaliação*, in *Sobredotação*, Vol.1, n 1 e 2. Anéis, Braga.
- ASEP (2009). *Les Enfants a Haut Potentiel Intellectuel*. Disponível em http://www.asep-suisse.org/joomla/index.php?option=com_docman&Itemid=72
Consultado em fevereiro de 2012.
- ASEP (2009). *Les enfants HP qui sont-ils*. Disponível em http://www.asep-suisse.org/joomla/index.php?option=com_docman&Itemid=72 Consultado em fevereiro de 2012.
- Bastos, A.M.O.S.G. (2009). *A perceção dos professores sobre os alunos sobredotados versus o alheamento da escola*. Disponível em www.esepf.pt/u/apes/publicacoes. Consultado em setembro de 2011.
- Boas, V. e Peixoto, L.M. (2003). *As crianças sobredotadas: Conceito, características, intervenção educativa*. Braga: Edições APPACDM de Braga.
- Bleandonu, G. e Revol, O. (2010). *Precocite, Talents et Troubles des Apprentissages in Approche Neuropsychologique des Troubles d'Apprentissages*. Éditions Solal.

Disponível em http://www.asep-suisse.org/joomla/index.php?option=com_docman&Itemid=72 Consultado em fevereiro de 2012.

Carvalho, R.(1986). *História do ensino em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Castro, I.F.S. (2006). *Sobredotação: Intervenção esquecida*. Disponível em www.esepf.pt/u/apes/publicacoes. Consultado em março de 2012.

Cortesão, L.(1982). *Escola, sociedade. Que relação?* Edições Afrontamento, Lisboa.

DEB. (1998). *Crianças sobredotadas – intervenção educativa*. Ministério da educação, Lisboa.

Declaração de Salamanca (1994). *Conferência Mundial Sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*: Edições Unesco.

Falcão, I. (1992) *Crianças Sobredotadas. Que sucesso escolar?* Porto: Edições Asa.

Feldhusen, J. F. e Jarwan, F. A. (2000). *Identification of gifted and talented youth for programs*. Oxford: Pergamon.

Ferreira, M. e Santos, M. (1994). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Edições Afrontamento, Porto.

Fleith, D. de S. (org.), Dutra, C.P., Griboski, C.M., Barbosa, K. A. M. e Maia-Pinto, R. R. (2007). *A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Sobredotação. Volume 1: Orientação a professores*. Ministério da Educação - Secretaria da Educação Especial. Brasília D.F.

Fleith, D. de S. (org.), Dutra, C.P., Griboski, C.M., Barbosa, K. A. M. e Maia-Pinto, R. R. (2007). *A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades / Sobredotação. Volume 2: Atividades de Estimulação de Aluno*. Ministério da Educação - Secretaria da Educação Especial. Brasília D.F.

Fleith, D. de S. (org.), Dutra, C.P., Griboski, C.M., Barbosa, K. A. M. e Maia-Pinto, R. R. (2007). *A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades*

/ *Sobredotação. Volume 3: O Aluno e a Família*. Ministério da Educação - Secretaria da Educação Especial. Brasília D.F.

Fleith, D. de S., Almeida, Leandro S., Alencar, Eunice M. L. S., & Miranda, Lúcia (2010). *Educação do aluno sobredotado no Brasil e em Portugal: uma análise comparativa*. Revista Lusófona de Educação n.16 (online), pp. 75-88. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S1645-72502010000200007&script=sci_abstract, Consultado em março de 2012.

Fortin, M. *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Décaire Editeur. 1999.

Gardner, H. (1998). *Uma nova concepção de inteligência*. *Noesis*, nº 48=ut, Dez.

Genovard, C. e Castello, A. (1990). *El límite superior. Aspectos psicopedagógicos de la excepcionalidad intelectual*. Madrid: Piramide.

Gomes, J. F. (1975). *A estrutura da inteligência e da criatividade: As investigações de J.P. Guilford*. Revista Portuguesa de Pedagogia.

Guenther, Z. C. (2000). *Educando bem dotados: algumas ideias básicas*, in Almeida, L. S. e outros (Orgs.), *Alunos sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. ANEIS: Braga.

Hill, Manuela Magalhães e Hill, Andrew (2005), *Investigação por questionário*, Edições Sílabo, 2ª edição, Lisboa

Honsberger, Michèle (2006). *Les surdoués, l'école et la formation*. Publicado em Educateur 12.2006. Disponível em http://www.asep-suisse.org/joomla/index.php?option=com_docman&Itemid=72 Consultado em fevereiro de 2012.

Kirk, S. e Gallagher, J. (1991). *Educação da criança excepcional*. São Paulo: Martin Fontes.

Lakatos, E.; Marconi, M. (1996). *Metodologia Científica. 4ªed. Coimbra*: Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

- Lombardo, J. R. (1979). *Necessidades educativas del superdotado*. Atlas: São Paulo.
- Lopes, M. C. (1997). *A educação especial em Portugal*. Braga Edições APPACDM de Braga.
- Martinho, J.M.M. (2006). *O sobredotado e o meio envolvente: uma abordagem psico-sócio-educacional*. Disponível em www.esepf.pt/u/apes/publicacoes. Consultado em setembro de 2011.
- Martins, T. V. M. (2010). *A escola face ao aluno sobredotado*. Disponível em www.esepf.pt/u/apes/publicacoes. Consultado em setembro de 2011.
- Ministério da Educação (1998). *Crianças Sobredotadas: intervenção Educativa*. Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário. Portugal.
- Miranda, Lúcia do Rosário Cerqueira. *Da Identificação às repostas educativas para alunos sobredotados: Construção, aplicação e avaliação de um programa de enriquecimento escolar*. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8943> . Consultado em março de 2012.
- Miranda, Lúcia C. e Almeida, Leandro S. *A investigação em Portugal em torno da sobredotação e da excelência: Análise a partir de teses de mestrado e doutoramento*. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11541/1/Sobredota%C3%A7%C3%A3o.pdf> Consultado em março de 2012.
- Novaes, M^a H. (1979). *Desenvolvimento psicológico do superdotado*. Atlas: São Paulo.
- Pacheco, José Augusto Org. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Livraria Minho, Braga.
- Pereira, M. (2000) “*Sobredotação: a pluralidade do conceito*” in revista Sobredotação Vol. I. Anéis, Braga.
- Planchard, Emile (1982). *A pedagogia contemporânea*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Pocinho, Margarida (2009). *Sobredotação: Conceitos e modelos de diagnóstico e intervenção psicoeducativa*. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.15, n.1.

Quivy, R. e Campenhoudt, L.(1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva, Lisboa.

Reis, Marta F. (2008). Crianças sobredotadas precisam de ser bem acompanhadas e motivadas – UFP promove debate sobre sobredotação no Porto. Disponível em <http://www.cienciahoje.pt/index.php?oid=25933&op=all> Consultado em março de 2012.

Renzulli, J. S. (1984). *The three ring conception of giftedness: A developmental model for creative productivity: Connecticut: The University of Connecticut*.

Renzulli, J. S. (1994). *Schools for talent development: A practical plan for total school improvement. Mansfield Center, CT: Creative Learning Press*.

Renzulli, J.S. (1978). *What Makes Giftedness Reexamining a Definition, Phi Delta Kappan*.

Serra, H. (2004). *A Criança Sobredotada – Compreender para Apoiar - Um Guia para Pais*. V.N. de Gaia. Gailivro.

Serra, H. (2004). *A Criança Sobredotada – Compreender para Apoiar - Um Guia para Educadores e Professores*. V.N. de Gaia. Gailivro.

Serra, H. (2005). *Alunos Sobredotados- Respostas Educativas/Dinâmicas de Ação Educativa in Atas do Encontro Internacional Educação Especial - Diferenciação: do Conceito à Prática. pp. 73-85. Porto*.

Serra, H. (2006). *Alunos sobredotados: respostas educativas/dinâmicas de acção educativa*. Disponível em www.esepf.pt/u/apes/publicacoes/artigo_alunos_sobredotados.pdf Consultado em março de 2012.

Silva, M. E. (1992). *Sobredotados: Suas necessidades educativas específicas*. Porto Editora: Porto

Simões, M. F. (2000). *Auto conceito em crianças com sobredotação e dificuldades de aprendizagem: Perspectivas de intervenção, in sobredotação*, Vol. 2, nº2. ANEIS, Braga.

Spodek, B. e Saracho, N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Artes Médias, Porto Alegre.

Tavares, J. e Alarcão, I. (1999). *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem*. Livraria Almedina, Coimbra.

Terman, L. e Oden, M. (1947) *Genetic Studies of Genius I. Califórnia*: Stanford University Press.

Torrance, E.P. (1976) *Criatividade: Medidas, Testes e Avaliações*. Ibrasa São Paulo.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação: Como conceber e realizar o processo de investigação em Educação*. Avenida de Berna, Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

Virgolim, A. M. R. (2007) , Dutra, C.P., Griboski, C.M., Barbosa, K. A. M. e Maia-Pinto, R. R. (2007). *Altas Habilidades / Sobredotação – Encorajando Potenciais*. Ministério da Educação - Secretaria da Educação Especial. Brasília D.F.

Winner, E. (1996). *Crianças sobredotadas: Mitos e realidades*. Instituto Piaget: Lisboa.

Legislação consultada

- Decreto-Lei nº 3 de 2008 de 7 de janeiro.
- Decreto-Lei nº 33/96/M de 1 de julho.
- Decreto regulamentar regional nº13 – A/97/m de 15 de julho
- Despacho normativo nº 30/ 01 de 19 de julho.
- Decreto-Lei nº 319/91 de 23 de agosto: Regime educativo para alunos com N.E.E (Necessidades Educativas Especiais).
- Despacho Normativo nº173/ME/91 de 23 de agosto.

Anexos

Anexo 1 - Declaração de Consentimento Informado (Professora Titular de Turma)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Considerando a "Declaração de Helsínquia" da Associação Médica Mundial
(Helsínquia 1964; Tóquio 1975; Veneza 1983; Hong Kong 1989; Somerset West 1996 e Edimburgo 2000)

Designação do Estudo

No seguimento da realização do estudo de mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na área de especialização: domínio cognitivo e motor subordinado ao tema "A Percepção dos Professores sobre os alunos sobredotados", venho por este meio, e após consentimento do(a) encarregado(a) de educação, solicitar a consulta dos dados constantes da documentação presente no processo escolar e relativos ao discente alvo do estudo.

Esta pesquisa de investigação está a ser realizada na Universidade Fernando Pessoa, Porto, sob a orientação da Prof. Doutora Tereza Ventura, e na qual se pretende:

- Observar o nível de conhecimento que os professores das classes regulares possuem acerca da sobredotação.
- Saber o tipo de formação que os professores têm para trabalhar com crianças sobredotadas.
- Saber se os professores são capazes de identificar um aluno sobredotado.
- Saber se os professores consideram alunos sobredotados como sendo alunos com Necessidades Educativas Especiais.
- Refletir sobre o dia-a-dia de um aluno sobredotado numa Escola em S. Miguel

Solicito igualmente a sua participação, enquanto Professora Titular de Turma de um aluno sobredotado, numa Entrevista. A entrevista é constituída por 23 questões, todas elas referentes ao discente sobredotado em causa, reportando-se à sua atividade, em contexto escolar, desde que é seu aluno, até ao presente, dando ênfase às suas características cognitivas, aprendizagem, socialização e liderança, comportamento, motivação e interesses e passatempos.

Agradeço a sua colaboração, reforçando que os dados obtidos nesta recolha serão mantidos em completo sigilo e que os resultados gerais alcançados através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima. Mais se informa de que, a aplicação desta entrevista será de grande utilidade na triangulação de resultados obtidos também junto de outros professores do 1º Ciclo do Ensino Básico acerca da temática em estudo.

O Investigador responsável:

Nome: Zulmira Conceição Ferreira Pinto

Assinatura: Zulmira Conceição Ferreira Pinto

Eu, abaixo-assinado, (nome completo da professora Titular de Turma) Elizabeth Paula

Elizabeth Paula compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da minha participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que informação sobre o meu discente será anonimamente incluída. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias e a todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que, de acordo com as recomendações da Declaração de Helsínquia, a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal, para mim ou para o meu discente.

Por isso, consinto na participação solicitada pelo investigador.

Data: 03/07/2012

Assinatura da Professora Titular de Turma:

Elizabeth Paula

Anexo 2 - Declaração de Consentimento Informado (Encarregados de Educação)

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Considerando a "Declaração de Helsínquia" da Associação Médica Mundial (Helsínquia 1964; Tóquio 1975; Veneza 1983; Hong Kong 1989; Somerset West 1996 e Edimburgo 2000)

Designação do Estudo

No seguimento da realização do estudo de mestrado em Ciências da Educação – Educação Especial, na área de especialização: domínio cognitivo e motor subordinado ao tema "A Perceção dos Professores sobre os alunos sobredotados", venho por este meio solicitar o vosso consentimento para consultar dados relativos ao vosso educando, constantes da documentação presente no seu processo escolar.

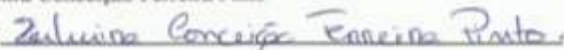
Esta pesquisa de investigação está a ser realizada na Universidade Fernando Pessoa, Porto, sob a orientação da Prof. Doutora Tereza Ventura, e na qual se pretende:


- Observar o nível de conhecimento que os professores das classes regulares possuem acerca da sobredotação.
- Saber o tipo de formação que os professores têm para trabalhar com crianças sobredotadas.
- Saber se os professores são capazes de identificar um aluno sobredotado.
- Saber se os professores consideram alunos sobredotados como sendo alunos com Necessidades Educativas Especiais.
- Refletir sobre o dia-a-dia de um aluno sobredotado numa Escola em S. Miguel

Solicito igualmente a vossa participação, enquanto Encarregados de Educação de um aluno sobredotado, numa Entrevista. A entrevista é constituída por 27 questões, todas elas referentes ao educando sobredotado em causa, reportando-se à sua atividade, dos 6 meses até ao presente, dando ênfase às suas características cognitivas, aprendizagem, socialização e liderança, comportamento, motivação e interesses e passatempos.

Agradeço a vossa colaboração, reforçando que os dados obtidos nesta recolha serão mantidos em completo sigilo e que os resultados gerais alcançados através da pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima. Mais se informa de que, a aplicação desta entrevista será de grande utilidade na triangulação de resultados obtidos também junto dos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico acerca da temática em estudo. O Investigador responsável:

Nome: Zulmira Conceição Ferreira Pinto

Assinatura: 

Nós, abaixo-assinados, (nome completo dos encarregados de educação)  compreendemos a explicação que nos foi fornecida a cerca da nossa participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que informação sobre o nosso educando será anonimamente incluída. Foi-nos dada oportunidade de fazer as perguntas que julgamos necessárias e a todas obtivemos resposta satisfatória.

Tomamos conhecimento de que, de acordo com as recomendações da Declaração de Helsínquia, a informação ou explicação que nos foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-nos afirmado que temos o direito de recusar a todo o tempo a participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal, para nós ou para o nosso educando.

Por isso, consentimos na participação solicitada pelo investigador.

Data: 24 / julho / 2012

Assinatura dos Encarregados de Educação:



Anexo 3 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Relatório Circunstanciado)

RELATÓRIO CIRCUNSTANCIADO

DE ACOMPANHAMENTO DO PROJECTO EDUCATIVO INDIVIDUAL

Ano Lectivo 2010/2011
Escola EB1/JI de Santa Clara

1. CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

Identificação do Aluno

Nome
Data de Nascimento 27/09/2004 Idade 6 anos
Morada Telefone
Nome do Pai Idade 36 anos
Nome da Mãe Idade 34 anos
Enquanto Aluno de Educação Especial Nome da Mãe Maria Helena Dias Idade _____
Grau de Parentesco Pai e mãe
Morada Telefone

Outras informações pertinentes

Situação Escolar do Aluno

Estabelecimento de Ensino EB1/JI de Santa Clara

Situação Escolar:

Pré-Escolar Nº de anos de frequência _____
1º CEB Ano 1º Nível 1/2
2º CEB Ano _____ Turma _____
3º CEB Ano _____ Turma _____
Ens. Secundário Ano _____ Turma _____

Outra modalidade de ensino:

Professor Titular /Director de Turma:

Data de início de aplicação do PEI em vigor 14/01/2011

2. CARACTERIZAÇÃO DO REE

Respostas educativas aplicadas
(c.f. Regulamento da Gestão Administrativa e Pedagógica de Alunos)

Adopção de Projecto Curricular Adaptado

- Turma com Projecto Curricular Adaptado
- Currículo Individual Adaptado
- Adequações Curriculares:
 - Redução parcial do currículo
 - Dispensa das actividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade:

Integração numa unidade especializada com currículo adaptado (UNECA)

- Ocupacional
- Sócio-Educativa
- Transição para a Vida Activa
- Educação de Surdos
- Educação de crianças e jovens com distúrbios comportamentais do espectro do autismo

Programas Específicos do REE

- Ocupacional
- Sócio-Educativo
- Despiste e Orientação Vocacional
- Pré-Profissionalização
- Plano Individual de Transição (Anexar sempre que exista)

Condições Especiais de Matrícula

- Dispensa dos limites etários
- Adiamiento de matrícula
- Antecipação de matrícula
- Matrícula por disciplinas (aplicável apenas aos 2º e 3º ciclos)

Discriminar ano de escolaridade e disciplinas

**Adaptações materiais e de equipamentos especiais de compensação
(indicar quais os materiais)**

- Para problemas visuais:
- Para problemas auditivos:
- Para problemas motores:
- Outro, Qual?
- Dispositivos de compensação:
 - Auxiliares ópticos:
 - Auxiliares auditivos:
 - Equipamento informático:
 - Cadeira de rodas:
 - Próteses:
 - Outro, Qual?

Adaptação da classe ou turma

- Redução de turma
- Outro, Qual?:

Apoio sócio-educativo específico

- Apoio individualizado prestado por docente do núcleo de educação especial
- Apoio educativo – Indicar áreas/disciplinas
- Apoio familiar (bolsa ocupacional)
- Outros Apoios:
 - Língua Gestual
 - Hidroterapia
 - Hipoterapia
 - Fisioterapia
 - Terapia da Fala
 - Desporto Adaptado
 - Terapia Ocupacional
 - Psicoterapia
 - Arteterapia (musicoterapia; dramoterapia, ...) Identifique qual ou quais:
- Apoio Psicológico
- Apoio Social
- Outros, identifique qual ou quais:
Enriquecimento curricular

Currículo específico individual (anexar currículo)

Condições especiais de avaliação

- Tipo de prova ou instrumento de avaliação:
- Forma ou meio de expressão do aluno:
- Periodicidade:
- Duração:
- Local de execução:

3. SÍNTESE DOS RESULTADOS OBTIDOS NA APLICAÇÃO DO REGIME EDUCATIVO ESPECIAL (c.f. previsto no nº 4, do art.º 23º, do DLR nº 15/2006/A, de 7 de Abril)

O ALUNO USUFRUIU AO LONGO DO PRESENTE ANO LECTIVO DE REDUÇÃO DE TURMA E APOIO PSICOLÓGICO NOS TERMOS PREVISTOS NA ALÍNEA G) DO DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL Nº 15-2006-A DE 7 DE ABRIL DE 2006 (SOBREDOTADO). CONSIDERAMOS ESTAS MEDIDAS COMO ADEQUADAS, ESSENCIAIS E PROMOTORAS DO SEU SUCESSO ESCOLAR E BEM ESTAR PSICOSOCIAL.

4. PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO PARA O ANO LECTIVO SUBSEQUENTE (assinalar com X a situação mais indicada para o(a) aluno(a))

- Fim de escolaridade obrigatória. Encaminhamento:
 - Integração em Instituição de Carácter Ocupacional
 - Integração no Mercado de Trabalho
 - Outro (indicar qual):
- Manter as Respostas Educativas do Regime Educativo Especial
- Alterar as Respostas Educativas do Regime Educativo Especial
- Incluir no Regime Educativo Comum. Indicar modalidade de Ensino:
- Outra (indicar qual):

4.1 Regime Educativo Especial

Adopção de Projecto Curricular Adaptado

- Turma com Projecto Curricular Adaptado
- Currículo Individual Adaptado
- Adequações Curriculares:
 - Redução parcial do currículo
 - Dispensa das actividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade:

Integração numa unidade especializada com currículo adaptado (UNECA)

- Ocupacional
- Sócio-Educativa
- Transição para a Vida Activa
- Educação de Surdos
- Educação de crianças e jovens com distúrbios comportamentais do espectro do autismo:

Programas Específicos do REE

- Ocupacional
- Sócio-Educativo
- Despiste e Orientação Vocacional
- Pré-Profissionalização
- Plano Individual de Transição (anexar o PIT sempre que exista)

Condições Especiais de Matrícula

- Dispensa dos limites etários
- Adiamento de matrícula
- Antecipação de matrícula
- Matrícula por disciplinas (aplicável apenas aos 2º e 3º ciclos)

Discriminar ano de escolaridade e disciplinas

**Adaptações materiais e de equipamentos especiais de compensação
(indicar quais os materiais)**

- Para problemas visuais:
- Para problemas auditivos:
- Para problemas motores:
- Outro. Qual?
- Dispositivos de compensação:
 - Auxiliares ópticos:
 - Auxiliares auditivos:
 - Equipamento informático:
 - Cadeira de rodas:
 - Próteses:
 - Outro. Qual?

Adaptação da classe ou turma

- Redução de turma
- Outro. Qual?:

Apoio sócio-educativo específico

- Apoio individualizado prestado por docente do núcleo de educação especial
- Apoio educativo - Indicar áreas/disciplinas: _____
- Apoio familiar (bolsa ocupacional)
- Outros Apoios:
 - Língua Gestual
 - Hidroterapia
 - Hipoterapia
 - Fisioterapia
 - Terapia da Fala
 - Desporto Adaptado
 - Terapia Ocupacional
 - Psicoterapia
 - Arteterapia (musicoterapia; dramoterapia, ...), identifique qual ou quais:
- Apoio Psicológico
- Apoio social
- Outros, identifique qual ou quais:
enriquecimento curricular, acompanhamento indirecto do PEI pela docente do NEE

Currículo específico individual (anexar currículo)

Condições especiais de avaliação

- Tipo de prova ou instrumento de avaliação:
- Forma ou meio de expressão do aluno:
- Periodicidade:
- Duração:
- Local de execução:

4.2 Regime de Apoio Educativo

- Apoio lectivo suplementar
- Actividades de complemento curricular e de informação e orientação educacional
- Adopção de condições especiais de avaliação
- Adaptações curriculares
- Estratégias pedagógicas e organizativas específicas

Observações relativas às medidas do Regime de Apoio Educativo:

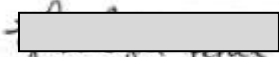
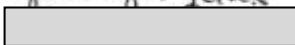

Outras Respostas Educativas:

5. RESPONSÁVEIS PELAS RESPOSTAS EDUCATIVAS / APOIO EDUCATIVO


Tipo de Apoio	Identificação dos Intervenientes	Funções Desempenhadas (Indicar função de cada profissional)		Horário
		Apoio Directo	Consultadoria Aconselhamento	
Psicológico		x		sempre que necessário
Acompanhamento do PEI			x	sempre que necessário

6. OBSERVAÇÕES: (Registar as informações pertinentes de modo a contribuir para uma melhor organização do próximo ano lectivo, do ponto de vista educativo).

7. ASSINATURA DOS RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO

Docente Titular/ Director de Turma	22/06/2011	Ass: 
Docente da Educação Especial	22/06/2011	Ass: 
Psicólogo	22/06/11	Ass: 
Outros Intervenientes:		
_____	/ /	Ass: _____
_____	/ /	Ass: _____
_____	/ /	Ass: _____

8. APROVADO PELO CONSELHO PEDAGÓGICO

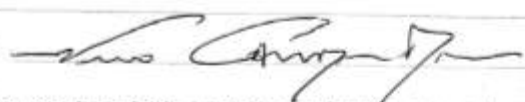
Assinatura:  01/07/2011

9. O ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Concordo com o encaminhamento proposto

Não concordo com o encaminhamento proposto

Proponho:

Assinatura:  22/06/2011

Nota: Este documento substitui a Acta da Reunião com o Encarregado de Educação (nº 5, do art.º 23º, do DLR nº 15/2006/A, de 7 de Abril)

Anexo 4 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Relatório Técnico-Pedagógico)

1



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO



1



O presente relatório tem como objectivo sintetizar os resultados da avaliação efectuada pela equipa pluridisciplinar, visando a caracterização do perfil de funcionalidade do aluno pelo referencial CIF-CJ¹ e a adequação de respostas educativas e tomadas de decisão promotoras de um aumento do nível de participação do aluno e *empowerment*.

1. CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

Identificação do Aluno

Nome	<input type="text"/>		
Data de Nascimento	<input type="text" value="27/09/2004"/>	Idade	<input type="text" value="6 anos"/>
Morada	<input type="text"/>	Telefone	<input type="text"/>
Nome do Pai	<input type="text"/>	Idade	<input type="text" value="36 anos"/>
Nome da Mãe	<input type="text"/>	Idade	<input type="text" value="34 anos"/>
Encarregado de Educação	<input type="text"/>	Idade	<input type="text"/>
Grau de Parentesco	<input type="text" value="Pai e mãe"/>		
Morada	<input type="text"/>	Telefone	<input type="text"/>
Outras informações pertinentes			
<input type="text"/>			

Situação Escolar do Aluno

Estabelecimento de Ensino	<input type="text" value="EB1/JI de Santa Clara"/>		
Situação Escolar:			
Pré-Escolar	<input checked="" type="checkbox"/>	Nº de anos de frequência	<input type="text" value="3"/>
1º CEB	<input checked="" type="checkbox"/>	Ano	<input type="text" value="1º"/> Nível <input type="text" value="1/2"/>
2º CEB	<input type="checkbox"/>	Ano	<input type="text"/> Turma <input type="text"/>
Outra modalidade de ensino: <input type="text"/>			
Professor Titular /Director de Turma	<input type="text"/>		

¹ Consultar a Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade e Saúde - Versão para Crianças e Jovens (Versão Experimental traduzida e adaptada, com base na CIF (2003) e ICF-CY (2007) Centro de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto).



2. DADOS DA AVALIAÇÃO ESPECIALIZADA

Equipa Responsável pela Avaliação

Coordenador do Processo de Avaliação	
Nome	<input type="text"/>
Cargo	<input type="text" value="Docente titular"/>
Docente Titular/Director de Turma	<input type="text"/>
Docente da Educação Especial	<input type="text"/>
Psicólogo	<input type="text"/>
Outros intervenientes	<input type="text"/>

Instrumentos utilizados

1. Funções do Corpo	Anamnese ; Escalas de Achenbach: Entrevista Clínica Semi - estruturada para Crianças e Adolescentes (SCICA);WPPSI-R Escala de Inteligência de Wechsler para a idade pré-escolar e primária ; Reversal Test - Teste de Aptidão Perceptiva; Teste de Linguagem Técnica da Leitura e Escrita ; Bapae - Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar e Provas - ECNI;; <u>Outras fontes de informação</u> ; relatórios e registos de aprendizagens do ensino pré-escolar; trabalhos produzidos na escola aos 3, 4 e 5 anos; desenhos livres da crianças e outros projectos produzidos na sua infância. ; <u>Observação no contexto de sala de aula</u> : 1º ano e situação experimental no 2º ano. ;Observação Comportamental.
2. Actividade e participação	Fichas de percepção e memória; actividades de raciocínio verbal; fichas para avaliação de habilidades de conceptualização e abstracção; fichas para a fluência verbal; fichas para o raciocínio lógico - matemático.
3. Factores ambientais	Entrevista e observação.



3. PERFIL DE FUNCIONALIDADE DO(A) ALUNO(A)

SÍNTESE DESCRITIVA DAS FUNÇÕES DO CORPO/ACTIVIDADE E PARTICIPAÇÃO/FACTORES AMBIENTAIS

O PRESENTE PERFIL FOI ADAPTADO ÀS CARACTERÍSTICAS E DESEMPENHO DO ALUNO NOS TERMOS DA ALÍNEA G) DO DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL Nº 15-2006-A DE 7 DE ABRIL DE 2006 (SOBREDOTADO), TENDO SIDO PREENCHIDO POR COMPETÊNCIAS ACIMA/MEDIA OU ABAIXO DO NÍVEL MÉDIO ESPERADO

FUNÇÕES DO CORPO

QUALIFICADORES:		N	A	D	-	-	-	-
Funções Psicológicas								
Parâmetro Normativo - N								
Acima da Média - A								
Em deficit - D								
CAPÍTULO 1 – FUNÇÕES MENTAIS								
(FUNÇÕES MENTAIS GLOBAIS)								
b110	Funções da consciência	X						
b114	Funções da orientação no espaço e no tempo	X						
b117	Funções intelectuais		X					
b122	Funções psicossociais globais	X						
(FUNÇÕES MENTAIS ESPECÍFICAS)								
b140	Funções da atenção	X						
b144	Funções da memória		X					
b147	Funções psicomotoras							
b152	Funções emocionais	X						
b156	Funções da percepção		X					
b160	Funções do pensamento		X					
b164	Funções cognitivas de nível superior		X					
b167	Funções mentais da linguagem		X					
b172	Funções do cálculo		X					
b176	Funções mentais para a sequência de movimentos complexos							



ACTIVIDADE E PARTICIPAÇÃO

Competências em que a criança revela um desempenho significativamente acima da média comparativamente à sua faixa etária.

d132	Adquirir informação	X
d137	Adquirir conceitos	X
d155	Adquirir competências	X
d166	Ler	X
d172	Calcular	X
d175	Resolver problemas	X
d310	Comunicar e receber mensagens orais	X
d350	Conversação	X
d355	Discussão	X

Informação Educativa:

• Capacidade Verbal	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Variedade de Interesses	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Curiosidade	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Memória	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Persistência	Muito boa x (áreas do seu interesse) Boa__
• Razoável__ Reduzida x(trabalhos escritos)	
• Independência	Muito boa _Boa__ Razoável x Reduzida__
• Criatividade	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Sensibilidade	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Sentido de valores	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__
• Capacidade de pensamento abstracto	Muito boa x Boa__ Razoável__ Reduzida__

Observou-se a partir dos instrumentos utilizados e observação em contexto escolar:

- Boa percepção e memória com raciocínio rápido;
- Habilidade para conceptualizar e abstrair;
- Boa fluência de ideias com flexibilidade de pensamento;
- Originalidade e rapidez na resolução de problemas;
- Boa capacidade de observação;
- Rapidez na aprendizagem de novos conceitos em que revela interesse;
- Vocabulário avançado para a idade e para o nível escolar e ano escolar que frequenta ;



- Domínio rápido da informação e facilidade no entendimento e evolução de factos ou de acontecimentos;
- Questionamento face a tudo e todos;
- Preferência por actividades criativas e inovadoras;
- Facilidade em perceber analogias.

O trabalho com o aluno deverá atender às seguintes dificuldades:

- Fraco envolvimento nas tarefas, lentidão e pouca persistência ao nível da escrita;
- Desmotivação nas tarefas rotineiras;
- Auto-confiança no lidar com os erros.

FACTORES AMBIENTAIS								
QUALIFICADORES:	Barreira ou Facilitador	0	1	2	3	4	8	9
<p>Os factores ambientais constituem o ambiente físico, social e atitudinal no qual as pessoas vivem e conduzem a sua vida. As diferentes categorias podem ser consideradas enquanto barreiras ou facilitadores. Assinale, para cada categoria, com (*) se a está a considerar como barreira ou com o sinal (+) se a está a considerar como facilitador. Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação, de acordo com os seguintes qualificadores:</p> <p>0-Nenhum facilitador/barreira 1-Facilitador/barreira ligeiro; 2-Facilitador/barreira moderado 3-Facilitador/barreira grave; 4-Facilitador/barreira completo; 8-Não especificada; 9-Não aplicável</p>								
CAPÍTULO 3 – APOIO E RELACIONAMENTOS								
e310	Família próxima	+						

4. OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES

Tendo em consideração o funcionamento cognitivo do aluno, nível de desempenho e domínio de competências académicas a equipa ponderou ao longo do processo de avaliação a transição excepcional de ano para o segundo ano de escolaridade, contando para isso com a colaboração de Professora [] do 2º ano.

Concluímos que de facto a criança apresenta um raciocínio excelente quer ao nível verbal quer não verbal, com uma elevada capacidade de pensamento abstracto fazendo com que rapidamente descubra o raciocínio inerente à realização de uma actividade. Contudo existe uma clara discrepância entre a concretização/ realização da tarefa, ou seja domínio das etapas do processo de aprendizagem versus uma excelente capacidade de entender o processo de aprendizagem. O aluno domina o processo mas não o conteúdo, precisamente por ser capaz de entender problemas teoricamente sem ter experienciado a sua concretização ou resolução. Assim pensamos que o enriquecimento curricular permite responder às características do aluno sem queimar etapas de aprendizagem que o aluno necessita de desenvolver. Do ponto de vista emocional o aluno está bem integrado no seu grupo turma, com quem já tinha relação no pré-escolar, não se considerando ajustado a



mudança de turma. Observamos grande perturbação emocional na situação experimental no segundo ano de escolaridade, pelo que por razões de ordem emocional a mudança de turma é prejudicial.

5. TOMADA DE DECISÃO – RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ESPECIALIZADA

b) Confirma-se a necessidade de integração no Regime de Educação Especial x

Fundamentação da decisão:

De acordo com o referencial CIF-CJ, adoptado pela lei vigente no âmbito do Regime Educativo Especial, o perfil actual de funcionalidade do(a) aluno(a) remete para a integração no Regime de Educação Especial, uma vez que o(a) aluno(a) revela alterações ao nível das funções e estruturas do corpo que comprometem o seu nível de actividade e desempenho, manifestando necessidades educativas especiais de carácter permanente e de natureza endógena. Consequentemente, o seu processo de ensino e aprendizagem deverá ser adaptado às suas necessidades específicas, designadamente ao nível da aplicação das respostas educativas que deverão ser devidamente operacionalizadas de acordo com o seu PEI.

O ALUNO USUFRUI DO REGIME EDUCATIVO ESPECIAL NOS TERMOS DA ALÍNEA G) DO DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL Nº 15-2006-A DE 7 DE ABRIL DE 2006 - NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS – ALUNO SOBREDOTADO.

PROPOSTA DE ENCAMINHAMENTO (respostas educativas do REE)

REGIME EDUCATIVO ESPECIAL		
e)	Adaptação da classe ou turma às características do aluno Especificar: Redução de turma pelas necessidades educativas específicas do aluno.	x
Outras que a escola considere adequadas: Enriquecimento Curricular: - Ampliação e enriquecimento dos conteúdos curriculares pelo estudo de questões, problemas e temas que pressuponham relações entre as ideias, conexões com outros assuntos, adopção de diferentes pontos de vista, e prática da Interdisciplinaridade. - Aprofundamento de temas (descobrir detalhes, informações novas e reconhecer perspectivas do que foi apreendido)		x



- Língua Portuguesa: 1º ano e alguns conteúdos a nível de segundo ano
- Matemática : a partir do segundo ano.

Estratégias no contexto educativo:

- A aprendizagem deve ser centrada no aluno. Ter em consideração os interesses e capacidades do aluno.

- Implementar actividades de enriquecimento em sala de aula, como, por exemplo, dramatizações, produção de histórias etc.

- Investigar os interesses, os estilos de aprendizagem e de expressão do João de forma a identificar seus interesses, pontos fortes e talentos.

- Analisar e modificar o currículo de forma a identificar e eliminar redundâncias e incrementar unidades que sejam desafiadoras para o aluno.

- Retirar ou reduzir do currículo conteúdos que o aluno já domina ou que pode ser adquirido em um ritmo compatível com as suas capacidades.

- Desenvolver actividades com diferentes produtos finais, de modo que as necessidades individuais possam ser atendidas.

- Permitir que o aluno comunique conhecimento ou experiências prévias.

- Usar várias estratégias de ensino (actividades em grupo, dramatização, brincadeiras etc.) de forma a assegurar o envolvimento do aluno em sala de aula.

- Envolver o aluno em actividades de solução de problemas que o leve a transferir os objectivos de aprendizagem a situações em que a criatividade e outras habilidades superiores de pensamento (por exemplo, análise, avaliação, síntese) sejam empregadas. x

- Estimular o aluno a encontrar respostas para suas próprias questões por meio de projectos individuais (ex.: registo de actividades e descobertas em álbuns, cartazes, filmagens, gravações, desenhos, colagens) e actividades de exploração.

- Envolver os pais no processo de aprendizagem do seu filho (tutoria e acompanhamento nos trabalhos de casa).

- Oferecer ao aluno informações que sejam importantes, interessantes, contextualizadas, significativas e conectadas entre si, levando em consideração os interesses e habilidades do João.

- Orientar o aluno a pesquisar informações adicionais sobre tópicos de seu interesse, sugerindo fontes de informações diversificadas (livros, indivíduos, revistas, internet etc).

- Estimular o aluno a avaliar o seu desempenho numa actividade ou tarefa.
- Assumir responsabilidades e participar na planificação de actividades.
- Estimular a participação activa, quer na organização de actividades, quer na planificação e avaliação do trabalho realizado.



- Minimizar ao máximo o uso de repetições de forma a evitar que o aluno se desinteresse e se desmotive.

(outras informações pertinentes)

6. DOCUMENTOS EM ANEXO

Sim Não

Se sim, quais: Relatório de avaliação psicológica

7. OBSERVAÇÕES

8. ASSINATURA DOS RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO TÉCNICO PEDAGÓGICO

Docente Titular / Director de Turma	<u>14/01/2011</u>	Ass: _____
Docente da Educação Especial	<u>14/01/2011</u>	Ass: _____
Psicólogo	<u>14/01/2011</u>	Ass: _____
Outros intervenientes:	<u> / /</u>	Ass: _____
	<u> / /</u>	Ass: _____
	<u> / /</u>	Ass: _____

9. ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Concordo com o encaminhamento proposto

Não concordo com o encaminhamento proposto

Proponho: _____

Assinatura: [Signature] [Signature] 14/1/11



REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO



9

10. HOMOLOGAÇÃO PELO CONSELHO EXECUTIVO

Assinatura:



21/01/2011

Anexo 5 - Documentação do Núcleo de Educação Especial, referente ao aluno sobredotado (Projeto Educativo Individual)



PROJECTO EDUCATIVO INDIVIDUAL

Ano Lectivo 2010/2011

1. IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Unidade Orgânica: Escola Básica Integrada Canto da Maia

Estabelecimento de Ensino: EB1/JI Santa Clara

2. CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

Identificação do Aluno

Nome			
Data de Nascimento	27/09/2004	Idade	6 anos
Morada		Telefone	
Nome do Pai		Idade	36 anos
Nome da Mãe		Idade	34 anos
Encarregado de Educação		Idade	
Grau de Parentesco	Pai e mãe		
Morada		Telefone	

Situação Escolar do Aluno

Estabelecimento de Ensino: EB1/JI de Santa Clara

Situação Escolar:

Pré-Escolar		Nº de anos de frequência	3
1º CEB	<input checked="" type="checkbox"/>	Ano	1º
		Nível	1/2
2º CEB	<input type="checkbox"/>	Ano	_____
		Turma	_____
3º CEB	<input type="checkbox"/>	Ano	_____
		Turma	_____
Ens. Secundário	<input type="checkbox"/>	Ano	_____
		Turma	_____

Outra modalidade de ensino: _____

Professor Titular / Director de Turma: _____



Percurso Escolar do Aluno

2007/2008- 2008/2009- Frequenta o ensino pré-escolar no Infantário de Ponta Delgada.
2009/2010- Frequenta o Ensino pré-escolar no Colégio de S. Francisco Xavier
2010/2011- O aluno é matriculado no primeiro ano de escolaridade da EB/JI StClara.

Outras informações pertinentes

É uma família muito presente, pois procura, participa e colabora activamente em todas as intervenções sempre que necessário.

3. PERFIL DE FUNCIONALIDADE DO(A) ALUNO(A) POR REFERÊNCIA À CIF-CJ¹

(funções e estruturas do corpo, actividade e participação, e factores ambientais)

SÍNTESE DESCRITIVA DAS FUNÇÕES DO CORPO/ACTIVIDADE E PARTICIPAÇÃO/FACTORES AMBIENTAIS

O PRESENTE PERFIL FOI **ADAPTADO** ÀS CARACTERÍSTICAS E DESEMPENHO DO ALUNO NOS TERMOS DA ALÍNEA G) DO DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL Nº 15-2006-A DE 7 DE ABRIL DE 2006 (SOBREDOTADO), TENDO SIDO PREENCHIDO POR COMPETÊNCIAS ACIMA/MÉDIA OU ABAIXO DO NÍVEL MÉDIO ESPERADO

FUNÇÕES DO CORPO

QUALIFICADORES:	N	A	D	-	-	-	-
Funções Psicológicas							
Parâmetro Normativo - N							
Acima da Média - A							
Em deficit - D							
CAPÍTULO 1 – FUNÇÕES MENTAIS							
(FUNÇÕES MENTAIS GLOBAIS)							
b110	Funções da consciência	X					
b114	Funções da orientação no espaço e no tempo	X					
b117	Funções intelectuais		X				
b122	Funções psicossociais globais	X					
(FUNÇÕES MENTAIS ESPECÍFICAS)							
b140	Funções da atenção	X					
b144	Funções da memória		X				
b147	Funções psicomotoras						
b152	Funções emocionais	X					
b156	Funções da percepção		X				

¹ Consultar a Classificação Internacional de Funcionalidade e Incapacidade e Saúde - Versão para Crianças e Jovens (Versão Experimental traduzida e adaptada, com base na CIF (2003) e ICF-CY (2007) Centro de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto).



b160	Funções do pensamento		X					
b164	Funções cognitivas de nível superior		X					
b167	Funções mentais da linguagem		X					
b172	Funções do cálculo		x					
b176	Funções mentais para a sequência de movimentos complexos							

ACTIVIDADE E PARTICIPAÇÃO

Competências em que a criança revela um desempenho significativamente acima da média comparativamente à sua faixa etária.

d132	Adquirir informação	X
d137	Adquirir conceitos	X
d155	Adquirir competências	X
d166	Ler	X
d172	Calcular	X
d175	Resolver problemas	X
d310	Comunicar e receber mensagens orais	X
d350	Conversação	X
d355	Discussão	X

FACTORES AMBIENTAIS

QUALIFICADORES:	Barreira ou Facilitador	0	1	2	3	4	8	9
<p>Os factores ambientais constituem o ambiente físico, social e atitudinal no qual as pessoas vivem e conduzem a sua vida.</p> <p><i>As diferentes categorias podem ser consideradas enquanto barreiras ou facilitadores. Assinale, para cada categoria, com (●) se a está a considerar como barreira ou com o sinal (+) se a está a considerar como facilitador. Assinale com uma cruz (X), à frente de cada categoria, o valor que considera mais adequado à situação, de acordo com os seguintes qualificadores:</i></p> <p>0-Nenhum facilitador/barreira 1-Facilitador/barreira ligeiro; 2-Facilitador/barreira moderado 3-Facilitador/barreira grave; 4-Facilitador/barreira completo; 8-Não especificada; 9-Não aplicável</p>								
CAPÍTULO 3 – APOIO E RELACIONAMENTOS								
e310	Família próxima	+						
NOTA: Deverão ser eliminados os itens não seleccionados.								

4. RESPOSTAS EDUCATIVAS / APOIO EDUCATIVO A APLICAR

(c.f. Regulamento de Gestão Administrativa e Pedagógica de Alunos)

4.1 Adopção de Projecto Curricular Adaptado



- Turma com Projecto Curricular Adaptado
- Currículo Individual Adaptado
- Adequações Curriculares:
 - Redução parcial do currículo
 - Dispensa das actividades que se revelem de difícil execução em função da incapacidade:

4.2 Integração numa unidade especializada com currículo adaptado (UNECA)

- Ocupacional
- Sócio-Educativa
- Transição para a Vida Activa
- Educação de Surdos
- Educação de crianças e jovens com distúrbios comportamentais do espectro do autismo

4.3 Programas Específicos do REE

- Ocupacional
- Sócio -Educativo
- Despiste e Orientação Vocacional
- Pré-Profissionalização

4.4 Plano Individual de Transição

- Sim (anexar PIT) Não

4.5 Condições Especiais de Matrícula

- Dispensa dos limites etários
- Adiamento de matrícula



- Antecipação de matrícula
- Matrícula por disciplinas (aplicável apenas aos 2º e 3º ciclos)

(discriminar ano de escolaridade e disciplinas)

4.6 Adaptações materiais e de equipamentos especiais de compensação (indicar quais os materiais)

- Para problemas visuais: _____
- Para problemas auditivos: _____
- Para problemas motores: _____
- Outro. Qual? _____
- Dispositivos de compensação:
 - Auxiliares ópticos: _____
 - Auxiliares auditivos: _____
 - Equipamento informático: — _____
- Cadeira de rodas: _____
- Próteses: _____
- Outro. Qual? _____

4.7 Adaptação da classe ou turma

- Redução de turma
- Outro. Qual? _____

4.8 Apoio sócio-educativo específico

- Apoio individualizado prestado por docente do núcleo de educação especial
 - Apoio educativo – Indicar áreas/disciplinas: _____
 - Apoio familiar (bolsa ocupacional)
- Outros Apoios:
- Língua Gestual
 - Hidroterapia
 - Hipoterapia
 - Fisioterapia
 - Terapia da Fala



- Desporto Adaptado
- Terapia Ocupacional
- Psicoterapia
- Arteterapia (musicoterapia; dramoterapia, ...)

Identifique qual ou quais: _____

- Apoio Psicológico
- Apoio Social

Enriquecimento Curricular:

- Ampliação e enriquecimento dos conteúdos curriculares pelo estudo de questões, problemas e temas que pressuponham relações entre as idelas, conexões com outros assuntos, adopção de diferentes pontos de vista, e prática da interdisciplinaridade.

- Outras, identifique qual ou quais:

- Aprofundamento de temas (descobrir detalhes, informações novas e reconhecer perspectivas do que foi apreendido)

- Língua Portuguesa: 1º ano e alguns conteúdos a nível de segundo ano
- Matemática : a partir do segundo ano.

4.9 Currículo específico individual

- Sim (anexar currículo) Não

4.10 Condições especiais de avaliação

- Tipo de prova ou instrumento de avaliação: _____
- Forma ou meio de expressão do aluno: _____
- Periodicidade: _____
- Duração: _____
- Local de execução: _____

5. RESPONSÁVEIS PELAS RESPOSTAS EDUCATIVAS / APOIO EDUCATIVO

Tipo de Apoios	Identificação dos Intervenientes	Funções Desempenhadas (Indicar função de cada profissional)		Horário
		Apoio Directo	Consultadoria Aconselhamento	
Acompanhamento do PEI		-----	x	Sempre que necessário
Apoio Psicológico		-----	x	Sempre que seja necessário



6. IMPLEMENTAÇÃO E AVALIAÇÃO DO PEI

6.1 Sistema de Avaliação

A avaliação será contínua e formativa, como forma de se aferir os métodos e estratégias de ensino-aprendizagem usados por todos os agentes de ensino.

6.2 Indicadores a Utilizar na Avaliação

Nível de actividade e participação do aluno

6.3 Instrumentos de Avaliação

Os instrumentos de avaliação, a utilizar no processo avaliativo do aluno serão: fichas de avaliação formativa e sumativa, grelhas de observação e trabalhos realizados.

6.4 Momentos de Avaliação

A avaliação, embora sendo contínua, terá momentos intermédios e trimestrais, efectuado em cada período. No final de cada ano lectivo será redigido um relatório circunstanciado conforme refere o Artigo 23º, ponto 4, do DLR nº15/2006, de 7 de Abril. Compete à equipa que procedeu a avaliação especializada acompanhar o PEI do aluno, em colaboração com a docente titular.

7. ASSINATURA DOS RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO PEI

Docente Titular / Director de Turma	14/01/2011	Ass:	[Redacted]
Docente da Educação Especial	14/01/2011	Ass:	[Redacted]
Psicólogo	14/01/2011	Ass:	[Redacted]
Outros intervenientes:			
_____	/ /	Ass:	_____
_____	/ /	Ass:	_____
_____	/ /	Ass:	_____

8. COORDENAÇÃO DO PEI

Nome:	Elisabeth Câmara Pavão	Cargo:	Docente titular
Assinatura:	[Redacted]		14/01/2011



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

1
C. Silva

Relatório de Avaliação Psicológica

1- Identificação

Nome:

Data de Nascimento: 27 /9/2004

Núcleo Escolar: EB/JI STª Clara

Docente Titular:

Docente do NEE responsável pela Avaliação:

2- Instrumentos de Avaliação:

- ψ Anamnese ;
- ψ Escalas de Achenbach: Entrevista Clínica Semi – estruturada para Crianças e Adolescentes (SCICA);
- ψ WPPSI-R Escala de Inteligência de Wechsler para a idade pré-escolar e primária ;
- ψ Reversal Test - Teste de Aptidão Perceptiva;
- ψ Teste de Linguagem Técnica da Leitura e Escrita ;
- ψ Bapae - Bateria de Aptidões para a Aprendizagem Escolar e Provas –ECNI;
- ψ Outras fontes de informação: relatórios e registos de aprendizagens do ensino pré-escolar; trabalhos produzidos na escola aos 3, 4 e 5 anos; desenhos livres da crianças e outros projectos produzidos na sua infância.
- ψ Observação no contexto de sala de aula: 1º ano e situação experimental no 2º ano.
- ψ Observação Comportamental.



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



2
Luis

3- Diagnóstico

Os resultados da avaliação psicológica permitem concluir que o aluno apresenta características cognitivas e comportamentais que se enquadram num quadro de Sobredotação Intelectual, tipo intelectual¹, que se caracteriza essencialmente por uma aptidão específica intelectual superior à média esperada para a sua idade. No

¹ A ANEIS (Associação Nacional para o Estudo e Intervenção na Sobredotação) integra os seguintes domínios no conceito de sobredotação:

- **Aptidão Intelectual** – inclui capacidades de percepção e memória, de organização e relacionamento da informação, de análise e de síntese, de raciocínio e de resolução de problemas
- **Aptidão Académica** – reporta-se à facilidade nas aprendizagens, mormente curriculares, nível aprofundado de conhecimentos ou ritmo acelerado de apropriação das matérias escolares num ou mais domínios curriculares.
- **Aptidão Artística** – traduz as habilidades superiores numa ou várias áreas de expressão, tais como a pintura, escultura, desenho, música, literatura ou teatro, por exemplo.
- **Aptidão Social** – refere-se às habilidades de comunicação e de relacionamento interpessoal, compreensão dos sentimentos dos outros (ajuda) ou organização e liderança de situações de grupo (liderança).
- **Aptidão Motora** – inclui a excelência a nível de coordenação e expressão motoras, nomeadamente ao nível das actividades físicas e desportivas em geral.
- **Aptidão Mecânica** – reporta-se às habilidades de compreensão e resolução de problemas técnico-práticos, envolvendo geralmente manuseio de esquemas, de conceitos e de equipamentos de índole mecânica, electrónica ou computacional.

Acrescentam os autores que a sobredotação decorre da confluência de uma aptidão acima da média e de níveis superiores de criatividade e de motivação numa ou em várias das áreas antes mencionadas. Por criatividade entende-se as habilidades de fluência e flexibilidade de ideias e soluções, bem como a originalidade das produções. Por motivação entende-se o envolvimento, entusiasmo e persistência nas tarefas, o interesse intrínseco pela aprendizagem e a realização em determinada área ou áreas.



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



3
(Carvalh)

caso deste aluno, está também presente um quociente de inteligência global dentro dos níveis muito superiores para a sua faixa etária.

Deste modo observamos que a criança apresenta um conjunto de características cognitivas medidas e observadas em exame psicológico que se associam a outras características ao nível emocional, motivacional e de desempenho que são reflexo do seu funcionamento cognitivo e tipicamente observadas em crianças sobredotadas, designadamente:

- a) Potencial Cognitivo: Quociente de inteligência muito superior à média esperada da sua idade (Q.I. superior à média em dois desvios de padrão);
- b) Pensamento Criativo: Pensamento independente e original; possui sentido de humor, cria e inventa; motivado para as tarefas criativas; improvisa frequentemente;
- c) Liderança : Elevada exigência em relação a si próprio; gosto pela estrutura;
- d) Capacidades Académicas específicas : Boa capacidade de memorização, alto nível de compreensão; facilidade em adquirir rapidamente conhecimentos básicos; conhecimento aprofundado em áreas de interesses específicas;
- e) Características no plano das aprendizagens : vocabulário avançado para a idade e nível escolar; hábitos de leitura independente com preferência para livros normalmente não associados à sua idade; domínio rápido de informação e facilidade de evocação de factos; fácil compreensão de princípios subjacentes



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808.



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

4

(assinatura)

aos conteúdos; capacidade para generalizar conhecimentos, ideias e soluções; resultados e conhecimentos excepcionais numa ou mais áreas de actividade e conhecimento; entusiasmo e rigor elevado para as suas áreas de interesse;

- f) **Capacidade Intelectual geral:** formula abstrações; processa informação em sentidos complexos; observador; facilmente estimulado por novas ideias; gosto de formular hipóteses; rapidez na assimilação das aprendizagens; utilização de vocabulário rico e diversificado; tendência a questionar situações.
- g) **Características Motivacionais:** Busca de perfeição; aborrecimento face a tarefas de rotina; persistência na realização e finalização de tarefas em que revela interesse;
- h) **Características ao nível da criatividade:** curiosidade perante um grande número de coisas; originalidade na resolução de problemas e no relacionamento de ideias; pouco interesse pelas situações de conformismo;
- i) **Características ao nível do desenvolvimento social e moral :** Juízo crítico face às suas capacidades e dos outros; interesse marcado para se relacionar com pessoas mais velhas, sensibilidade ética e estética;
- j) **Tipo de sobredotação:** Apresenta um tipo intelectual que se caracteriza pela flexibilidade; fluência de pensamento; capacidade de pensamento abstracto para fazer associação; produção ideativa ; rapidez de pensamento; elevada



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2.º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

5

(Carvalho)

compreensão e memória, capacidade de resolver e lidar com problemas. Apresenta também algumas características do tipo académico, contudo observamos que a criança desenvolveu precocemente competências de leitura e escrita pelo alto funcionamento ao nível cognitivo, ou seja rapidamente produziu associações e correspondência fonémica aos grafemas pelo que passou a dominar a competência ao nível dos processos subjacentes, precisamente pela rapidez do raciocínio. Ao nível do cálculo mental, verifica-se a mesma situação ao nível da compreensão.

O Diagnóstico de sobredotação é corroborado também pela descrição e caracterização actual do seu docente titular de turma, bem como, pela análise da sua história pessoal verificando-se desde muito cedo na sua infância indicadores da sua sobredotação tais como linguagem precoce, interesses e curiosidade manifestada, (exemplo - aos 3 anos representação da figura humana completa com mais de 10 elementos distintos; aos 4 anos desenhos com expressão emocional; desenhos do sistema solar; representação do mundo, ciclo da água e ilustração de histórias aos 4/5 anos).

Na sua anamnese observamos também relatos dos pais das tentativas da criança em aprender à sua maneira, uma grande curiosidade sobre um grande número de coisas à sua volta e a resistência que tinha em aprender as coisas de forma básica e fácil, tentando sempre resolver as coisas por outro caminho ou de outra maneira mais interessante, o que traduzia de facto um funcionamento cognitivo particular. Da análise e retrospectiva da sua história pessoal conseguimos encontrar outros



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



indicadores como um raciocínio lógico precoce, início precoce da leitura aos 3/4 anos; interesses pouco comuns para a idade e boa capacidade de memorização.

4- Considerações acerca do diagnóstico :

As crianças sobredotadas são consideradas frequentemente como população de risco educacional, precisamente pela atenção especial e sensibilidade que exigem do contexto educativo..

Para saber intervir e proporcionar um ensino adequado a estas crianças implica obviamente uma correcta informação sobre este tipo de diagnóstico mal conhecido e enviesado muitas vezes em mitos perfeitamente desadequados, pelo que a situação merece algumas considerações diagnósticas cruciais a ter em conta no contexto escolar deste aluno.

- a) O aluno de facto apresenta uma capacidade intelectual global superior à média; contudo este não constitui o factor exclusivo para se considerar que um aluno é Sobredotado;
- b) O conceito de Sobredotação foi polemicamente e controversamente sofrendo alterações conceptuais, considerando-se também actualmente como Sobredotada uma criança que manifeste aptidão superior numa área específica (Linguística; Lógico - matemática; Cinestésica; Musical; Espacial; Interpessoal);





SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

7
Cantos

- c) Significa assim que o aluno poderia possuir um quociente global de inteligência dentro dos níveis médios esperados para a sua idade e ser considerada Sobredotada pelas características pessoais que apresenta, tipo de Sobredotação e aptidão superior na área intelectual. No caso do João está presente também um Quociente Global de Inteligência muito superior à média esperada para a sua idade;
- d) Em termos de capacidade intelectual importa salientar que normalmente o que distingue a criança "Inteligente" da "Sobredotada", reside na facilidade que os sobredotados obtêm em êxitos superiores em determinadas matérias (exemplo ciências) e a facilidade na aquisição de competências ou conhecimentos específicos; verificando-se que a criança Sobredotada:
- Dedicar uma invulgar quantidade de tempo e energia para a resolução de problemas ou áreas do seu interesse, normalmente atípicas para a sua faixa etária (exemplo - ciências, história, leitura, etc); maior concentração e interesse nos processos (como ocorrem as coisas), do que nos seus conteúdos (de carácter imediato e com explicações fáceis)
- e) As crianças Sobredotadas apresentam níveis superiores de criatividade, manifestados na frequência e natureza das perguntas e associações que produzem, o que também está presente no aluno. Esta característica origina frequentemente dificuldades aos adultos que ficam surpresos ou desconcertados, criando a necessidade de intervir nas relações



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2.º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



Handwritten signature

interpessoais da criança e em particular no contexto de sala de aula. Consequentemente a intervenção passa não só pela explicação do que o aluno “têm” como igualmente no “como lidar e agir”.

f) Ser Sobredotado NÃO É sinónimo linear e implícito de sucesso escolar ou sucesso em todas as áreas. Ser Sobredotado significa que a criança pelas suas características e capacidades têm uma visão diferente do mundo esperada para a sua idade, o que requer atender ao seu ajustamento emocional e psicossocial na relação que estabelece com os outros seus semelhantes e na própria definição do seu “eu”. Isto significa que o João deve ser encarado com uma criança com toda a legitimidade de ser criança, procurando-se normalizar todas as suas áreas de vida, reconhecendo a diferença para poder oferecer a efectiva igualdade e inclusão escolar.

g) Existem alguns mitos e erros típicos associados ao conceito de Sobredotação, que devem aqui ser alertados de modo a desmistificar a situação, procurando normalizar ao máximo e que tem impacto e regulam a orientação psicopedagógica no contexto escolar e em todo o percurso escolar do aluno. Parece-nos assim pertinente referir que a aceitação de “uma pedagogia da Sobredotação” implica ter em conta que:





SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

9

- Os alunos Sobredotados não apresentam necessariamente sucesso escolar, podendo interferir factores emocionais e motivacionais;
- As crianças Sobredotadas possuem maturidade mas " não crescem e desenrascam-se sozinhas". Necessitam de suporte e acompanhamento tal como as outras crianças ao longo de todo o seu desenvolvimento;
- A criança Sobredotada deve ser integrada no Ensino Regular, contudo pelas características que apresentam ,o professor deverá usufruir de todas as condições promotoras para agir e responder às necessidades educativas do aluno;
- Mito: "Os alunos têm sempre bons resultados". No entanto, porque têm uma forma tão original de analisar as questões que lhes são colocadas e de lhes darem resposta, que os leva a responder de uma forma considerada desajustada ao contexto, muitas vezes, os resultados ficam aquém das expectativas.
- Mito: "São excepcionais em tudo e rápidos na execução de qualquer tarefa". Não são forçosamente bons em todas as áreas; evidenciam dificuldades nalgumas e até demonstram uma certa lentidão na execução de determinadas tarefas, embora se possam interessar por muitos assuntos.
- Mito: "Têm sucesso sozinhos, independentemente de factores ambientais". Possuem potencialidades, mas que podem não ser desenvolvidas e até podem manifestá-las devido, na maior parte dos



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

casos, às condições ambientais. Muitos deles abandonam a escola por aí não encontrarem resposta às suas necessidades.

- Mito: "Trabalhar de maneira diferente com os sobredotados é criar uma elite". Dar o mesmo tipo de educação a todas as crianças, as idiosincrasias de cada uma e a diferenciação pedagógica, não assegura os direitos à diferença, não respeita os projectos individuais de existência (Serra, 2004).

h) As crianças com características de sobredotação apresentam maior probabilidade de revelarem um padrão de desenvolvimento problemático ou indesejado, pelo que é necessário que saibamos codificar os sintomas de insatisfação e mal-estar para agirmos em consonância. Estes sintomas podem ser caracterizados da seguinte forma:

- 1) O "Efeito Evereste" (Revol, Louis e Fourneret, 2004), definido como a preferência por aquilo que é complicado e menor investimento nas tarefas mais fáceis, nos quais o comportamento é pautado por faltas de atenção recorrentes.
- 2) Um comportamento de aborrecimento por parte do aluno face à explicação do professor de uma matéria que ele já apreendeu. Esta situação poderá provocar duas manifestações comportamentais distintas: i) alheamento não perturbador associado a um afastamento gradual da escola e de tudo o que nela acontece, ou ii) indisciplina, que poderá ser interpretada pelo professor como "apetência pelo saber" ou "provocação".



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2.º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



11
Canto 8

- 3) O "Efeito Pigmaleão Negativo" (Terrassier, 1994), diz respeito a um erro de apreciação em relação às reais capacidades da criança. Este erro de apreciação pode conduzir a criança, numa tentativa de responder às expectativas criadas pelos adultos, a ajustar, inconscientemente, o seu comportamento e desempenho escolar em conformidade com a norma. Assim, podemos, paulatinamente, assistir na criança um comportamento inibitório relativamente às suas capacidades de excelência.

5- ORIENTAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS:

A intervenção no contexto educativo com o aluno deverá essencialmente procurar promover o equilíbrio entre o reconhecimento e satisfação cognitiva do potencial da criança e a normalização das tarefas de aprendizagem. De facto sentimos que o João é uma criança com um raciocínio lógico excepcional fazendo com que mentalmente possa produzir raciocínios paralelos ou independentes do contexto de aprendizagem. Consequentemente é crucial saber canalizar as suas potencialidades para actividades de reforço positivo à adesão às aprendizagens. O ensino pela descoberta e os métodos activos funcionam claramente, contudo é necessário também promover a aceitação por parte do aluno de tarefas mais rotineiras que possam causar desmotivação. Propõe-se assim que se reconheça a diferença para oferecer a igualdade, sem no entanto promover-se a diferença. Tendo em conta a situação descrita sugere-se as seguintes estratégias educativas que poderão actuar como factores de protecção do aluno:



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2.º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

- 1) Estar ciente do papel do Educador como facilitador e orientador de toda a aprendizagem da criança sobredotada;
- 2) Promover um Programa de Promoção de Enriquecimento Curricular, ajustando os conteúdos ao perfil de aprendizagem do aluno;
- 3) O Diagnóstico do aluno constitui imperativo psicopedagógico suficiente para se proceder às alterações consideradas como pertinentes e adequadas na constituição de turmas que o aluno irá frequentar ao abrigo DA ALÍNEA G) DO DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL Nº 15-2006-A DE 7 DE ABRIL DE 2006, designadamente: Turma reduzida. A turma que o aluno integre deve ter o número mais reduzido possível de alunos, nunca não mais de vinte e não deverá ter outros tipos de necessidades educativas que dificultem a necessária atenção que este aluno requer;
- 4) Enquadrar os conteúdos académicos às necessidades do aluno, seleccionando experiências significativas de aprendizagem e ajustando métodos e estratégias. Assim, caso seja necessário, é importante propor ao aluno actividades de enriquecimento curricular e utilizar espaços e equipamentos pedagógicos complementares para manter o envolvimento no contexto escolar.
- 5) Integrar o aluno em clubes de conhecimento por grupos de interesse ou proporcionar-lhe visitas a locais de interesses específicos, como a área das Ciências ou a Biblioteca.



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

- 6) Facultar toda a informação possível sobre assuntos do seu interesse, instigando a uma procura constante de informação como reforço positivo.
- 7) Estimular o espírito observador, exercitando-o através de livros, imagens, visitas ao exterior, situações do dia-a-dia, filmes, etc.

Paralelamente a estas recomendações mais de âmbito educacional, consideramos benéfico a articulação da intervenção com o suporte do Serviço de Psicologia e Orientação na promoção cognitiva, ajustamento psicológico e optimização do seu potencial.

Ponta Delgada, 10 de Dezembro de 2010

A Psicóloga



Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2.º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIRECÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

Recursos temáticos úteis:

Sites de Internet: <http://www.aneis.org>.

WINNER, E. (1999). *Crianças Sobredotadas – Mitos e Realidades*. Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget.

VILAS BOAS, C.; PEIXOTO, L. M. (2003). *As Crianças Sobredotadas: conceito, características, intervenção educativa*. Braga: Edições APPACDM de Braga.

SERRA, H. (2004). *O Aluno Sobredotado – compreender para apoiar – um guia para Educadores*. V. N. Gaia: Edições Gaialiveiro.

FALCÃO, I. J. C. (1992). *Crianças sobredotadas – Que sucesso escolar? 1ª Edição*. Coleção em Foco. Porto: Edições Asa.

ALMEIDA, L. S., OLIVEIRA, E., MELO, A.S. (2000). *Alunos Sobredotados: contributos para a sua identificação e apoio*. Braga: ANEIS.

ARMSTRONG, T. (2001). *As Inteligências Múltiplas na Sala de Aula*. 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed.

Ao dispor,


[Redacted box]

Serviço de Psicologia e Orientação

Serviço de Psicologia e Orientação - Gabinete de Apoio ao Ensino Pré-Escolar e 1.º Ciclo
Rua de Lisboa n.º 50 B - Edifício Neto de Carvalho (2º Piso) email: spo.cantodamaia@sapo.pt
Horário Atendimento: 8h30m-12h30m/13h30m-16h30m Tel. 296205370- 71/72/ Telemóvel- 925788808

Anexo 7 - Registo de Avaliação final 2º ano do aluno sobredotado

		REGISTO DE AVALIAÇÃO		1º Ciclo		
EB1/JI de Santa Clara		2º Ano		Ano Letivo 2011/12		
Aluno(a) []		Nível 2/3		3º Período		
		Síntese Descritiva		Menção		
		ND	S	SMB	G	
Português	Compreensão do Oral	Sabe escutar para reproduzir pequenas mensagens e para cumprir ordens e pedidos.			X	SMB
		Presta atenção a pequenos discursos relatando o essencial da mensagem.			X	
		Compreende o essencial de histórias contadas, de poemas e de textos da tradição oral.			X	
	Expressão Oral	Fala de forma clara e audível.			X	
		Espera a sua vez, sabe pedir a palavra.		X	X	
		Formula pedidos e perguntas tendo em conta a situação e o interlocutor.			X	
	Leitura	Narra situações vividas e imaginadas.			X	
		Lê com clareza textos variados com extensão e vocabulário adequados.			X	
	Escrita	Compreende o essencial de textos lidos.			X	
		Escreve textos/frases com respeito pelo tema, pelas regras básicas de ortografia e pontuação.			X	
	Conhecimento Explícito da Língua	Identifica e aplica tipos de frases nominais, oracionais e imperativas			X	
		Identifica e aplica nomes, adjetivos e verbos.			X	
Mobiliza o conhecimento adquirido na produção de textos orais e escritos.				X		
Matemática	Números e Operações	Domina a leitura e a escrita de números inteiros.			X	
		Relaciona números inteiros.			X	
		Com põe e decompõe números em adições e subtrações.			X	
		Representa números de acordo com as indicações dadas.			X	
		Estabelece relações de grandeza entre números, utilizando a simbologia maior, menor e igual.			X	
		Domina as diferentes operações.			X	
		Domina o cálculo mental.			X	
	Geometria e Medida	Reconhece linhas e suas relações.			X	
		Conhece as características das figuras geométricas.			X	
		Constrói figuras geométricas.		X		
Organização e Tratamento de Dados	Identifica características de sólidos geométricos.					
	Conhece e relaciona as diferentes unidades de medida.			X		
Competências Transversais	Lê e interpreta informação apresentada em tabelas e gráficos.			X		
	Constrói tabelas e gráficos.			X		
	Identifica a informação relevante e necessária para a resolução de problemas.			X		
Estudo do Meio	Conhece a sua identidade (pessoal e social).	Utiliza diversas estratégias de resolução de problemas.			X	
		Explicita raciocínios utilizando uma linguagem matemática.			X	
	Conhece o corpo e normas de saúde.	Conhece a sua identidade (pessoal e social).				
		Conhece o corpo e normas de saúde.			X	
		Conhece as normas de segurança.			X	
		Conhece os princípios elementares do meio social.				
		Compreende os elementos básicos do meio físico.			X	
		Conhece aspetos do meio natural (seres vivos).			X	
	Realiza, observa e interpreta experiências simples.	Realiza, observa e interpreta experiências simples.		X		
		Utiliza vocabulário específico.			X	
Expressão Física e Motora	Participa nas atividades de forma ativa e interessada.			X		
	Revela comportamentos adequados, compreendendo e aplica regras.			X		
	Coopera com os colegas e com o professor.	X				
Expressão Dramática	Executa ações motoras de acordo com as componentes críticas e indicações do professor.	X				
	Improvisa e dramatiza histórias e situações do quotidiano.			X		
	Compreende jogos de comunicação verbal e não verbal.			X		
Expressão Musical	Explora progressivamente a expressividade do corpo, da voz e do espaço.			X		
	Participa e coopera nas atividades.			X		
	Conhece sons, ritmos, melodias e gestos.			X		
Expressão Plástica	Reproduz canções, lengalengas e rimas.			X		
	Conhece e utiliza instrumentos musicais.			X		
	Desenvolve progressivamente a expressividade do corpo e da voz.			X		
Expressão Plástica	Compreende formas, cor e técnicas.			X		
	Conhece formas diversas de expressão.			X		
	Utiliza técnicas simples de pintura, recorte, colagem, moldagem e dobragem.			X		
	Produz trabalhos diversos.			X		
Expressão Plástica	Utiliza e manipula diferentes materiais.			X		
				X		

NS – Não satisfaz; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem; SMB – Satisfaz Muito Bem; G - Global

Síntese Descritiva		Menção				
		NS	S	SB	SMB	G
Cidadania	Comunica assertivamente.			X		SMB
	Revela aptidão para resolver problemas.				X	
	Demonstra capacidade de avaliar eticamente as ações individuais e coletivas.				X	
	Concebe e operacionaliza projetos.	-	-	-	-	
Atitudes	Participação e Cooperação				X	SB
	Sociabilidade			X		
	Responsabilidade			X		
	Autonomia				X	
Educação Moral e Religiosa (a)	A Aguardar esclarecimento da Direção Regional de Educação e Formação					

NS – Não satisfaz; S – Satisfaz; SB – Satisfaz Bem; SMB – Satisfaz Muito Bem; G – Global

Assiduidade			Pontualidade	
Presenças	Faltas Justificadas	Faltas Injustificadas	Regular	Irregular
38	2	0	X	-

Apreciação Global:

O [] é um aluno dotado de grandes potencialidades e aptidões, revelando bastante autonomia, capacidade de comunicação e um excelente raciocínio lógico.

Ao longo do Ano Letivo, foram notórios os progressos realizados pelo aluno, quer ao nível da postura na sala de aula (atenção/concentração), quer ao nível do tempo consumido na concretização das tarefas propostas, o que se traduziu num aproveitamento global bastante satisfatório nas diversas Áreas.

Conselho importante: O [] deve treinar a sua caligrafia e organizar melhor os seus cadernos e demais materiais.

Observação: No decurso deste Ano Letivo, foram abordados conteúdos programáticos dos níveis 2 e 3, sobretudo nas Áreas de Português e Matemática.

Medidas adotadas e/ou a adotar de prevenção do insucesso escolar:

O aluno foi submetido a uma avaliação especializada, no ano letivo transato.

De acordo com o referencial CIF-CJ, o mesmo revela alterações ao nível das funções e estruturas do corpo que comprometem o seu nível de desempenho, manifestando necessidades educativas especiais de carácter permanente e de natureza endógena (aluno sobredotado – tipo intelectual).

No próximo Ano Letivo (2012/2013), o aluno irá desenvolver competências dos níveis 3 e 4 nas Áreas de Português e Matemática. Continuará, igualmente, a beneficiar das medidas preconizadas no seu PEI.

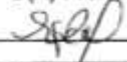
Observações:

AVALIAÇÃO FINAL DE ANO/CICLO

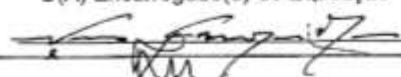
Transitou Não Transitou Prossegue estudos ao abrigo do Artº 32º,
da Portaria nº 60/2012, de 29 de maio

Aprovado (b) Não Aprovado (b)

Data: 22/06/2012
O(A) Professor(A)



Data: 29/06/2012
O(A) Encarregado(a) de Educação



a) Área curricular disciplinar de frequência facultativa.

b) Aplica-se o Art.º 14, da Portaria n.º 29/2012, de 6 de março, no final do respetivo ciclo.



SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
DIREÇÃO REGIONAL DA EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO
ESCOLA BÁSICA INTEGRADA CANTO DA MAIA
PONTA DELGADA

Registo de Avaliação - Inglês

Escola: EB1/JI de Santa Clara

Aluno: _____

1º Ciclo

2º Ano

Ano Letivo

2011/2012

3º Período

Área Curricular Disciplinar de Língua Estrangeira

	Sempre	Quase Sempre	Algumas vezes	Raramente	Nunca
Compreende o que ouve	X				
Produz textos orais	X				
Revela entusiasmo pelas atividades	X				
Cumpre as regras estabelecidas		X			

MENÇÃO FINAL	Não Satisfaz <input type="checkbox"/>	Satisfaz <input type="checkbox"/>	Satisfaz Bem <input type="checkbox"/>	Satisfaz Muito Bem <input checked="" type="checkbox"/>
--------------	---------------------------------------	-----------------------------------	---------------------------------------	--------------------------------------------------------

Observações:

22/06/2012

O/A Professor(a)

S.S.

Data 29 / VI / 2012

O Encarregado de Educação

[Signature]

A Avaliação na área curricular disciplinar de Língua Estrangeira não releva para efeitos de progressão ou retenção (Portaria n° 71/2008 de 18 de agosto de 2008).

INQUÉRITO POR QUESTIONARIO

O presente inquérito está inserido no âmbito de um trabalho de investigação, para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da educação, Especialização em Educação Especial pela Universidade Fernando Pessoa.

O objetivo desta investigação é revelar a opinião que os docentes do 1º ciclo de escolaridade têm sobre o tema: a sobredotação. O principal objetivo deste inquérito é a recolha de dados para a elaboração da componente experimental de uma fase de Mestrado. Pretende-se que seja observável o nível de conhecimento que os professores das classes regulares possuem acerca da sobredotação e se os professores consideram alunos sobredotados como sendo alunos com Necessidades Educativas Especiais.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos serão tratados globalmente e destinam-se a fins científicos.

A sua colaboração é imprescindível para o êxito desta investigação.

Desde já agradeço a sua atenção e colaboração.

Em cada questão assinale com um a alínea que diz respeito à sua resposta.

1. Género

- a) Feminino
- b) Masculino

2. Idade

___ anos.

3. Formação

- a) Bacharel
- b) Licenciatura
- c) Pós-Graduação
- d) Mestrado

4. Tempo de Serviço

- a) De 0 a 5 anos
- b) De 6 a 10 anos
- c) De 11 a 20 anos
- d) + de 20 anos

5. Situação profissional em que se encontra.

- a) Professor do Quadro de Escola
- b) Professor do Quadro de Zona Pedagógica
- c) Professor Contratado

Nas questões que se seguem, assinale com um a opção que diz respeito à sua resposta.

6. Na sua turma tem alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais)?

Sim Não

7. Se respondeu “sim” na questão 6, quantos alunos tem com NEE?

1 2 3 4 5 >5

8. Se respondeu “sim” na questão 6, destes, quantos pensa que são sobredotados?

0 1 2

9. Qual o nível em que se encontra informado para reconhecer uma criança sobredotada?

Nível	
0 – Nenhuma informação	
1 – Pouca informação	
2 – Suficiente informação	
3 – Muita informação	

10. Conhece algum caso de criança sobredotada?

Sim Não

11. Se respondeu sim, assinale que tipo de características a criança sobredotada revela (pode assinalar mais do que uma, mas apenas as que se aplicarem ao aluno em causa)?

Vertentes Educativas e Comportamentais	
Estilo de Aprendizagem	
a) Capacidade elevada	
b) Rapidez na aprendizagem	
c) Preferência por temas complexos	
d) Avidez de saber	
e) Conhecimentos profundos em domínios específicos	

f) Interesses múltiplos	
12– Vertentes Educativas e Comportamentais Níveis de Motivação Intrínseca	
a) Maturidade no julgamento	
b) Tendência em iniciar as suas próprias atividades	
c) Busca de perfeição	
d) Persistência na realização e na finalização das tarefas	
13– Vertentes Educativas e Comportamentais Expressão Criativa (em qualquer domínio)	
a) Ideias inesperadas/originais	
b) Preferência para lidar com abstrações	
c) Apreciação de qualidades estéticas	
d) Tendência para respostas imaginativas e emocionais	
14– Vertentes Educativas e Comportamentais Interação com os Pares	
a) Comportamento cooperativo	
b) Sensibilidade interpessoal	
c) Sociabilidade	
d) Habilidade de trato com pessoas e grupos	

15. A sua formação é adequada para ensinar alunos sobredotados?

Nível	
0 – Nada adequada	
1 – Pouca adequada	
2 – Suficientemente adequada	
3 – Muita adequada	

16. Como considera a abordagem específica à temática “crianças sobredotadas” na formação básica dos docentes?

Nível	
0 – Desnecessária	
1 – Necessária	
2 – Fundamental	
3 – Imprescindível	

17. Qual o tipo de formação que considera mais adequada para a temática para a temática “crianças sobredotadas” na formação de professores?

- Disciplina integrada na licenciatura
- Um curso de especialização ou pós-graduação
- Ambas

18. O seu currículo de formação inclui uma abordagem a esta temática?

Sim Não

19. Considera que se justifica a existência de cursos de pós-graduação ou especialização na temática “crianças sobredotadas”?

Sim Não

20. Qual o nível de importância que atribui à abordagem de cada uma das seguintes matérias nos currículos de formação de docentes?

Definição dos níveis:

0 – Nada importante 1 – Pouco importante 2- Importante 3- Muito importante

	Nível			
	0	1	2	3
a) Identificação do sobredotado				
b) Legislação ligada à sobredotação				
c) Adaptações curriculares				
d) Estratégias a adotar no seu comportamento				
e) Todos os domínios a), b), c), d).				

21. Qual o seu grau de conhecimento relativamente à atual legislação que obriga à diferenciação pedagógica no caso de crianças com capacidades excecionais?

Nível	
0 – Inexistente	
1 – Pouco	
2 – Suficiente	
3 – Muito	

22. Parece-lhe correto englobar o ensino a crianças sobredotadas na Educação Especial, em termos de legislação e tratamento?

Sim Não

23. Acha que as crianças sobredotadas deverão estar integradas:

Opções	
0 – No ensino regular integrado na turma	
1 – No ensino regular em classes especiais	
2 – Em escolas especiais	

24. Responder a esta questão, apenas se assinalou a primeira opção na questão anterior. Qual considera, das seguintes soluções, aquela que deverá ser adotada no processo de ensino de crianças sobredotadas? (Pode sinalizar mais do que uma opção)

Opções	
1 – Aceleração do processo de ensino	
2 – Integração em turmas regulares com um tratamento indiferenciado	
3 – Integração em turmas regulares introduzindo alterações no processo de ensino aprendizagem	

25. Quais os principais obstáculos que o professor poderá encontrar no bom acompanhamento dos alunos sobredotados (pode indicar mais do que uma opção).

- | | |
|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| 1. Rejeição da turma em que o aluno sobredotado está inserido | <input type="checkbox"/> |
| 2. Número excessivo de alunos por turma | <input type="checkbox"/> |
| 3. Falta de formação por parte dos docentes | <input type="checkbox"/> |
| 4. Falta de tempo para dar mais apoio a estes alunos | <input type="checkbox"/> |
| 5. Exigência de cumprimento de programas | <input type="checkbox"/> |
| 6. Falta de apoio de técnicos na área da psicologia da educação | <input type="checkbox"/> |
| 7. Falta de sensibilização, por parte da comunidade educativa para esta problemática | <input type="checkbox"/> |
| 8. Outro | <input type="checkbox"/> |
- Qual? (quais) _____

26. Sente-se capaz de acompanhar, a nível escolar, uma criança sobredotada?

- | | |
|-----------------------------------------------------|--------------------------|
| Sim | <input type="checkbox"/> |
| Sim, mas recorrendo a ajuda de outros profissionais | <input type="checkbox"/> |
| Não | <input type="checkbox"/> |

27. Caso necessite de recorrer a outras ajudas profissionais, quem procuraria para ajudar nessa tarefa? (pode sinalizar mais do que uma opção)

- | | |
|-------------------------|--------------------------|
| Psicólogo | <input type="checkbox"/> |
| Professor especializado | <input type="checkbox"/> |
| Médico escolar | <input type="checkbox"/> |

28. No caso de ser capaz de adotar estratégias para desenvolver as capacidades do aluno sobredotado, que repercussões acha que daí advirão, a nível do seu desempenho escolar?

Nível	
1 – Nada significativas	
2 – Pouco significativas	
3 – Bastante significativas	
4 – Muito significativas	

29. Acha que, nas suas aulas, a criatividade, a intuição e a imaginação são valorizadas, curricularmente, em termos de conteúdo e processo?

Sim Não Não sabe

Obrigada pela Colaboração!

ESCALA PARA PROFESSORES DO 1º CICLO

Nome do(a) aluno(a): _____

Escola: _____ Ano: _____ Turma: _____

Há quanto tempo conhece o(a) aluno(a): _____

INSTRUÇÕES

Por favor lei cada um dos seguintes itens e considere a frequência com que observou a presença de cada uma das características ou condutas no(a) aluno(a) acima identificado(a). Coloque uma cruz na coluna correspondente de acordo com a seguinte escala: (Se não observou alguma característica, devido à disciplina que leciona, não assinale).

1. Raramente
2. Poucas vezes
3. Algumas vezes
4. Quase sempre ou sempre

	1	2	3	4
1- Colocou muitas questões na sala de aula.				
2- Falou muito sem ser solicitado.				
3- Habitualmente fez os trabalhos de casa às várias disciplinas.				
4- Respondeu rápida e acertadamente às solicitações do(a) professor(a), qualquer que seja o tema.				
5- Tem maior capacidade intelectual do que os seus colegas.				
6- Tem um vocabulário rico para a idade e o ano de escolaridade que frequenta.				
7- Compreendeu com facilidade a informação transmitida e recorda-a com facilidade.				
8- Aplicou os conhecimentos adquiridos numa matéria, noutra matéria diferente.				
9- Cumpriu adequadamente as obrigações e os deveres escolares.				
10- Assumiu responsabilidades e obrigações.				
11- Comportou-se bem na sala de aula.				
12- Relacionou-se facilmente com os outros.				
13- Envolveu-se frequentemente em conflitos.				
14- Comportou-se bem no recreio escolar.				
15- Relacionou-se facilmente com os pares.				
16- Foi-lhe fácil fazer amigos.				
17- Tem os amigos que deseja.				
18- Tem muitos amigos.				
19- É conhecido e estimado pelos colegas.				
20- É mais popular do que a maioria dos seus colegas.				
21- Empenhou-se na prática de desportos e atividades físicas.				
22- Deu importância à prática de desportos e atividades físicas.				
23- Foi bom/boa em todos os desportos.				
24- Obteve êxito em desportos novos.				
25- Foi persistente e ativo(a) nas atividades físicas.				

26- Preferiu participar em vez de observar os jogos e desportos.				
27- É mais competente em desportos e atividades físicas do que a maioria dos seus colegas.				
28- Gosta do seu corpo.				
29- Gosta do seu aspeto físico.				
30- Acha que o seu peso e altura estão adequados.				
31- Acha a sua aparência física adequada.				
32- Tem melhor aparência física do que a maioria dos seus colegas.				
33- Tem melhor aparência física do que a maioria dos seus colegas.				
34- Está satisfeito(a) consigo próprio.				
35- Gosta de ser tal como é.				
36- Está satisfeito(a) com a forma como faz as coisas.				
37- Gosta da maneira como conduz a sua vida.				
38- Tem melhor comportamento do que a maioria dos seus colegas.				
39- Tem mais autoestima do que a maioria dos seus colegas.				

OBSERVAÇÕES

Obrigada pela sua colaboração

Entrevista Semiestruturada à Professora Titular de Turma

Bom dia, agradeço ter acedido a conceder-me esta pequena entrevista para falarmos do A.

Nome do aluno: João Maria de Potes Cordovil Cardoso Dias

Nome do Pai: Nuno Pedro Martins Cardoso Dias

Nome da Mãe: Maria Helena Gago da Câmara de Potes Cordovil C. Dias

Habilitações do Pai: : Licenciatura em Direito – Pós Graduação em Direito

Ambiental e Urbanismo – Doutoramento em Direito Público

Habilitações da Mãe: Licenciatura em Geografia e Planeamento Regional – Plano Formação Educacional

1. Em que data recebeu o aluno?

R: Recebi o aluno em setembro de 2010.

2. Em que turma é que se encontra o A?

R: Encontra-se numa turma de segundo ano, com todos os alunos ao nível 2, à exceção dele que está ao nível 2/3.

3. Quantos alunos tem a turma?

R: A turma o ano passado tinha 23 alunos, este ano tem 22.

4. Qual a média de idades dos alunos da turma?

R: A média de idades dos alunos é de 7 anos, à exceção de um que teve um adiamento de matrícula no Jardim de Infância e tem 8.

5. Tem algum aluno com NEE? De que tipo? (considera o A. uma criança com NEE)

R: Apenas o próprio A. É uma aluno sobredotado e foi-lhe diagnosticado sobredotação do tipo intelectual, daí que o considere um aluno com Necessidades Educativas

Especiais. Neste momento é um aluno que não usufrui de apoio do Núcleo de Educação Especial, tendo apenas apoio psicológico. Isto porque como ele está estável a nível emocional e psicológico, achou-se por bem que não haveria necessidade deste apoio.

6. O conselho de turma teve conhecimento e acesso aos relatórios que o A. possui no seu processo?

R: Portanto, não tiveram acesso à documentação uma vez que em reuniões de Conselho de Núcleo e de Avaliação foram sempre tomando conhecimento das características do aluno.

7. Depois de terem contato com o A., qual foi a reação dos professores, referente ao aluno e, se é do seu conhecimento, ao constante nos relatórios?

R: No início a reação é sempre “sobredotado, então sabe tudo”. Eu própria no início não acreditei muito, confesso o meu desconhecimento, tinha um bocadinho a perceção de que um sobredotado é um aluno muito bom em todas as áreas, um aluno com uma grande capacidade de comunicação, que gostava da escola e gostava de aprender. No início do ano passado o A. não tinha esse perfil, até nem era o melhor aluno da turma, porque não gostava de estar na escola, como já sabia ler e escrever a escola não lhe fazia sentido. No início pensei “Sobredotado mas em que aspeto? Não vejo nada ali de sobredotado.”. Depois, à medida que fui diferenciando o trabalho, as aprendizagens, realmente notou-se que ele é um aluno com uma grande capacidade de aprendizagem e que já possui muitos conceitos não da sua faixa etária mas sim de um nível superior. Houve realmente necessidade de diversificar o trabalho para que ele demonstrasse as suas capacidades, porque ao trabalhar ao nível dos outros ele sentia-se desmotivado. Por parte dos outros colegas do conselho de turma, para ser sincera, não vejo essa

diferenciação pedagógica, nem no Inglês nem na Expressão Física e Motora. O A. é tratado de maneira igual aos restantes colegas. Mas também, como ao nível da Educação Física ele é um aluno que tem menos apetência, sendo um aluno apenas de suficiente nesta área, revelando alguma descoordenação motora, e ao nível do Inglês era uma área que ele também não dominava, passam a ser áreas em que as aquisições serão ao nível dos restantes colegas. Depreendo daí que, se calhar, não houve a necessidade de diferenciação, o que não quer dizer que no próximo ano letivo não se revele necessária. No que respeita à reação dos colegas do Conselho de turma face ao fato de o A. ser um aluno sobredotado foi a nível geral a mesma que a minha, até porque ao nível do comportamento ele foi muito difícil, porque era um aluno que dificilmente concentrava a atenção, dispersava muito, mesmo sentar-se, ainda hoje não lhe é fácil estar sentado corretamente durante um período de 45 minutos fato que põe em causa o diagnóstico tendo em conta a ideia inicial que tínhamos de sobredotado.

8. Os colegas do conselho de turma têm alguma opinião formada sobre o A?

Qual/quais?

R: Bem, as opiniões diferem uma vez que, para quem está com ele um dia inteiro, como é o meu caso, estabelece-se uma relação diferente, porque ao longo do dia ele tem variações de humor e de comportamento distintas. Um professor que vem lecionar durante apenas 45 minutos e apanha um momento menos positivo do A., claro que a sua reação irá ser diferente, acaba por ser mais difícil estabelecer uma empatia com o aluno por parte dos professores, como existe comigo por exemplo. Trabalhar com o A. foi até um desafio que aceitei de espírito aberto, e também para saber até que ponto eu era capaz de lidar com ele, porque nunca tinha tido um aluno com estas características. Por vezes pode-se dizer que se verifica nos outros colegas um certo distanciamento, porque

ele é uma criança que contesta tudo, argumenta e justifica sempre o que está a dizer, o que às vezes em 45 minutos uma pessoa não tem o tempo nem a disponibilidade para lhe dar a atenção necessária, como eu que estou o dia inteiro com ele. Noto que em relação aos outros professores não há aquela relação de afetividade tão grande com o A. como aquela que eu tenho, justifico isso mais uma vez com a diferença de tempo despendido com o aluno.

9. Que tipo de capacidades o A. tem mais desenvolvidas?

R: O A. tem uma excelente memória e capacidade raciocínio lógico. Como eu costumo dizer “ele às vezes na sua falta de lógica tem lógica.”, porque tenta encontrar uma justificação que, mesmo não seja lógica é coerente, conseguindo arranjar um fio condutor para justificar uma determinada posição. De mencionar como área forte também a comunicação, uma vez que ele consegue expressar muito bem uma ideia, sendo que por vezes muito lentamente, uma vez que ele tem várias ideias ao mesmo tempo e revela alguma dificuldade em selecionar uma ou outra e desenvolvê-la. Isto revela-se na escrita, sendo os textos dele por vezes confusos por isso mesmo, o A. junta várias ideias e o texto por vezes fica confuso de se perceber. De mencionar que o A. possui também um bom vocabulário, uma boa construção frásica, interpreta muito bem e faz inferências tendo em conta o que está no texto, justificando sempre.

10. Qual(ais) a(s) área(s) em que o A. apresenta maiores dificuldades?

R: O A. apresenta dificuldades na área da escrita, não ao nível nem da sintaxe nem da ortografia mas na estruturação das ideias como já referi.

11. O A. integrou-se bem na turma? Como descreveria tal integração?

R: A nível geral eu penso que sim, se bem que ele no início não se integrava no grande grupo propriamente, era muito seletivo, tentando encontrar 1 ou 2 colegas que fossem o mais parecidos possível com ele e as brincadeiras eram muito centradas no manuseamento de livros por exemplo ou inventava jogos de imaginação o que nem sempre motivava os restantes. Não era aquele tipo de criança capaz de mobilizar o diálogo nem a turma, mantendo-se um pouco distante e mais seletivo. Atualmente já alargou mais o leque de amizades mas mesmo assim não se pode dizer que ele é líder dentro da turma. Por vezes até, como ele tem aquelas teorias muito elaboradas, quando a está a explicar nota-se um certo aborrecimento por parte dos colegas porque não estão a acompanhar o raciocínio, não é que não seja uma criança querida na turma mas não causa aquele impacto de líder quando chega. No geral é uma turma que não o põe de parte mas também não tem quele grande interesse pelo A.

12. Acha que, de um modo geral, o A. é um aluno que tem facilidade em socializar? Como descreveria a forma como estabelece relações sociais?

R: É mais ou menos o que eu já expliquei. Se for com o tipo de criança que também tem algum interessa nas áreas que ele tem interesse, ele consegue estabelecer uma boa relação, se for uma criança que está mais virada por exemplo para os jogos de luta ou futebol, como ele não gosta destas áreas não se integra muito bem no grupo. De referir que não noto que exista discriminação ou que ele seja expulso do grupo, mas também não o chamam o que leva a ele não se integrar nesse grupo.

13. A nível emocional e relacional com os outros como é o A.?

R: Vai de encontro ao mencionado na questão anterior, mas é um miúdo muito afável e não é nunca de discriminar. É uma criança que quando magoa alguém gosta sempre de pedir desculpa, é pacífico e não é conflituoso.

14. No que respeita à maturidade, está ao nível esperado para a idade do aluno?

R: Ao nível da maturidade eu acho que o A. tem a maturidade referente à sua idade, no que se refere ao comportamento, ao nível das relações e brincadeiras por exemplo, são adequados à sua idade. Ao nível dos interesse de mencionar que são um bocadinho diferentes, mas é um aspeto que não sei até que ponto estará ligado com a maturidade ou se com o ambiente familiar em que o A. vive. É uma família muito voltada para os livros, que lhe faculta um ambiente muito estimulante e organizado, o que facilita e condiciona o seu comportamento.

15. Como é o comportamento do A. na sala de aula?

R: Ao longo do dia é como o clima de S. Miguel (risos). Se as atividades forem voltadas para o interesse dele, por exemplo uma aula de Estudo do Meio, ele está muito concentrado, tendo no entanto de ser sempre o primeiro a falar, tem que dizer tudo o que sabe e até ao fim, mesmo que não seja a vez dele falar, se assim não for ele desconcentra-se e está sempre de dedo no ar. Se for uma atividade qua não tem tanto interesse para ele, vai fazendo devagarinho. Eu costumava por exemplo marcar-lhe meia hora para fazer uma atividade, o A. levava cerca de vinte e cinco minutos sem fazer quase rigorosamente nada, chegava aos últimos 5 minutos fazia tudo. Portanto, ele sabia que tinha que gerir aquele tempo e deixava sempre para o fim do género “eu sei fazer isto, por isso os últimos 5 minutos bastam para o fazer.”. Até que comecei a dar-lhe

menos tempo para fazer as tarefas. Durante essas atividades de menor interesse revela uma postura de quem está a pensar em qualquer coisa completamente alheio ao que se está a passar na sala de aula. Mas acho que será como qualquer aluno, quando suscita interesse revela-se mais atento quando não lhe interessa está mais desatento. A nível geral ainda é muito difícil ele estar sentado corretamente na sala de aula, ao nível da participação tem que ser sempre o primeiro a falar e dizer tudo o que sabe, se de repente um assunto lhe faz lembrar outro, ele não se inibe e tem que perguntar naquela hora mesmo que não tenha nada a ver. Mesmo que se imponha ali uma regra de “tu agora não falas”, “espera pela tua vez”, ele tem que levar a sua avante. Não é uma criança insolente nem mal-educada nem nada do género mas acho que tem essa necessidade e é muito intuitivo, tem que ser mesmo naquela hora, o que por vezes perturba o normal funcionamento da aula.

16. Qual a relação do A. Com os colegas de turma?

R: O A. a nível geral é muito afável, simpático. De um modo geral não cria conflitos, se há algum conflito pede sempre desculpa, porque tem também essa cultura de casa.

17. O A. Tem algum(a) grande amigo(a) na turma? Qual acha que será a razão para que seja essa criança e não outra?

R: Tem, tem um outro menino, seu grande amigo o B. A grande razão para essa amizade é a semelhança de interesses, o B também quer ser paleontólogo, o B também gosta de dinossauros, a sua família é muito semelhante à família do A. e desde o início houve uma grande empatia. Para além da escola têm ambos atividades extracurriculares em comum como os escuteiros, a catequese, a nível familiar também têm uma relação próxima. É realmente o seu grande amigo, tanto que a nível de textos por vezes lá vem o

nome dele, notando-se que existe realmente uma grande empatia, mas friso mais uma vez, principalmente devido à semelhança das características e interesses.

18. Qual o nível de conhecimento em que se encontra, no que respeita à sobredotação, agora que tem um aluno sobredotado?

R: Eu penso que agora tenho um conhecimento médio sobre o assunto, também não tenho tido muito tempo para investigar, confesso que o ano passado investiguei mais porque era tudo novidade para mim e não sabia muito bem como havia de dar a volta à questão. Agora já percebi perfeitamente que um aluno sobredotado não tem que ser bom em tudo, pode até inclusivamente, se não for bem acompanhado, ser um mau aluno, pode ter uma área forte e ser menos bom noutras áreas, principalmente penso que já domino essas características e já sou mais capaz de, quando e se me aparecer mais algum aluno com essas características já sou capaz de o identificar. Neste caso confesso que se os pais não tivessem vindo já com a ideia de que ele tinha alguma coisa de diferente e não tivessem desencadeado o processo de avaliação, eu se calhar no início ia ter mais dificuldade em lidar com o A. porque não sabia bem até que ponto a sua postura era de falta de educação, uma inadaptação à escola, uma vez que não tinha mesmo conhecimento do que era um aluno sobredotado. Agora já estou mais desperta para isso, pelo menos para desconfiar de que poderá haver ali uma sobredotação.

19. Pode-me facultar as notas do A. referentes ao período transato?

R: Sim, com certeza, já lhas dou. Em relação ao ano anterior o A. subiu as suas notas no que respeita ao Português, uma vez que o ano passado era apenas aluno de Bom, precisamente pela parte da escrita, uma vez que ele não gostava de escrever e foi preciso inventar 1001 estratégias, por exemplo a escrita de um livro, com o objetivo de desenvolver o gosto pela escrita. Hoje em dia, não é que goste muito mas já não tem

aquela aversão. Nos testes intermédios do 2º ano, ele obteve Satisfaz Bem quer no Português quer na Matemática, quase 100% nas duas provas, errando apenas uma ou outra questão apenas por distração.

20. É feita alguma diferenciação pedagógica com o A.? Quais as estratégias a que recorre no processo de ensino/aprendizagem do A.?

R: A diferenciação pedagógica verificou-se todos os dias, principalmente ao nível da Matemática, usando atividades e estratégias que estejam de acordo com os interesses e com o nível de maturidade dele. Este ano desenvolveu conteúdos do 2º ano que ainda não tinham sido trabalhados e essencialmente conteúdos ao nível do 3º ano principalmente no que respeita a situações problemáticas e exercícios para trabalhar o raciocínio. No que respeita ao Português ao nível do funcionamento da língua já trabalhou muitos conteúdos do 3º ano. No que respeita ao Estudo do Meio, os conteúdos são os mesmos, o que varia é o grau de aprofundamento. Por exemplo ele faz pesquisas sobre os diversos temas. Quando demos as plantas o A. teve curiosidade em saber o que era a fotossíntese e fez uma pesquisa sobre a mesma. Depois eu aproveitei essas informações para transmitir à restante turma, sendo ele a apresentar o resultado do seu trabalho, para que os outros não se sintam “à parte”. Todas as estratégias implementadas têm surtido efeito uma vez que ele este ano está muito mais motivado para vir para a escola.

21. Que tipos de apoios são prestados a A. pela escola?

R: Um dos apoios prestados é o apoio psicológico. Uma das medidas que constam do Projeto Educativo Individual (PEI), o apoio do ensino especial, em regime de consultadoria, não tem sido prestado mas se eu tiver alguma dúvida poderei consultar os

meios ao dispor. De resto não tem sido necessário mais nenhum tipo de apoio. Uma outra medida constante do PEI é o enriquecimento curricular prestado por mim à medida que o nível de aprendizagem dele vai subindo e os interesses vão mudando.

22. Acha que a escola está preparada, para responder às necessidades deste tipo de aluno?

R: Não, não. Era preciso por exemplo uma biblioteca com livros atualizados. Nesse aspeto o A. tem muita sorte em ter a família que tem, há coisas que a escola não pode dar. Há enciclopédias, livros, filmes, que, ou teria que ser eu a arranjar sozinha ou então, se não tivesse a família que tem, não veria as suas necessidades satisfeitas. No que respeita ao acesso aos meios de informação e comunicação, nomeadamente internet e computador, tenho a facilidade de estar aqui ao lado da sala de informática da escola, o que facilita o acesso à diversa informação de que o A. necessita. Caso a sala de aula ficasse num outro bloco, não teria esse apoio. Dentro da própria sala também faltam recursos como um “datashow”, um quadro interativo, e outros equipamentos necessários para o visionamento e dinamização de outras atividades. A escola pública, e esta em concreto, não tem condições para responder às necessidades de alunos sobredotados.

23. Quais são as principais barreiras com que se depara normalmente para atender este tipo de aluno?

R: Tomo como barreira o meu desconhecimento científico, no início, o que levou a ter que pesquisar. Os pais foram ao Continente e contactaram com uma Associação, mas o feedback que me deram não foi nada de concreto, indo de encontro ao que eu já fazia ou ainda mais. Sinto que há muita falta de documentação, não no sentido teórico,

documentação com exemplos práticos: o que se faz com um aluno com estas características, que tipo de exercícios, que tipo de atividades, porque não é fácil. Na minha formação inicial tive uma cadeira que falava de Dificuldades de Aprendizagem e de Necessidades Educativas Especiais, mas numa abordagem teórica, não mencionando sequer a sobredotação. Sinto que existe falta de apoio de especialistas nessa área, um psicólogo por mais especializado que seja ainda domina muito mais a parte teórica do que a parte prática. Faltam os recursos necessários nas nossas salas de aula e muito importante também, a falta de legislação específica, que aborde concretamente esta problemática, que a assuma como uma Necessidade Educativa Especial e que contemple, por exemplo, medidas como a redução de turma, na existência de um aluno sobredotado.

Entrevista Semiestruturada aos Encarregados de Educação

Boa tarde. Agradeço ter acedido a conceder-me esta pequena entrevista para falarmos do A.

1. Como era o A. quando era bebé? Desde os 6 meses mais ou menos até aos 2 anos.

R: Durante esta faixa etária o A. revelou-se uma criança dita normal. Hoje em dia, percebemos que desde muito cedo conseguia já ter a perceção da vida. Adorava ouvir música, desde os seus 6/7 meses, reagindo à mudança de uma para outra diferente.

2. Com que idade é que o A. começou a falar fluentemente e de forma compreensível?

R: O A. começou a falar com fluência com 2 anos.

3. Quais eram as brincadeiras preferidas do A.?

R: Era uma criança que gostava de trabalhar com tudo. Começou a fazer puzzles muito cedo, com menos de 2 anos, e não estamos a falar de puzzles de cubos, tratavam de puzzles de peças pequeninas com 25 a 30 peças. Na altura não achámos nada de muito especial, mas hoje realmente não somos da mesma opinião.

4. Quais as principais fontes de interesse do A. desde pequeno?

R: Desde muito pequeno, revelou muito interesse por tudo o que aparecesse nos livros e documentários que se relacionasse com astronomia, Egipto, Leonardo da Vinci, dinossauros e história de Portugal.

5. É uma criança que sempre colocou e coloca muitas questões? Sobre que assuntos em especial?

R: Sim, muitas! Colocar questões sempre foi e é o seu forte. As notícias são sempre um bom mote para uma pergunta. Tudo lhe desperta curiosidade e implica uma questão, fato que contribui para que seja uma criança que se distrai facilmente. Ordens simples como por exemplo “A, vai buscar as meias.” podem por exemplo deixar de ser realizadas se, pelo caminho houver uma qualquer coisa que lhe desperte interesse.

6. Mais ou menos, com que idade é que começou a demonstrar grande interesse por livros?

R: Achamos que o A. revelou interesse por livros desde sempre, tinha ainda apenas alguns mezinhos de vida. Iniciou claro pelo interesse em ver a imagem, progredindo para o encontrar da imagem nomeada, solicitando sempre que lhe contássemos histórias. No contar das histórias tinha uma particularidade que era o apontar para as imagens ilustrativas da parte narrada após termos nós contado a história uma vez, queria ele recontá-la através das imagens. Tal reconto era realmente fiel à história, chegando a corrigir um ou outro fato que tivéssemos alterado, tudo isto antes dos 3 anos. Era uma criança que memorizava à primeira o texto e numa segunda oportunidade de reconto fazia-o de uma forma fidedigna.

7. Quando é que o A. começou a ler com fluência?

R: No que respeita à leitura podemos dizer que, por volta dos 3 anos e meio já juntava as letras e sílabas, fazendo já a leitura de palavras simples. A leitura foi, desde muito cedo, um dos seus interesses de eleição.

8. Quando começou a ler gostava de ler historinhas ou outro tipo de livros?

R: Quando iniciou realmente a ler, demonstrou bastante interesse por enciclopédias, essencialmente aquelas que abordam temas do seu interesse

9. Quando é que o A. foi diagnosticado como sobredotado? Qual foi a entidade responsável pelo diagnóstico?

R: Quando o A. tinha 5 anos foi submetido a uma avaliação no colégio que frequentava. Desta avaliação a psicóloga verificou que o nosso filho tinha Q.I. acima da média mas as coisas ficaram por aí. Na interrupção letiva de Verão que se seguiu falamos com a Dr.^a Carina, a psicóloga que o segue atualmente. Quando o A. entrou para a escola onde se encontra atualmente, a mesma psicóloga, sensibilizada e interessada pelo caso, efetuou nova avaliação e realmente as coisas encaminharam-se para que o nosso filho fosse tratado como sobredotado e apoiado de acordo com as suas necessidades.

10. Como é que foi a adaptação do A. ao Jardim de Infância?

R: Durante o seu percurso no Jardim de Infância, o A. teve todos os anos uma educadora diferente, não sendo isso razão para que não se adaptasse ou estranhasse o jardim, apenas a educadora dos seus 4 anos é que não o estimulava muito, em parte devido às regras impostas pelo colégio. Em termos de adaptação desde o primeiro dia

quando chegávamos lá no final do dia para o ir buscar o seu comentário era “O quê, já!! Vão tomar um café!”.

11. Como foi a adaptação do A. à escola?

R: No que respeita à sua entrada na escola podemos dizer que esta fase foi ótima para o A. Ele adaptou-se desde logo à sua professora, até porque houve umas duas semanas em que optaram por coloca-lo numa turma do segundo ano e as coisas não correram muito bem, ele próprio fez de tudo para voltar à sua professora inicial e à sua turma do 1º primeiro ano, revelando o quanto ele se adaptou bem e vinculou desde logo à sua professora.

12. Foi-lhe fácil fazer amigos?

R: No que respeita ao fato de se relacionar com as outras crianças, foi-lhe fácil fazer amigos. Foi uma criança que sempre procurou relacionar-se com as outras, gostando de ser aceite pelos outros nas brincadeiras mais sérias, não alinhando em disparates para que seja aceite, o que para nós é ótimo, revelando a sua maturidade.

13. O A. tem muitos amigos?

R: O A. é uma criança que seleciona os seus verdadeiros e amigos mais chegados de acordo com os seus interesses desde que estes sejam comuns. Sendo que se relaciona também facilmente com os restantes colegas. Ele mesmo costuma afirmar “Tenho dois mais a minha família toda.”

14. Como é a relação do A. com os irmãos?

R: Nas suas relações no núcleo familiar o A. revela-se muito amoroso, protetor, muito atencioso com os irmãos, embora por vezes se revele um pouco “desligado” quando direciona a sua atenção para coisas do seu interesse próprio.

15. Como é a relação do A. com os adultos, familiares e amigos da família?

R: A sua relação com os adultos, de um modo geral é boa, embora seja de todos eles o que tem mais dificuldade em perceber que não se interrompe uma conversa de adultos, não sendo nunca desrespeitador com os adultos, é uma atitude que advém da sua impulsividade e necessidade de resolução das suas questões. É uma criança que inicia

uma conversa com muita facilidade, exigindo por parte dos adultos tempo para o ouvir até ao final.

16. Quando o A. ingressou na escola e transmitiu aos responsáveis, nomeadamente à professora titular de turma, o diagnóstico de sobredotação, qual foi a reação da comunidade escolar?

R: Quando o A. entrou para a escola, tivemos desde logo a preocupação de colocar os responsáveis a par das nossas inquietações. Tínhamos a séria preocupação de não querer um rótulo para o nosso filho, mas desde o primeiro contacto temos a dizer que, na escola realmente todos foram impecáveis, desde o pessoal auxiliar à professora titular. Transmitimos a informação, não de que seria sobredotado mas sim de que estava avançadinho para a sua idade. Falámos com a psicóloga para que lhe fosse feita uma avaliação e com a professora titular de turma, a qual foi desde logo impecável connosco. Quando a psicóloga realmente confirmou o diagnóstico não foi grande surpresa para nós, até então não queríamos muito encarar essa possibilidade.

17. As capacidades do A. foram bem aceites e reconhecidas pela professora?

R: A professora titular de turma, desde o primeiro momento demonstrou-se interessada, encarando o A. como um desafio constante, sem nunca baixar os braços nem desenvolver esforços para que o nosso filho se sentisse o mais confortável e motivado possível na escola.

18. Em que ano está o A.?

R: O A. encontra-se numa turma de segundo ano.

19. A atual professora acompanha-o desde quando?

R: A atual professora acompanha o A. desde setembro de 2010, início do 1º ano de escolaridade.

20. Quais são os apoios de que o A. dispõe atualmente (pedagógicos, psicológicos, etc.)?

R: Um dos apoios prestados é o apoio psicológico. Uma outra medida que consta do Projeto Educativo Individual (PEI) é o apoio do ensino especial, em regime de

consultadoria, que será prestado no caso da professora titular ter alguma dúvida na sua ação. De resto, e até ao presente, não tem sido necessário mais nenhum tipo de apoio.

21. O A. por norma, faz os trabalhos de casa, às várias disciplinas, com ou sem ajuda?

R: Normalmente ele faz os seus trabalhos sem ajuda, inicia-os no ATL mas como raramente os termina lá, nós depois revemos os trabalhos em casa com ele mais numa postura de supervisionar essencialmente a qualidade do que ele fez, no que respeita à qualidade da caligrafia por exemplo, uma vez que a mesma de vez em quando é um pouco descuidada.

22. As “notas” do A. são boas?

R: As notas dele são boas, são de Satisfaz Bem e Satisfaz Muito Bem, de mencionar que, este ano letivo, foram melhores do que o ano passado.

23. O A. dá importância à prática de desportos e atividades físicas? Quais?

R: Sim, ele dá muito importância à prática de desporto e atividades físicas encontrando-se a praticar várias modalidades de desporto. É uma criança que reconhece também a sua importância como sendo práticas saudáveis e revela-se também amigo do ambiente.

24. Como gosta o A. de ocupar os tempos livres. O que mais gosta de fazer?

R: Essencialmente ocupa os seus tempos livres fazendo por vezes algumas pesquisas sobre dúvidas e inquietações que lhe surgem e costuma ler também.

25. No que respeita à autoestima, o A. é uma criança que gosta do seu corpo, do seu aspeto físico?

R: É uma criança que no geral gosta de si, no entanto não é vaidoso nem percebe como é bonito, não se preocupa se está todo sujo ou não. O A. percebe que está avanço em certas coisas havendo certas situações em que encara isso com normalidade e outras em que se revela um pouco “convencidinho”

26. Como acha que será o futuro do A.?

R: Acreditamos que ele terá um futuro brilhante, entre ser astronauta paleontólogo ou pianista... Não podemos sonhar com o percurso escolar perfeito, tenho sim que pensar agora que ele irá criar as suas asas e será muito feliz de certeza.

27. Acha que a nossa sociedade, em especial o meio em que vive (ilha de S. Miguel), está preparado para responder às necessidades de crianças como o A.?

R: Achamos que em lado nenhum ele terá as respostas de que necessitará, ninguém tem... Cabe-nos a nós pais, tentar proporcionar o máximo de experiências e estímulos. As coisas também se criam, se ele quiser desenvolver a sua vida cá, porque aqui tem qualidade de vida, é o seu dever dar o melhor pelas suas raízes, pela sua terra. Acho que ele irá ser um bom contributo para a sociedade açoriana. Onde ele vai chegar não interessa, o que nos interessa realmente é que seja feliz e bom cidadão.



Aqui fica um vídeo muito esclarecedor de questões muito importantes como: O que é a sobredotação? Como se identifica uma criança sobredotada? Qual a intervenção educativa a ter com estas crianças?

As crianças sobredotadas exigem sempre mais, e as estratégias pessoais e físicas, são então modificadas e após a correspondência às necessidades – consegue uma boa e equilibrada utilização do seu potencial, o que nem sempre é fácil.

A escola, sempre que possível, deve implementar estratégias de diferenciação pedagógica, no entanto, por vezes é que acontece e que se “desperdiça” talento, por incapacidade da escola de adequar situações, ao perfil das capacidades e talentos especiais, destas crianças.

Adriana Campos é licenciada em Psicologia, mestrada em Psicologia Escolar e comunitária pela universidade de Psicologia de EDUCARE PT

Em poucas palavras comente as palavras de Adriana Campos, referindo-se concretamente com a sua postura e afirmações, ao que respeita à temática em discussão.

Publicado por [Dulce Paes](#) em 14/11 7 comentários

Quarta-feira, 22 de Fevereiro de 2012



Muito obrigado, obrigado!!! Damos muito ao crédito ao trabalho que grandes educadores!!!

Será este momento sobredotado???

Abraço, e que o que cada um de vocês saiba sobre o que é uma criança sobredotada?

Publicado por [Dulce Paes](#) em 17/11 7 comentários

Domingo, 22 de Fevereiro de 2012



Um dos grandes problemas que é preciso resolver de imediato no estatuto dependente por incapacidade da escola na identificação das crianças sobredotadas.

Segundo Aboula e Oliveira (2000), a escola, apesar de ser socialmente reconhecida como instituição pedagógica por excelência, convive bastante mal com a diferença. A sua organização, pelo menos nos seus inícios, traduz uma menor preocupação com a idade das crianças do que com as suas capacidades e competências pessoais.

Vários estudos concluem que, o talento desperdiçado por parte da escola prende-se em sua maior parte, devido ao facto de a escola não ter a capacidade de identificar e apoiar com tipo de alunos, por falta de recursos humanos e materiais.

Será que cada um de nós se sente capaz para identificar uma criança sobredotada?

Publicado por [Dulce Paes](#) em 10/11 23/11 7 comentários

Segunda-feira, 17 de Fevereiro de 2016



A escola inclusiva continua-se com a necessidade de ser capaz de desenvolver uma resposta centrada nas necessidades e características específicas de cada criança e de as educar a todas com sucesso. A atitude social, a celebração e a recompensa, as estratégias de apoio especializado, o desenvolvimento profissional dos docentes, o envolvimento parental, entre outros, é necessário para a construção conjunta deste projecto.

A criança sobredotada apresenta um conjunto de características específicas que pressupõe por parte da escola, o desenvolvimento de condições especificamente adaptadas, com o objetivo de promover a integração social, familiar e social destas crianças. Ainda é sobredotada e é português.

O que fará cada um de vocês, se na vossa sala entrarem todos os dias o André?

Estaria preparado (s) para trabalhar com esta criança sobredotada?
Qual seria a vossa postura pedagógica?

Publicado por Helena Serra em 12 de Fevereiro de 2016

Publicado por Helena Serra em 12 de Fevereiro de 2016

Quarta-feira, 10 de Fevereiro de 2016



A Divulgação da problemática da sobredotação em Portugal, tem a dever-se às apuradas e extensas de algumas associações privadas. Em 1986 nasce em Portugal uma importante associação, a APCS (Associação Portuguesa das Crianças Sobredotadas) <http://apcs.org.pt>

Helena Serra, da direção da APCS (Associação Portuguesa de Crianças Sobredotadas), defende que "É preciso acabar com a ideia de que a sobredotada é infeliz. Este tipo de crianças não precisam de ser muito "acomodadas" com os outros, a maioria encontra-se bem. Existe uma sociedade crescente de estar preparado para que, como Profissionais de Educação, sejam capazes de identificar e desenvolver estratégias e mais adequadas posturas e que respondam adequadamente às necessidades destas crianças.

Deixe a sua opinião sobre a declaração da Dr.ª Helena Serra.

Publicado por Helena Serra em 10 de Fevereiro de 2016

Publicado por Helena Serra em 10 de Fevereiro de 2016

Lisboa, Portugal

Publicado por Helena Serra

Subscrição

Modelo Inspec - Imagem de modelo por Helena Serra - Tecnologia de Design